

✕ DIÁLOGOS

C U L
T U R
A I S



—
ORG.

KATIUSCIA MELLO FIGUERÔA
ANDRE LUIZ PINTO DOS SANTOS
ETIENNE MARCELINO HENKLEIN

ARTES VISUAIS
MÚSICA
EDUCAÇÃO FÍSICA

—
LINGUAGENS CULTURAL E CORPORAL

Editora Escolha Certa



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diálogos culturais [livro eletrônico] /
[organizadores Katiuscia Mello Figuerêda, André
Luiz Pinto dos Santos, Etienne Marcelino
Henklein]. -- 1. ed. -- Curitiba, PR : Escolha
Certa Editora, 2025.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-85446-25-9

1. Arte e cultura 2. Cultura e sociedade
3. Educação 4. Interdisciplinaridade 5. Música I.
Figuerêda, Katiuscia Mello. II. Luis Pinto dos
Santos, André. III. Henklein, Etienne Marcelino.

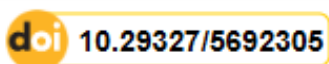
25-306112.0

CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte e cultura 700

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Esta obra está sendo entregue aos leitores na modalidade Creative Commons licenciada de acordo com os seguintes termos cc by+nc. Esta indicação permite que a obra seja utilizada de forma livre, referenciando o autor, não utilizando o material com finalidades comerciais.



Há cartas de concordância com esta publicação, de acordo com posicionamento de todos os autores, guardados em arquivos do sistema.

FIGUERÔA, Katiuscia Mello Figuerôa; SANTOS, André Luiz Pintos dos;
HENKLEIN, Etienne Marcelino. (Orgs.) **Diálogos culturais**. Curitiba: Editora
Escolha Certa, 2025.

Capista: Etienne Marcelino Henklein.

Crédito da foto da capa: Pexels.com

Correção ortográfica: Juliana Fogiato Rodrigues

APRESENTAÇÃO

Refletir, expressar, transformar. Este livro reúne textos de opinião que transitam por três universos riquíssimos e interligados: as artes visuais, a educação física e a música. A partir de olhares diversos e temas instigantes, a obra convida o leitor a pensar criticamente sobre o mundo contemporâneo, suas mudanças, desafios e possibilidades criativas.

No Capítulo 1 – Artes Visuais, somos levados a explorar o poder da arte como ferramenta de aprendizado, expressão e resistência. Dos tutoriais de "faça você mesmo" ao uso do metaverso nas artes visuais, passando pelo protagonismo feminino no cinema, pela democratização do acesso aos museus e pela reinvenção artística em tempos de pandemia, cada texto oferece uma nova perspectiva sobre como a arte molda, reflete e responde ao nosso tempo.

Já o Capítulo 2 – Educação Física mergulha em temas atuais e urgentes ligados ao corpo, à saúde, ao esporte e à sociedade. Com mais de vinte textos, a seção discute desde práticas sustentáveis em eventos esportivos até os desafios enfrentados por mulheres no campo esportivo. Traz também reflexões sobre inclusão, tecnologia, saúde mental e o impacto social do esporte. A Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos, o futebol feminino e até mesmo os *games* são analisados de forma crítica.

Por fim, no Capítulo 3 – Música, a sensibilidade se une à reflexão. O capítulo passeia pela música como expressão cultural, memória coletiva e cura emocional. Dos clássicos como Beethoven às manifestações populares como “Caneta Azul”, da música nos estádios ao silêncio durante a pandemia, dos coros virtuais aos festivais reinventados, os textos revelam como a música se adapta e resiste. Há também espaço para destacar o talento das mulheres musicistas, a musicalidade das festas juninas e a força da arte em tempos de crise.

A imagem da “namoradeira” escolhida para a capa do livro — figura popular da cultura brasileira, tradicionalmente posicionada nas janelas das casas — reforça visualmente o espírito desta coletânea. Assim como essas figuras que se debruçam nas janelas, observando o movimento da rua e da vida, os textos aqui reunidos partem do olhar atento de docentes que, inseridos no cotidiano social e cultural, lançam reflexões sensíveis sobre diversos temas. A

"namoradeira" simboliza a vigília cidadã nesse lugar entre o íntimo e o público, entre a escuta e a expressão, entre a vivência e o pensamento. Uma metáfora silenciosa para o diálogo que este livro propõe com seus leitores.

Este livro é um convite ao pensamento crítico, à sensibilidade e à escuta atenta. Por meio de textos curtos, opinativos e acessíveis, o leitor poderá refletir sobre temas atuais, ampliar repertórios e se conectar com diferentes formas de expressão humana. Afinal, arte, corpo e música são manifestações que nos aproximam de quem somos – e do que podemos ser.

Os organizadores.

PREFÁCIO

Nessa segunda década dos anos 2000, um assunto que reverberou por toda a sociedade foi o da urgência em contar com informações sobre as questões da vida ordinária que fossem construídas a partir de pesquisas científicas. Principalmente, aquelas que pudessem atribuir algum risco à integridade física, psicológica e social do indivíduo. Nessa direção, tornou-se, de certa forma, comum ouvir nas conversas entre amigos, mesmo nos espaços mais informais, debates sobre se aquilo que estavam discutindo tinha base científica.

Assim, a comunidade científica ganhou destaque e, com a divulgação na mídia, permitiu que, mesmo de forma sumária, diversas pessoas pudessem fazer uma relação entre um conhecimento construído sob um rigor metodológico e aqueles provenientes do senso comum.

Um fator que contribuiu para esse movimento, a favor de um olhar mais científico sobre os assuntos cotidiano, foi a proliferação das fake news – notícias falsas divulgadas, principalmente, pelas redes sociais –, espalhando boatos com repercussões muito negativas.

No entanto, apesar de ter havido uma maior repercussão da necessidade de que as informações que transitam nas vidas das pessoas precisam ter sua veracidade confirmada, ou se são resultado de comprovações científicas, esse movimento também teve suas limitações. Nesse sentido, ainda persistem, na sociedade em geral, desconhecimento e ideias pré-concebidas sobre o trabalho de um estudioso que se dedica, às vezes, a vida inteira, para compreender os diversos fenômenos que envolvem nossa existência.

Embora reconheçamos a dificuldade das pessoas, de modo geral, em estarem sensíveis à necessidade do desenvolvimento da ciência em um país, é preciso destacar uma crítica que se faz à academia sobre seu distanciamento frente ao cidadão comum. Isso porque, entre outros exemplos, a linguagem rebuscada e seu meio de divulgação, por intermédio dos periódicos especializados não chegam aos leitores que não são especializados.

Pensando nessas questões apresentadas nos nossos argumentos iniciais, a equipe de Linguagens Cultural e Corporal, composta por professores

dos cursos de Bacharelado e de Licenciatura em Artes Visuais e Educação Física e pelo curso de Licenciatura em Música, produziu um material que estivesse acessível a todo leitor.

Para isso, organizou a produção de textos dialógicos que circularam em diversos canais de comunicação e disponibilizou o material, resultado de estudos sobre diversos temas, no formato deste livro.

Iniciativas como esta têm como objetivo instrumentalizar os cidadãos com subsídios consistentes para que possam se orientar melhor na tomada de decisões sobre aspectos triviais da vida, bem como, construir opiniões mais elaboradas sobre diversos assuntos que envolvem a vida coletiva. A esperança é de que esse movimento estratégico possa ajudar a construir pontes que aproximem ainda mais a academia universitária dos cidadãos.

Esta obra é uma celebração das diversas formas de expressão humana, explorando os ricos universos da Arte Visual, Educação Física e Música. Através de textos instigantes e reflexivos, os autores convidam o leitor a mergulhar em uma jornada de aprendizado e descoberta, onde a arte visual se revela como uma poderosa ferramenta de expressão e resistência, a educação física como um campo de saúde, inclusão e impacto social, e a música como uma manifestação cultural que conecta. Dessa forma, nosso desejo é de que estes textos possam atingir um número maior de leitores e que eles façam parte da conversa entre amigos e familiares, seja na residência, no ambiente de trabalho, ou em qualquer outro local de convivência.

Convidamos a todos para que desfrutem destas leituras que, além de agradáveis, apresentam muito conhecimento produzido por estudiosos e pesquisadores que compõem esse grupo de profissionais. E abusem do que apreenderam, seja para compartilhar ou mesmo para questionar. Mais, que estes textos possam instigar a sua curiosidade, princípio essencial da produção de ciência.

Professora Dr.^a Dinamara Pereira Machado

Professor Dr. Marcos Ruiz da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – ARTES VISUAIS	10
1.1 FAÇA VOCÊ MESMO: APRENDA!	11
1.2 IDEIAS DIVERSAS: PENSAMENTO E CRIATIVIDADE.....	14
1.3 MUITO ALÉM DAS CÂMERAS – A MULHER NO CINEMA	17
1.4 QUE TAL VISITAR MUSEUS SEM SAIR DE CASA?	20
1.5 ARTES VISUAIS: O APRENDIZADO DA PINTURA EM MEIO A PANDEMIA	22
1.6 EM CADA CAOS A ARTE SE REINVENTA	24
1.7 QUANDO O ATIVISMO E OS GAMES SE ENCONTRAM	26
1.8 METAVERSO E O ENSINO DAS ARTES VISUAIS.....	28
1.9 AS MUITAS MULHERES SÃO TODAS MULHERES!	30
1.10 FÉRIAS: O ÓCIO CRIATIVO	32
1.11 IDEIAS DIVERSAS: PENSAMENTO E CRIATIVIDADE	34
CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO FÍSICA.....	36
2.1 DEZ PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS PARA ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS ESPORTIVOS	37
2.2 COPA DO MUNDO DO CATAR PROMETE EVENTO 100% NEUTRO EM EMISSÕES DE CARBONO.....	39
2.3 ESFRIOU?! NÃO DESANIME! DICAS E BENEFÍCIOS DO EXERCÍCIO FÍSICO NO INVERNO	41
2.4 DEZ DICAS PRECIOSAS AOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS REDES SOCIAIS	43
2.5 JOGOS ELETRÔNICOS SÃO REALIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	45
2.6 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E A ACEITAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO	47
2.7 O PRECONCEITO DE GÊNERO NAS PRÁTICAS CORPORAIS E VIRTUAIS	49
2.8 GESTÃO NO FUTEBOL COM ELAS NO COMANDO	51
2.9 FINAL DA COPA LIBERTADORES 2022 EM GUAYAQUIL: PARA QUEM?	53
2.10 O ESPORTE ENTRE GUERRAS.....	55
2.11 O RETORNO DO MINISTÉRIO DO ESPORTE	58

2.12 MULHERES E CRIANÇAS NO FUTEBOL: RESPOSTAS À VIOLÊNCIA E AO PREÇO DE INGRESSO	60
2.13 O LAZER É IMPORTANTE PARA A QUALIDADE DE VIDA	62
2.14 MULHERES NO ESPORTE	64
2.15 JOGOS OLÍMPICOS DE PARIS: O QUE MUDOU EM 100 ANOS?	66
2.16 DIA DO ATLETA: UMA COMEMORAÇÃO OU REFLEXÃO	68
2.17 O BRILHO BRASILEIRO NOS JOGOS PANAMERICANOS	70
2.18 DO FIM AO RECOMEÇO: UMA LIÇÃO DA COPA DO MUNDO AO FUTEBOL FEMININO DO BRASIL	72
2.19 ESTRESSE OCUPACIONAL AFETA A QUALIDADE DE VIDA E A SAÚDE?	74
2.20 FUTEBOL NO BRASIL: DA PAIXÃO À GANÂNCIA, O PREÇO DE UM ESPORTE EM CRISE	76
2.21 MAPA OLÍMPICO DO BRASIL: ORIGEM E DESAFIOS DOS NOSSOS ATLETAS	78
2.22 EXPECTATIVA X REALIDADE: LIÇÕES DO BRASIL NAS OLIMPIADAS DE PARIS 2024	80
2.23 PARIS 2024: AS EXPECTATIVAS PARA O MAIOR ESPETÁCULO ESPORTIVO DO PLANETA	82
2.24 PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO AO AR LIVRE É SAÚDE DISPONÍVEL PARA TODOS	84
2.25 OS PERIGOS DO VERÃO.....	86
2.26 COPA DO MUNDO FEMININA 2027 NO BRASIL: UMA VITÓRIA NECESSÁRIA	88
CAPÍTULO 3 – MÚSICA	90
3.1 “CANETA AZUL” PODE SER CONSIDERADA UMA MÚSICA?	91
3.2 AS MARCHAS DOS CAMPEÕES: OS HINOS DOS CLUBES DE FUTEBOL NO BRASIL	93
3.3 CANTANDO A BOLA: O FUTEBOL NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA.....	95
3.4 SOM GRAVADO DAS TORCIDAS NÃO PREENCHE OS VAZIOS NOS ESTÁDIOS	97
3.5 BEETHOVEN: 250 ANOS DO GÊNIO DA MÚSICA.....	99
3.6 SERENATA INVERTIDA	102
3.7 FAÇA-SE A MÚSICA!	103
3.8 FESTAS JUNINAS - TRADIÇÃO INTERROMPIDA E NOVAS IDEIAS PARA NÃO PASSAR EM BRANCO	105
3.9 MÚSICA SOLIDÁRIA – NO PALCO DE CASA	107

3.10 CORO VIRTUAL	109
3.11 A TRILHA SONORA DE UMA OLIMPÍADA EXTRAORDINÁRIA	110
3.12 A PRÁTICA DE INSTRUMENTOS DE SOPRO NA RECUPERAÇÃO DA COVID-19	112
3.13 EM QUANTO TEMPO EU APRENDO A TOCAR?	114
3.14 MÚSICA – TERAPIA PARA O CORPO E PARA A ALMA	116
3.15 VOCÊ É FELIZ? – REFLEXÕES SOBRE EDGAR MORIN E A POESIA DA VIDA	118
3.16 COPA DO CATAR: QUAL SERÁ A MÚSICA DO HEXA?	120
3.17 FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA EM FESTA!	123
3.18 MULHERES MUSICISTAS: TALENTOS FEMININOS QUE VALE A PENA CONHECER	124
SOBRE OS AUTORES	126
Release	131

CAPÍTULO 1 – ARTES VISUAIS

1.1 FAÇA VOCÊ MESMO: APRENDA!¹

Larissa Priscila Bredow Hilgemberg
2020

“Faça você mesmo”, em inglês, *Do It Yourself* (DIY), é um movimento que nasceu nos Estados Unidos na metade do século XX, porém é bastante conhecido e, nas casas brasileiras, este conceito vem ganhando espaço.

Mas o que significa o “fazer você mesmo”? O “faça você mesmo” se refere a aprender e criar sozinho de tudo um pouco. A aprendizagem normalmente se dá pela internet, com tutoriais em vídeo ou passo a passo que ensinam os mais diversos ofícios e criações: diferentes penteados, receitas culinárias, fabricar os próprios móveis, costurar modelos de roupas ou criar jardins verticais, fotografias divertidas e decorações com todo tipo de objetos e lixo reciclável.

O sucesso é tanto que atinge vários públicos e faixas etárias. Minha mãe, por exemplo, com seus quase 70 anos, vive compartilhando em seu Facebook e testando tutoriais de culinária, cuidados com as plantas e até máscaras de tecido feitas com camisetas velhas. De vez em quando, meu pai também surge com alguma novidade que ele mesmo fez. A última criação foi um mini passador de café, com base de madeira e filtro de pano – um luxo que uso todos os dias, devo confessar.

Na outra ponta, minha filha de apenas 5 anos quase sempre vem com alguma invenção que viu no YouTube, pedindo para que eu a ajude a produzir. Alguns inventos são mais fáceis e possíveis de fazer, como brinquedos com papel ou garrafas plásticas, roupinhas para as Barbies e Pollys, maquiagens coloridas e massinhas de modelar feitas com água e farinha. Outras invenções são um desafio, ou mesmo impossíveis de serem confeccionadas, como quando ela me pediu pra ajudá-la numa máquina de fazer refrigerante – mesmo que ela não goste de refrigerante.

Eu mesma já me rendi faz tempo ao movimento “Faça você mesmo”. Já fiz decorações de festas (casamentos e aniversários) com tutoriais e inspirações buscadas na internet, e ainda aprendi a fazer bolos, bolachas e outros quitutes;

¹ Disponível em: <https://oregional.net/faca-voce-mesmo-aprenda-larissa-priscila-bredow-hilgemberg-120056>

com a ajuda do meu marido, construímos pequenos móveis para casa. E a lista continua.

O “Faça você mesmo” me lembra de uma metodologia ativa, a da “Aprendizagem Mão na Massa”. Aliás, as metodologias ativas são relativamente novas, assim como o movimento DIY, e vem numa crescente de repensar nossos modelos tradicionais de ensino, tirando o professor do centro do processo e admitindo que os estudantes sejam os protagonistas de suas aprendizagens. Bom, mas essa pauta fica para outro texto.

A Aprendizagem “Mão na Massa” é, basicamente, o “Faça você mesmo” dentro do ambiente escolar. Ela também é denominada cultura *maker*, ou seja, os estudantes aprendem fazendo, ou como a própria expressão diz, colocando a mão na massa. Se pensarmos, este tipo de aprendizagem já acontece há algum tempo, mas ficava no plano familiar e doméstico; na escola por muito tempo predominou apenas a aprendizagem teórica, sem a possibilidade da prática.

Ao transformarmos a sala de aula em um espaço propício para a prática, transformamos também a escola em laboratórios e recriamos os espaços sociais dos estudantes. Assim, damos sentido às aprendizagens, inclusive teóricas. Nossos estudantes aprenderão observando, realizando e vendo objetos, experiências e conteúdos sendo criados e transformados. Quando damos sentido aos conhecimentos, possibilitamos que estes sejam não só decorados, mas aprendidos e apreendidos.

Voltando ao Faça Você Mesmo, o interesse nos tutoriais e passo a passos por diferentes faixas etárias, gêneros e classes sociais também confirma algo que há tempos estudiosos e teóricos da educação e da psicologia vêm estudando e afirmando: todo mundo pode aprender.

A partir de diferentes interesses e habilidades, qualquer pessoa pode adquirir conhecimento, ser criativa e, por que não, ensinar também. Afinal, assim como há quem consome estes tutoriais, há quem os crie, e encontramos criadores de conteúdo da primeira infância até a melhor idade.

Pode parecer algo tão básico o que afirmei acima, mas é importante sempre (re)lembrarmos: todo ser humano é capaz de aprender! Esquecemos com frequência desta premissa. Ao assistir a um vídeo, se somos capazes de replicar os conhecimentos adquiridos, e mais, construir algo novo a partir destas aprendizagens, temos em nós a magnífica capacidade de aprender.

E aqui, faço um convite a você, caro leitor, que se interessou sobre esse conteúdo: pesquise um pouco mais sobre alguns estudiosos da educação como Piaget, Vygotsky, Montessori, Dewey e Gardner.

Convido você também a pesquisar nesse incrível mundo virtual sobre algo que você gosta e se interessa, sobre algo que você gostaria de aprender a fazer e criar e nunca se sentiu capaz.

Você pode encontrar tutoriais incríveis e se tornar um expert. Não vou dizer que é fácil, pois, às vezes, é necessária mais de uma tentativa para conseguirmos produzir algum objeto, receita ou conteúdo. Outras vezes, precisamos procurar mais de um tutorial ou então adaptar materiais e processos à nossa realidade. Mas se você ler os estudiosos que citei acima, vai entender que o processo de ensino-aprendizagem é complexo, mas também é maravilhoso.

Enfim, faça você mesmo aquilo que só você pode fazer por você mesmo: aprender! E divirta-se!

1.2 IDEIAS DIVERSAS: PENSAMENTO E CRIATIVIDADE²

Larissa Priscila Bredow Hilgemberg
2020

Você sabia que a Criatividade é uma habilidade que não é natural? Nós não nascemos criativos, mas nos tornamos ao longo da vida, com muito trabalho e prática. Sabe aquela frase, atribuída a Thomas Edison (o criador da lâmpada), “talento é 1% inspiração e 99% transpiração”? É exatamente isto!

Sendo uma habilidade aperfeiçoada e não adquirida de nascença, qualquer pessoa pode desenvolvê-la e há métodos e exercícios para torná-la mais presente em nossa vida. Quando conseguimos trazer a criatividade para o nosso cotidiano, potencializamos possibilidades, diminuindo o esforço e vivendo com mais qualidade.

Por falar em Thomas Edison, ele foi um inovador! Aproveitou as oportunidades e estudou muito para chegar às suas invenções. E ele utilizava métodos criativos, o que chamamos de Pensamento Divergente. O inventor criou em 1876 o mimeógrafo, uma junção da máquina de cópias com a caneta elétrica – outra invenção do próprio Edison. Com esta criação, foi possível popularizar as cópias.

Aliás, a impressão de muitas cópias de um texto foi possibilitada mais de 400 anos antes da invenção do mimeógrafo. O alemão Johanes Gutemberg cria em 1450 a prensa móvel, também utilizando o chamado Pensamento Divergente, ele utiliza os tipos móveis (que eram como carimbos de letras) e une ao mecanismo da prensa de uva (prensa usada para transformar uva em vinho), e assim cria a primeira impressora.

Você vai dizer: ah, mas eles são inventores! É verdade, são inventores, mas nós também temos a possibilidade de criar algo novo a partir da união de outras criações para facilitar a nossa vida. Desde uma receita de bolo, que adequamos ingredientes, até processos que adaptamos em nosso trabalho ou objetos que passam a ter uma nova utilização.

O Pensamento Divergente também pode ser conhecido como Pensamento Lateral e antes de explicá-lo, preciso contar mais uma história: Conta-se que na

² Disponível em: <https://jornalempresasenegocios.com.br/destaques/ideias-diversas-pensamento-e-criatividade/>

década de 1920, nos Estados Unidos, quando os primeiros arranha-céus foram erguidos e habitados, os moradores e condôminos dos prédios começaram a reclamar da extrema lentidão dos elevadores.

Proprietários, síndicos, engenheiros e outros profissionais passaram a pensar em alternativas para acelerar a “viagem”, mas o trabalho não era fácil, pois os motores eram muito grandes e pesados, e a opção de diminuir o tamanho dos motores tornava o custo muito alto e trazia insegurança. Muitas pessoas pensaram sem chegar a uma boa resolução.

Eis que então uma pessoa muito criativa e com uma boa dose de pensamento lateral trouxe a solução: instalar grandes espelhos nos elevadores! Afinal, não era o tempo em si o motivo da reclamação, mas era o tempo perdido dentro daquela caixa. E assim foi feito, os espelhos foram colocados nos elevadores e, adivinhem, as reclamações diminuíram. Afinal, as pessoas podiam converter o tempo perdido no elevador nos minutinhos para terminar de arrumar o cabelo, passar um batom, arrumar o chapéu ou apenas admirar-se!

Toda a situação foi resolvida com poucos dólares e pouca mão de obra, de forma simples, fácil, barata e criativa. Sendo assim, podemos definir o Pensamento Divergente ou Lateral como aquele que foge do senso comum. Quando desenvolvemos o Pensamento Lateral, desenvolvemos raciocínio lógico, deixamos as possibilidades ilimitadas e abrimos as portas para novas ideias.

Criamos, resolvemos, conectamos histórias e ideias, solucionamos problemas. Mas o que eu posso fazer para desenvolver mais este tipo de pensamento e, conseqüentemente, minha criatividade? Confira algumas dicas (simples, fáceis e baratas):

- Tenha um caderninho ou bloco de notas no celular e anote as ideias que surgirem (por mais absurdas que elas possam parecer), aliás, leve em conta seus pensamentos, sem julgamento;
- Mude pequenos hábitos e rotinas: trace outra rota para o trabalho, sente na outra ponta da mesa de jantar, fuja do padrão do cotidiano;
- Desenvolva o raciocínio lógico e o Pensamento Lateral com jogos e atividades: vale responder charadas, sudoku e cruzadinhas, fazer brincadeiras de trocar palavras ou tentar dar a maior quantidade de novas utilidades para um objeto comum. Por exemplo, se você tem uma garrafa em casa, para o que mais ela serve além de armazenar líquidos?

- Ao se deparar com um problema, pense em resoluções diferentes das que você normalmente toma;
- Leia, estude, se interesse. Não é possível desenvolver novas possibilidades de pensamento sem ter uma bagagem de conteúdo. Novas ideias não aparecem se mantivermos apenas os conhecimentos antigos;
- Por fim, aprenda novas habilidades! Se interesse por novos temas!

Uma vez me perguntaram e eu repasso a pergunta a você: Quando foi a última vez que você fez algo pela primeira vez?

1.3 MUITO ALÉM DAS CÂMERAS – A MULHER NO CINEMA³

Regiane Moreira
2020

Analisar a sociedade por meio do viés da representação feminina na história é um exercício interessante, pois se descortina uma série de modelos hegemônicos patriarcais e machistas ainda vigentes.

A humanidade possui uma dívida histórica com o gênero feminino e necessita de um esforço coletivo para mudar esse panorama, que vai além de trocar os protagonistas dos comerciais da bebida fermentada por cereais.

Seguindo o mesmo caminho de outros segmentos sociais, a representação da mulher nas artes não escapa ao modelo citado anteriormente. Nas artes visuais, estuda-se a produção artística pautada em nomes masculinos, raras as vezes que se trabalham nomes femininos do período clássico, por exemplo, denotando maior aparição a partir dos movimentos modernistas — contudo, muito aquém perante a participação masculina no mesmo segmento. Se analisarmos então a participação da mulher negra na arte, tocamos em outra ferida social que a humanidade dificilmente vai estancar.

Nas produções cinematográficas, a mulher foi e ainda é retratada pelo olhar masculino, que a representa como um apêndice de personagens homens, fadadas a forte erotização e exploração de atividades ditas como femininas. Basta verificarmos que até meados do século XX, a mulher desempenha no cinema apenas as funções de dona de casa, esposa, mãe, amante, além de ter sua representação fragilizada por enfatizar apenas seu perfil sensível.

Graças ao movimento feminista que surgiu na década de 60, questões levantadas desde os finais da década de 20 vieram à tona e começaram a expandir e, principalmente, questionar o lugar da mulher na sociedade em seus diversos âmbitos.

Partindo da premissa de que o cinema hollywoodiano influência de modo substancial as representações sociais, percebe-se que a visão da mulher foi explorada dentro de um imaginário social que, muitas vezes, está tão familiarizada, que o público mal consegue perceber-se em modelos representacionais masculinos

³ Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/muito-alem-das-cameras-a-mulher-no-cinema-248817/>

de visualidade. Segundo Laura Mulvey, teórica feminista britânica, a mulher é vista como um objeto de uma ordem “falocêntrica que é tida como um ser que tem a capacidade de manipulação através do visual e da sexualidade”. (MULVEY, 2008.)

Partindo da herança de Theda Bara (primeira “mulher fatal” representada ainda no cinema mudo) e de Marilyn Monroe (considerada um ótimo exemplo desse papel sexual da mulher no cinema), mostra-se a satisfação visual cinematográfica pautada nos olhos masculinos, focando em produções que exaltam os dramas e a visualidade do corpo com o intuito de prender o olhar do expectador, que se reconhece também nas telas — ou seja, uma retroalimentação da representação da realidade.

Mais recentemente, no fim dos anos 90, a figura feminina foi enfatizada por meio de personagens “efervescentes e rasas” que coexistiam para deliberar a imaginação dos escritores e diretores mais sensíveis que visam salvar os homens problemáticos e depressivos para encontrar um novo sentido da vida. Ou seja, a personagem não possui sua própria história, pois é construída apenas para desenvolvimento pessoal do personagem principal.

Saindo do campo das personagens e partindo para as produções cinematográficas, o protagonismo feminino fica aquém de qualquer possibilidade de igualdade de direitos.

Nomes como Alice Guy, em “*La fée aux choux*”, de 1896 (pioneira no uso da cor, sons e efeitos especiais no cinema), Cléo de Verberena, em “O mistério do dominó preto”, de 1931 (primeira autora de um filme dirigido por uma mulher no Brasil) e Gilda Abreu (roteirista e diretora de um dos maiores sucessos de bilheteria do cinema nacional de todos os tempos, “O ébrio”, de 1946). (LUSVARGHI, 2019) Soam como exemplos minoritários em pleno século 21.

Em se tratando de reconhecimento pela academia, a distância entre indicações femininas e masculinas ao prêmio mais importante do Oscar americano é abismal. Em 91 edições do prêmio, as mulheres receberam apenas cinco indicações, tendo ganhado somente em 2010, com Kathryn Bigelow por “Guerra ao Terror”, que recebeu também o prêmio “Melhor Filme” — deixando “Avatar” para trás naquele ano.

Obras como “*Women and film: both sides of the camera*” de 1983, de E. Ann Kaplan, assim como “Mulheres atrás das câmeras”, de Luiza Lusvarghi e Camila Vieira da Siva de 2019, procuram destacar a necessidade de se refletir sobre o

protagonismo feminino diante e atrás das câmeras. Contudo, ainda temos um longo caminho pela frente.

1.4 QUE TAL VISITAR MUSEUS SEM SAIR DE CASA?⁴

André Luiz Pinto dos Santos
2020

Se você já foi em um museu com obras do gênero natureza-morta, talvez tenha se perguntado: “Afim, por que esse nome?” A origem do termo vem da palavra holandesa *stilleven*, que na língua inglesa seria traduzido por *still-life* (vida inerte, em tradução livre), mas, que no fundo pode ser interpretada como “um conjunto de objetos da natureza (como frutas e legumes) ou feitos pelo homem (como tapetes, garrafas, facas, etc.) que são inertes, parados, aptos a serem vistos e representados por um artista”.

Esse gênero artístico é até hoje utilizado como meio de representação e estudo em muitas universidades e escolas de arte pelo Brasil afora. Inicialmente, não havia uma pretensão do artista em querer criar um conceito, ou mesmo de querer representar uma narrativa sobre o tema.

Assim como é do interesse dos estudantes de artes atualmente, o artista barroco, que pintava pelos anos de 1600, acreditava que o gênero de natureza-morta era uma boa oportunidade para se aprender desenho e pintura. Havia, portanto, uma busca pelo aprimoramento de cores e texturas, formas e espaço, ou seja, o artista buscava em um gênero de fácil acesso dominar a linguagem.

Hoje podemos contemplar esse gênero pictórico em diversos museus espalhados pelas regiões brasileiras, sem sair de casa. Com alguns cliques no mouse e minutos dedicados na frente da tela do computador, o internauta pode visitar diversas coleções artísticas espalhadas pelo mundo ou, se preferir, pode viajar pela cultura diversificada e rica do nosso país.

Por exemplo, se você quiser, poderá acessar a plataforma do Google Arts e Culture, e por meio dela, poderá acessar o acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo sem sair de sua casa. A Pinacoteca possui um dos acervos mais importantes das artes produzidas no Brasil.

O edifício está localizado no Jardim da Luz, no centro da cidade de São Paulo, e conta com pinturas de relevância para a história nacional, como é o caso da natureza-morta “Bananas e Metal” — quadro produzido em 1887 por Pedro

⁴ Disponível em: <https://www.Uninter.com/noticias/que-tal-visitar-museus-sem-sair-de-casa>

Alexandrino (1856 – 1942), tido pela crítica como o pintor de naturezas-mortas mais importante do país entre o final do século XIX e início do século XX.

A plataforma do Google Arts e Culture possibilita ao internauta dar zoom nas obras de artistas, a tal ponto que chega a ser possível inclusive notar as ações de restauro e intervenções sofridas.

Além do vasto acervo brasileiro, a Pinacoteca já trouxe para o público artistas contemporâneos de renome no cenário internacional, como Ron Mueck, em 2015, que expôs uma reprodução hiper-realista de um frango em tamanho ampliado em uma das salas do museu.

Agora, você que está longe de museus poderá por meio das tecnologias da informação e comunicação (TICs) usar plataformas como o Google Arts e Culture para se apropriar de um material vasto e riquíssimo sobre a cultura de nosso país.

1.5 ARTES VISUAIS: O APRENDIZADO DA PINTURA EM MEIO A PANDEMIA⁵

André Luiz Pinto dos Santos
2020

Com a pandemia, ficou até certo ponto mais fácil de acompanhar como, alguns dos maiores nomes da pintura brasileira, procedem em seu fazer artístico. Inúmeros empecilhos como: a distância entre o estudante e o professor/artista, ou ainda, os vários custos atrelados à estadia, viagem, matrícula e compra de material para participar de um *workshop*, em momentos de quarentena, podem ser facilmente resolvidos, quando o estudante tem a possibilidade de visualização de lives e/ou aulas online mediadas pelos artistas.

Alguns, como é o caso do pintor paulista Alexander Reider, especialista em pintura de paisagem à óleo, apostam em redes sociais como Instagram para vincular suas obras e consequentemente, atraírem seguidores. Com seu perfil particular “@ale_reider” e o da sua escola “@pleinairstudio” o artista conta com mais de 15 mil seguidores. Rider tem feito constantes *lives*, convidando artistas a fazerem demonstrações ao-vivo para os internautas ou mesmo para discutirem sobre arte.

O artista, realiza parcerias com outras escolas de arte na vinculação de seus cursos. Além disso, utiliza plataformas como a da “*hotmart*” para comercializar suas aulas. Segundo o artista, as demonstrações são filmadas em HD e estão disponíveis para na referida plataforma. Nas aulas, os estudantes podem “acompanhar de perto” por meio dos recursos online, a sua ação, com diversas opções de técnicas e temas. Basta acessar o link na bio e você irá direto a página do *Plein Air On-Line* no *hotmart*.

Além das aulas e *workshops*, o artista comercializa os pinceis da “@rosemarybrushes”, uma das mais conhecidas fabricantes desse tipo de ferramenta artística.

Outro nome de muito destaque, é o do artista, designer e pesquisador Marcos Beccari. Talvez, seja um dos maiores artistas contemporâneos da

⁵ Disponível em: <https://www.brasilpopular.com/artes-visuais-o-aprendizado-da-pintura-em-meio-a-pandemia/>

atualidade que se especializou em pintura de aquarela figurativa. Em seu perfil no Instagram, o artista tem mais de 270 mil seguidores.

Ele tem uma agenda lotada, todavia, tem postado inúmeros trabalhos e participado de vários workshops nesse momento de reclusão. A possibilidade de verificar como Beccari realiza suas pinturas em pouquíssimo tempo, é uma experiência inenarrável. O controle do fluxo de água, as poucas camadas e a precisão pictórica na aquarela realizada pelo artista ao elaborar suas composições de corpos humanos submersos na água é de deixar qualquer um boquiaberto.

Plataformas como o Zoom Vídeo Communications, que fornece ao usuário um serviço de conferência remota, agregam em uma videoconferência, reuniões online, bate-papo e/ou colaboração móvel, subsídios para que os artistas demonstrem os seus conhecimentos.

Seus professores buscam constantemente o aprimoramento das aulas e dos meios para que o estudante dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais, mesmo em meio a pandemia consiga realizar seus estudos de forma eficiente.

1.6 EM CADA CAOS A ARTE SE REINVENTA⁶

Etienne Henklein
2021

“Que você viva tempos interessantes” é uma frase, supostamente de origem na milenar cultura chinesa, relacionada a rogar uma praga para uma pessoa. É um desejo para pessoa viver uma época de turbulências, incertezas e mudanças. Pois a humanidade passou por vários períodos de transformações e, nesses períodos, a arte sempre teve um papel importante. Porque ela ajuda não só a entender o mundo, mas também a dar sentido para o que acontece ao nosso redor. A atual pandemia, segundo o relatório da Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos, é a "ruptura global mais significativa e singular desde a 2ª Guerra Mundial". Portanto, estamos vivendo um desses “tempos interessantes”, e com a expectativa de como a arte vai responder ao que está por vir.

A Peste Negra, no século XIV, foi a pandemia mais arrasadora da história, e estima-se que cerca de um terço da população europeia tenha sido dizimada. E em uma região muito atingida, em Florença, surgiu o Renascimento e uma nova visão de mundo. A arte foi o meio de explorar todos os aspectos das transformações bem evidentes na cultura, sociedade, economia, política e religião. Outro momento importante foi durante a 1ª Guerra Mundial, um conflito global sem precedentes. No ano de 1916, em plena guerra surgiu o Dadaísmo, na neutra Suíça, um movimento radical de protesto contra uma civilização que não conseguiu impedir a guerra. Em seguida ocorreu a 2ª Guerra Mundial cuja consequência foi a mudança dramática do mapa da Europa e um saldo de 70 milhões de mortos. Com seu fim surgiram novas visões do mundo e a arte se reinventou. Tudo era novo: a bossa era nova, o cinema era novo. Surgiram diversos movimentos artísticos como Pop Art e Fluxus que pavimentaram o caminho da arte contemporânea.

A pandemia da Covid-19 caiu feito um raio sobre a sociedade moderna e mostrou sua fragilidade para enfrentar uma crise internacional. Situação essa que já vinha sendo desenhada principalmente pela degradação ambiental e desigualdade social. Em virtude de o vírus ser altamente contagioso, medidas de distanciamento social tiveram que ser adotadas e, assim, o setor cultural foi

⁶ Disponível em: <https://horacampinas.com.br/artigo-em-cada-caos-a-arte-se-reinventa-por-etienne-henklein/>

duramente atingido. Shows, bienais, exposições, produções cinematográficas, produções teatrais, tudo cancelado ou adiado. Museus sofreram impacto semelhante ao provocado pela 2ª Guerra. A UNESCO e o Conselho Internacional de Museus estimam que, em 2020, 90% dos museus mundiais tiveram que fechar suas portas temporariamente, e 13% destas instituições correm o risco de não reabrir. A cultura passou a ser mediada pela internet com lives dos músicos, visitas virtuais a acervos de museus, músicas pelas janelas nos emocionaram e ajudaram a manter a sanidade. Porque um dos papéis da arte é justamente esse: curar.

Telepresença, robótica, redes neurais artificiais, inteligência artificial, realidade virtual, realidade aumentada, ciborgues. Coisas que estamos habituados a ver em filmes de ficção científica, e que não são novidade na arte. Nas duas últimas décadas diversos artistas se destacaram utilizando a tecnologia na chamada arte digital. Experimentações estéticas com novas ferramentas vão prosseguir porque a arte se apropria da tecnologia da sua época. As artes visuais tradicionais, como pintura e escultura, também devem continuar, pinturas ainda são as obras que atingem recordes de valor nos leilões e galerias. A ótima novidade são os artistas ativistas de causas sociais e a valorização das produções relacionadas ao multiculturalismo, às minorias étnicas e questões de gênero.

“Tempos interessantes” são difíceis, mas deixam lições e estimulam a criatividade. Em tantos momentos críticos da história a arte se reformulou. Como afirma a pesquisadora e professora Lucia Santaella no seu livro *Cultura e Artes do Pós-Humano*, de 2003, “em tempos de mutação há que ficar perto dos artistas”. Sem arte, não conseguimos processar de forma fácil as complexidades da realidade. E o que devemos esperar da arte no futuro? Difícil prever. Talvez seja algo que nem a reconheceremos como estamos habituados a chamar de arte, pois ela é imprevisível, rica em ressignificações dela mesma nos tempos fluídos. A expectativa é que nos surpreenda com uma explosão de criatividade e que nos ajude a repensar quem somos.

1.7 QUANDO O ATIVISMO E OS GAMES SE ENCONTRAM⁷

Etienne Henklein
2021

Imagine você com a função de estabelecer estratégias inteligentes para combater um regime totalitário que assola um país. Entre as responsabilidades estão: recrutar membros, arrecadar dinheiro, distribuir tarefas, estabelecer táticas de resistência não violenta. Isso é possível através de um game de estratégias chamado “People Power” e classificado como game-ativismo. Ou seja, um termo derivado da combinação das palavras games e ativismo.

Podemos conceber o ativismo como esforços – individuais ou coletivos – com o objetivo de promover mudanças na sociedade. Devido à emergência de discutirmos certas causas e do desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, surgiram vários termos que servem para nomear conceitos relacionados ao ativismo como: ciberativismo, hacktivismo, ativismo judicial, artivismo e o game-ativismo que tratamos nesse texto.

Lucia Santaella, pesquisadora de comunicação e tecnologias de inteligência, afirmou lá em 2007, no seu livro “Linguagens líquidas na era da mobilidade”, que “os games ultrapassaram o mundo do entretenimento e do treinamento militar, ganharam usos educacionais e migraram para diversas áreas”. Pois bem, os games estão indo muito além de simples diversão. Quer um exemplo? Em 2020, na fase mais aguda da pandemia do Covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou a campanha #PlayApartTogether (em tradução livre, #JogueSeparadoJunto) para incentivar o distanciamento social. E mais de 50 empresas de games se juntaram à causa e disponibilizaram jogos gratuitos.

Vale lembrar que comunidades virtuais e games andam lado a lado. Porque além de possibilitarem interagir de forma online com outras pessoas que estão distantes fisicamente, nas comunidades virtuais ocorrem trocas de experiências e informações sobre determinado jogo. E elas ainda podem ser fragmentadas por gênero ou localização geográfica. Dentro desse conceito está o já citado “People Power” que, na sua página inicial, alerta que o game “é um uma oportunidade de se juntar a uma comunidade de outras pessoas que querem aprender sobre a

⁷ Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/opiniaio/quando-o-ativismo-e-os-games-se-encontram/>

resistência civil e estratégias não violentas”. Steve York, um dos responsáveis pelo desenvolvimento do game, disse que a ideia partiu quando “percebeu que era necessário ajudar os ativistas a aprender estratégias não-violentas” e acrescenta que as pessoas “sabiam fazer protestos, greves e boicotes, mas não sabiam como organizar tudo isso”.

Outro exemplo é o “McDonald’s Video Game” que simula, de maneira bastante lúdica, a cadeia produtiva da indústria *fast food* e denuncia as consequências globais de seus métodos de utilização de hormônios, transgênicos e desmatamento para criação de gado. Há também o “March Through Time” que recria locais em uma capital Washington DC ambientada nos anos 60 e trata da defesa de direitos civis e do combate ao racismo. Neste game é possível ouvir na íntegra o icônico discurso “Eu tenho um sonho”, de Martin Luther King Jr. Todos estes jogos são gratuitos, uma característica dos game-ativistas.

O ativismo por meio da estética dos games é uma estratégia inovadora e ainda é cedo para quantificar o seu impacto. No entanto, games são eficazes na representação de sistemas complexos. Possibilitam refletir se uma proposta é ou não adequada à sociedade, bem como quais são suas consequências. Então espera-se que, por meio de suas ações, os jogadores possam ajudar a melhorar a realidade. Sim, é paradoxal: estar dentro de um jogo, mas com a possibilidade de direcionar o olhar para fora, para o mundo real. Para o mundo que queremos: de preservação ambiental, igualdade, paz e justiça social.

1.8 METAVERSO E O ENSINO DAS ARTES VISUAIS⁸

André Luiz Pinto dos Santos
2022

O mundo muda, assim como nossa forma de se comunicar e interagir. Você já deve ter ouvido falar em “metaverso”, certo? Para muitos pesquisadores, o metaverso é uma forma tecnológica, na qual existe um ciberespaço percebido pela pessoa por meio da criação de Mundos Digitais Virtuais em 3D – MDV3D.

Embora atualmente a discussão sobre o “metaverso” esteja acalorada, o termo surgiu pela primeira vez na década de 1990, segundo as pesquisadoras Elaine Schlemmer e Luciana Backes, com o escritor Neal Stephenson, em seu romance intitulado *Snow Crash*.

Adolescentes que jogam games, como League of Legends, Fortnite e Roblox, não estranham a possibilidade de interação a partir dos MDV3D e quiçá se deram conta que a forma de aprendizado das disciplinas do colégio será integralmente reformulada, com o tempo, a partir do metaverso.

Discute-se sobre as novas possibilidades de reuniões de trabalho, relações pessoais e ensino a partir do metaverso. Entretanto, para ser um ambiente possível para se ensinar e aprender, estudantes e professores devem possuir meios para estarem inseridos nos MDV3D.

Isso porque os aparelhos eletrônicos necessários para a imersão nos MDV3D possuem um custo financeiro elevado. É necessário um computador potente, que execute vídeos, imagens e sons em alta qualidade, o que o obriga ter um processador e memórias que são caros como, por exemplo, o “Valve Index Full Vr Kit Realidade Virtual”, que pode chegar a R\$15 mil reais.

Não será possível ter aulas de arte no metaverso sem o amparo de óculos de realidade virtual, luvas, *joysticks* e *headset*. Essas ferramentas são utilizadas para tentar mascarar a percepção da pessoa que está imersa no metaverso. Se os óculos, por exemplo, não tiverem uma taxa de persistência baixa, quando o usuário movimentar a cabeça, a sensação não será similar à que ele teria sem a utilização dos óculos.

⁸ Disponível em: <https://gazetadasemana.com.br/noticia/77405/metaverso-e-o-ensino-das-artes-visuais>

Outro caso, é o da sensação tátil, requerida em inúmeras linguagens artísticas contemporâneas. Muitas vezes, os artistas se fazem valer de objetos para as suas instalações e esculturas. Neste caso, a utilização dos joysticks não é adequada, pois, se a ideia do metaverso é uma interação intensificada em um MDV3D, a sensação que o artista terá ao segurar qualquer objeto virtual não será similar àquela que ele teria sem a utilização do *joystick*. Talvez, neste caso, sejam necessárias as luvas com micro sensores para ofertar a sensação de estar diante de um objeto, o máximo possível. Neste caso, os valores financeiros envolvidos são ainda maiores.

É bem necessária a discussão sobre a possibilidade de estarmos perto um do outro em um MDV3D e até mesmo das inúmeras interações que podemos ter. Não se pode esquecer que, quando se trata de ensino, temos uma relação entre professor e estudante que sempre é mediada e, assim, faz-se necessária a utilização de ferramentas. Cabe verificar quais ferramentas são essas e quais objetivos nos permitem atingir com eficiência. E, no caso do ensino da arte, a partir de um MDV3D, saber se as ferramentas existentes hoje permitem ao estudante inserido no metaverso a possibilidade de fazer suas obras, ler aquelas que existem virtualmente e contextualizar as obras de arte.

1.9 AS MUITAS MULHERES SÃO TODAS MULHERES!⁹

Larissa Priscila Bredow Hilgemberg
2022

Há mais de setenta anos, a escritora e filósofa Simone de Beauvoir escreveu: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Mas o que isso significa? O que faz uma pessoa tornar-se ou perceber-se mulher? Seria a constatação dos seus órgãos sexuais e reprodutores femininos? Ou sangue escorrendo pelas pernas na menarca? Seria o casamento com alguém do sexo oposto, masculino? Ou o carregar no ventre um ser por nove meses e depois pari-lo para o mundo?

Seria vestir-se com roupas ditas femininas? Vestidos e saias, cheios de tons de rosa? Seria utilizar o pronome feminino ela/dela nas redes sociais? Afinal, o que faz de uma mulher, mulher?

Neste mês que comemoramos o famoso “Dia da Mulher” e somos bombardeados por receitas, moldes e modelos de mulheres, há quem diga, ainda, que sim, ser mulher é nascer com dois ovários, um útero e uma vulva, é crescer usando laços no cabelo e saias rosas cobrindo as pernas, é passar todos os meses pelo período menstrual e parar esse período por longos nove meses para dar à luz um bebê delicado. É casar-se com um homem com papel passado e véu e grinalda e ser chamada por ela, por mulher, por esposa, por senhora.

Mas, e todas aquelas que não passam por essas experiências? Seriam elas menos mulheres? Ou seriam uma espécie de humano sem gênero? A menina ou mulher que, por problemas hormonais, não menstrua, ou chega à menopausa, é menos mulher ou deixa de ser mulher? O menino que cresceu e se viu no espelho e se tornou mulher é menos mulher por não ter órgãos reprodutores femininos? E as mulheres lésbicas que se casam com outras mulheres, não são mulheres? E as que preferem ternos e gravatas ou roupas menos “femininas”? E aquelas que decidiram pela não maternidade ou pela adoção, também deixam de ser mulheres?

A resposta eu sei e você também, não são essas características ou experiências que tornam mulheres mais ou menos mulheres. A nossa relação com nosso gênero é mais complexa e anterior a tudo isto. A socióloga Heleieth Saffioti afirmava que nascemos biologicamente machos ou fêmeas, mas a nossa

⁹ Disponível em: <https://gazetadasemana.com.br/noticia/65006/as-muitas-mulheres-sao-todas-mulheres>

identidade social e de gênero é construída em nossas relações sociais. E diferentes sociedades darão diferentes funções e identidades aos seus sujeitos.

Assim, eu, mulher branca, ocidental, brasileira do século 21, sou tão mulher quanto outras que vieram antes de mim e que virão depois, que nasceram em outras regiões e povos e de outras etnias, que nasceram com elas, ou outras características, que nasceram com o mesmo órgão reprodutor que eu ou outro. Porque todas nós não nascemos mulheres, mas nos tornamos, dia a dia em nossa identidade, em nossa pele, em nossa história, em nosso olhar o mundo.

1.10 FÉRIAS: O ÓCIO CRIATIVO ¹⁰

André Luiz Pinto dos Santos
2022

Antigamente, muitas vezes, quando se queria inventar alguma coisa, buscava-se inspiração no quarto de bagunças ou de ferramentas dos avós e dos pais. Nesses pequenos cômodos, nossos entes queridos guardavam pregos amassados, dobradiças com partes faltantes, bicicletas sem pneu e toda a mais variada quinquilharia possível. Ultimamente, no entanto, tenho reparado que uma boa parte da argumentação cultural e criativa de meus estudantes é advinda de séries/seriados de TV, YouTube e Netflix. Perguntei-me se era possível extrair algo válido nesses meios para além da ficção. Resolvi, então, proceder da mesma forma que a garotada e fui ver se essas mídias podiam me prender a atenção mais do que meus pincéis e meus livros.

Eis que ao fazer uma consulta rápida, o nome de uma série me chamou a atenção: “*Abstract: The Art of Design*”. E aí eu compreendi o porquê dessa forma de entretenimento fascinar tanto as pessoas.

No episódio “Ilustração” dessa série, o designer Christoph Niemann mostra como é o seu processo criativo para a criação de uma capa de revista. Pasmem, você, mas o profissional utiliza de todas as ferramentas possíveis para ter uma boa ideia, de uma carimbada de café com o fundo da xícara até Lego como propulsores para a criatividade.

“*Abstract*” não se trata de histórias de ficção. Neste episódio da série, Niemann descreve o seu passo a passo do processo criativo, que, ei de confessar, é muito similar ao meu processo de trabalho, quando tenho que pintar quadros para mostras e salões, e acredito que esse modo de pensar a imagem de forma abstrata, ou seja, em sua essência, é o que muitos artistas visuais pensam.

Quando parei de assistir ao episódio, dei-me conta que, em cerca de 40 minutos, eu tinha repassado uma vida de leitura de livros de arte e de momentos criando imagens. Não quero dizer, no entanto, que as séries substituem os livros, artigos, teses etc., mas que podem ser a porta de entrada para discussões e reflexões.

¹⁰ Disponível em: <https://gazetadasemana.com.br/noticia/58756/ferias-o-ocio-criativo>

A essência buscada por Niemann e tantos outros artistas reside na familiaridade com a linguagem visual. Teóricos como Kandinsky, Wong, Dondis, Ostrower e Munari, entre muitos outros, possuem obras fantásticas que nos ajudam a compreender, de maneira formal, a visualidade que nos rodeia.

De qualquer modo, as séries como “*Abstract*” valem muito para você que pode estar de férias e que tem a mente criativa, ou seja, que gosta de pensar fora da caixa. É um convite para pensar a visualidade do mundo que o cerca e quão belo é o ato comunicativo por imagens.

Por isso, após aquela xícara de café, você já sabe, lápis e papel na mão, pois o simples brincar de Lego com os filhos pode lhe render a inspiração que você jamais imaginou.

1.11 IDEIAS DIVERSAS: PENSAMENTO E CRIATIVIDADE¹¹

Larissa Priscila Bredow Hilgemberg
2023

Rita Lee cantou sobre esse tal de rock and roll, sentiu prazer de ser quem era e estar onde estava, nos lembrou que nem toda feiticeira é corcunda, falou para todas as mulheres do mundo, falou para a humanidade, pois toda arte fala sobre e para a humanidade. As artes, sejam elas literárias, musicais, visuais ou tantas outras, nos convidam a ver o mundo de outra forma. Elas existem para serem sentidas, para dar sentido às nossas vidas.

Quando um artista se expressa, ele também expressa as verdades e mentiras de sua sociedade, de sua geração, de seu mundo! Quando um artista fala, a sua língua é também a do outro. Ele fala sobre si e para si, ele fala para os outros e sobre os outros! As artes contam a história da sua época: dos medos, das relações, das superações, das perdas e das conquistas!

A filósofa Simone de Beauvoir relata em seu livro *O Segundo Sexo* que a mulher da sua época (e de antes de sua época) era vista sobre o prisma do masculino. A existência da mulher se dava na sua relação com o masculino – com o pai, marido, namorado, irmão, filho etc.

Essa afirmação pode ser verificada a partir do mundo das artes, como num espelho da sociedade: a Capitu de Dom Casmurro é vista pelos olhos de Bentinho. A Garota de Ipanema não passa de uma moça bonita, “cheia de graça” aos olhos do compositor. Da Mona Lisa sabemos muito pouco, além do que o pintor quis transmitir.

Aliás, a mulher foi e ainda é objeto de inspiração, musa e mote para canções, pinturas, poemas, versos. E, embora a questão levantada por Beauvoir em 1949, de sermos o segundo sexo, continue atual, muito conquistamos e já não somos apenas musas, mas somos também as artistas! Aquelas que falam de sua realidade e o mundo! Pois, a cada dia temos mais mulheres trazendo suas vozes e seus olhares de mundo para o campo artístico. E as artes têm a força e a perspectiva de dar voz a esse feminino.

¹¹ Disponível em: <https://www.katiavelo.com.br/de-monalisa-a-rita-lee-olhares-e-vozes-femininas-nas-artes/>

A literatura escrita, a música composta, as artes visuais criadas por mulheres, enfim, as artes feitas por mulheres não falam apenas do individual, não é uma voz solitária, mas é coletiva. Ao darmos voz para uma artista mulher, damos voz para todas as mulheres. Pois, uma artista fala de si e para si, fala do outro e para o outro! Afinal, quantos de nós em algum momento, não nos reconhecemos nas músicas de Rita Lee? Nos vimos como a ovelha negra da família; nos identificamos nos jardins da Babilônia e avisamos: Não provoque! É cor de rosa choque!

Mas, não é que não queremos que os homens cantem ou pintem sobre nós mulheres. Queremos, nós também, dar a nossa perspectiva sobre esses muitos femininos que temos no mundo! E queremos ser ouvidas, lidas, vistas!

Queremos que mais mulheres e mais homens leiam Jarid Arraes, Conceição Evaristo, Amara Moira e tantas outras escritoras que têm tanto a nos falar...

... que ouçam Rita Lee, Roberta Campos, Tulipa Ruiz, Linn da Quebrada e tantas outras vozes femininas...

... que apreciem Criola, Bianca Foratori, Daiara Tukano e ainda mais tantas artistas visuais que nos falam com suas imagens!

E que as artes falem sobre todos nós e para todos nós! Que dê sentido a todas as vidas! Que pelas muitas vozes e muitos olhares nós possamos descobrir a multiplicidade de vozes e olhares que nos têm tanto a dizer!

CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO FÍSICA

2.1 DEZ PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS PARA ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS ESPORTIVOS¹²

Ana Lucia Zattar Coelho
2022

As ações sustentáveis, como muitas pessoas imaginam, não estão apenas ligadas à temática do meio ambiente. Elas são representadas por três pilares: social, ambiental e econômico. Considerando os crescentes cuidados e que os olhos do mundo todo estão voltados a essa temática, a realização de um evento deve ser uma extensão dessa preocupação e seguir algumas diretrizes importantes, e acima de tudo, que se alinhem perfeitamente. O planejamento e execução de um evento esportivo pode e deve ser mais que uma oportunidade de colocar as teorias em prática. É o momento em que se promovem mudanças e se abrem mentes para novas perspectivas de uma sociedade mais equilibrada.

Quando realmente nos damos conta de que tudo é interligado, é impossível pensar na prática esportiva e tudo que se relaciona a ela sem pensar no planeta pois, para fazer bem para a saúde do corpo, a Terra precisa estar saudável.

De acordo com a ONU, um evento sustentável é projetado e organizado para atender a objetivos como minimizar os impactos negativos ao meio ambiente e deixar um *legado* para população, como bem descrevem os 17 ODS (Objetivos do Desenvolvimento Sustentável). Vale lembrar aqui a definição de desenvolvimento sustentável, também trazido pela ONU, que é o desenvolvimento *capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações*. Para isso, os ODS nos auxiliam a atingir a meta proposta.

Vamos conferir algumas práticas norteadas por esses indicadores:

- 1) Reduzir a produção de resíduos (priorizar convites virtuais, repensar o uso de descartáveis, de materiais decorativos sem reciclabilidade ou destinação apropriada, como bexigas, *glitter*, EVA, dentre outros (ODS 11, 12 e 13).
- 2) Descartar os resíduos gerados de forma adequada. Lixeiras apropriadas (com identificação e instruções se necessário) para a separação dos

¹² Disponível em: <https://www.Uninter.com/noticias/dez-praticas-sustentaveis-para-organizacao-de-eventos-esportivos>

diferentes tipos de resíduos gerados devem ser disponibilizadas de forma a atender satisfatoriamente ao evento (ODS 11, 12 e 13).

3) Pensar no consumo de água, eletricidade e transporte (tanto de materiais entregues por fornecedores, quanto a forma como o público chegará ao evento) (ODS 7 e 11).

4) Priorizar fornecedores locais (ODS 7 e 11).

5) Inovar em ideias que sejam motivadoras de outras atitudes mais sustentáveis, como, por exemplo, imprimir o crachá em papel semente, que após o término do evento, pode ser plantado e cultivado (ODS 12).

6) Ter como um dos objetivos a divulgação da ideia de um evento sustentável, fazendo com que seu público adote algumas dessas práticas e construa um novo estilo de vida (ODS 4 e 11).

7) Dar preferência aos patrocinadores que estejam alinhados com os valores de cuidado e proteção do meio ambiente, que tenham políticas e planos de ação já em prática (ODS 4, 8 e 11).

8) Caso o evento tenha brindes aos participantes, escolher apenas os que tenham alinhamento com a temática, como, por exemplo, sacolas ecológicas, canudos de inox, dentre outros (ODS 4, 8 e 11).

9) Certificar-se de que o evento tem acessibilidade (rampas, legendas, linguagens de sinais e o que mais for necessário) (ODS 4 e 10).

10) Promover a inclusão e a diversidade (ODS 4 e 10).

Mais que uma tendência, a adoção de práticas sustentáveis em eventos esportivos é uma necessidade – seja ele de pequeno, médio ou grande porte, pois agregam valor para as marcas, promovem mudanças comportamentais e, principalmente, contribuem para um planeta mais equilibrado e saudável.

2.2 COPA DO MUNDO DO CATAR PROMETE EVENTO 100% NEUTRO EM EMISSÕES DE CARBONO¹³

Ana Lucia Zattar Coelho
Fernanda Letícia de Souza
2022

Engana-se quem acredita que sustentabilidade está ligada apenas a questões de natureza e meio ambiente. Essa temática, amplamente discutida atualmente, deve estar muito bem alicerçada em três pilares: o social, o ambiental e o econômico.

Sustentabilidade, portanto, deixou de ser uma preocupação de governantes e grandes entidades para se tornar uma questão cotidiana da vida de cada um de nós, que precisa e deve fazer a sua parte na construção de um planeta melhor. Por isso, o mundo já está de olho em um dos maiores eventos esportivos do planeta, a Copa do Mundo de Futebol que, em 2022, será realizada no Catar.

Os promotores da Copa do Mundo prometem ações alinhadas aos princípios da sustentabilidade, com a realização de um evento 100% neutro em emissão de carbono, ou seja, todas as ações buscarão zerar a equação que resulta na emissão de gases causadores do efeito estufa.

Será que essa conta fecha? Confira algumas ações que buscam zerar essa importante equação:

- 1) Todos os estádios construídos serão eficientes nos quesitos água e energia. Os projetos priorizam a luz natural e o uso de energia renovável para iluminação. Segundo a *Oxford Business Group*, será utilizada uma usina de energia solar de 800 MW para abastecer todo o evento, que ficará como legado da copa;
- 2) O estádio *Ras Abu Aboud* será o primeiro no mundo totalmente desmontável e seus componentes serão reutilizados para outros projetos esportivos após a copa. A arena *Ahmad Bin Ali* também foi projetada desta forma e teve 90% dos materiais de construção reaproveitados de outro estádio antigo demolido;
- 3) Serão utilizados um único aeroporto e um único local de hospedagem durante todo o torneio para atletas e equipe técnica. Não haverá grandes deslocamentos, já que a maior distância entre as acomodações e os estádios será de apenas 75 km. Cinco estádios estarão conectados ao metrô da capital Doha, o que permitirá

¹³ Disponível em: <https://www.odebate.com.br/ciencia-ambiente/copa-do-mundo-do-catar-promete-evento-100-neutro-em-emissoes-de-carbono.html>

que os torcedores consigam utilizar este meio de transporte para assistir até dois jogos durante a fase de grupos;

4) Ações serão pautadas em conceitos como a reciclagem (redução da produção de resíduos no momento da compra), descarte adequado do que for gerado durante o evento e economia no consumo de água nas instalações.

Apesar da “proposta sustentável”, a ONG CMW (*Carbon Market Watch*) - uma associação sem fins lucrativos que busca evidências para melhorar as políticas climáticas – não tem tanta certeza de que essas ações acontecerão da forma como estão sendo divulgadas. Ao examinar os planos do Comitê Organizador Local Catar-2022, a ONG concluiu que as emissões de carbono projetadas “provavelmente foram subnotificadas” e que “podem ser até oito vezes maiores do que o estimado pelo comitê organizador”.

Ver a promessa de o resultado dessa equação tão importante ser alcançado, reduzindo significativamente o impacto ambiental de um evento desse porte, seria uma excelente notícia. A nós, cabe a torcida, não só pelo triunfo da nossa seleção verde e amarela, mas para que a taça erguida após o apito final do último jogo da copa represente a neutralidade de carbono de um dos maiores eventos esportivos do mundo.

2.3 ESFRIOU?! NÃO DESANIME! DICAS E BENEFÍCIOS DO EXERCÍCIO FÍSICO NO INVERNO¹⁴

Evellyne Correia
2022

Com as temperaturas mais baixas, aumenta a vontade de ficar debaixo das cobertas, comendo guloseimas, assistindo a filmes ou lendo um livro. Essa programação de inverno realmente é uma delícia, mas pode ser alternada com a rotina dos exercícios físicos.

Há várias vantagens em se treinar no inverno, além daquelas bem conhecidas como: manutenção do peso corporal, fortalecimento dos ossos, melhora na função cardiovascular, fortalecimento do sistema imunológico, redução da pressão arterial, combate à ansiedade e depressão, entre outros.

Porém treinar em baixas temperaturas, desde que com os cuidados corretos, tem algumas outras vantagens. O gasto calórico é potencializado. Isso porque o frio faz com que o corpo gaste mais energia para manter o equilíbrio da temperatura corporal, estimulando a termogênese, termo denominado para a capacidade de queimar calorias para gerar calor. Portanto, os exercícios físicos praticados no inverno são ótimos para quem está com foco no emagrecimento.

O inverno pode ser um bom momento para intensificar os treinos. Isso ocorre porque as temperaturas mais baixas facilitam o controle térmico corporal, em especial em exercício. No calor, a frequência respiratória sobe rapidamente; a grande quantidade de suor e a elevação da temperatura corporal ativam a sensação de cansaço. Essa sensação é reduzida com o clima frio.

No entanto, treinar no inverno exige disciplina. Por isso, seguem algumas dicas para manter o foco nos exercícios físicos em baixas temperaturas:

- Organize todo o material necessário com antecedência. Roupas adequadas são fundamentais: jaquetas corta-vento, calças, polainas e, em caso de regiões ou dias muito frios, toucas, luvas, protetores de boca e nariz são boas opções. Não há problemas em iniciar o treino bem agasalhado e ir retirando as vestimentas aos poucos.

¹⁴ Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticia/esfriou-nao-desanime-dicas-e-beneficios-do-exercicio-fisico-no-inverno>

- Escolha um horário adequado. Geralmente, no início da manhã e no final da noite as temperaturas são mais baixas. Procure realizar os exercícios entre 10 e 20 horas.
- Aposte na variedade. Experimente novos exercícios, em especial, as modalidades que podem ser realizadas em ambientes fechados. Corridas, caminhada e ciclismo ao ar livre, em dias com temperaturas muito baixas, podem dificultar a prática, serem cancelados pela chuva e acabar levando à desistência.
- Capriche no aquecimento! As baixas temperaturas podem aumentar o risco de lesões. Por isso, é necessário preparar bem o corpo para iniciar o treino. Não tenha pressa, reserve um tempo maior para essa etapa durante o inverno.
- Uma boa alimentação antes da prática de exercícios físicos é fundamental. No inverno, esse cuidado deve ser intensificado, já que o corpo necessita de mais energia para se manter aquecido. A hidratação também merece atenção, pois, mesmo sem a sensação de sede, é importante a ingestão de água.

A prática regular de exercícios físicos é essencial para a saúde física e mental, seja em períodos de frio ou de calor. Manter hábitos saudáveis proporciona sensação de bem-estar e aumenta a disposição.

2.4 DEZ DICAS PRECIOSAS AOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS REDES SOCIAIS¹⁵

Ana Lucia Zattar Coelho
2022

Mais do que entretenimento, as redes sociais são ferramentas de trabalho indispensáveis para muitos profissionais, inclusive para os de Educação Física. Ao vencer a barreira geográfica, temos a possibilidade de estar conectados com clientes, estudantes, empregadores, entre outros contatos. Além da troca de informações pela rede dispensar a presença física, ela também oportuniza a divulgação de cursos, estágios, empregos e práticas em geral.

Em outubro de 2021, as plataformas do Instagram, Facebook e WhatsApp apresentaram um *bug* que teve impacto na rotina de trabalho de muitos usuários. O episódio causou inúmeros prejuízos aos que utilizam as redes como ferramentas de divulgação e venda de seus produtos ou serviços. Segundo pesquisa feita pelo Sebrae, sete em cada dez empreendedores brasileiros trabalham com vendas online. Desses, 84% via WhatsApp, 54% via Instagram e 51% via Facebook. Essas porcentagens confirmam que as redes sociais são ferramentas indispensáveis para o trabalho de muitos usuários do mundo todo.

Com base nessas informações, listamos algumas dicas de como os profissionais da Educação Física podem atuar nas redes e usar toda essa movimentação a favor de seu desenvolvimento pessoal e profissional:

- 1) Siga perfis que complementem seu trabalho ou estudo. A rede social entrega no seu *feed* aquilo que é de seu interesse;
- 2) Interaja comentando nos perfis de seus seguidores e de quem você segue. Rede social é para socializar, interagir, trocar informações, aprender e ensinar. Considere sempre escutar a opinião de seu público;
- 3) Aprenda algo novo todos os dias relacionado ao seu nicho, assunto ou interesse e coloque em prática. Muitas vezes, os tutoriais são rápidos e proporcionam aprendizados úteis;

¹⁵ Disponível em: <https://gazetadasemana.com.br/noticia/84485/dez-dicas-preciosas-aos-profissionais-de-educacao-fisica-nas-redes-sociais>

- 4) Produza conteúdo relevante. Isso significa entregar assunto que resolva problemas. Dar dicas e passo a passo é uma boa pedida;
- 5) Faça *lives*. É importante interagir ao vivo para aumentar sua autoridade na rede e demonstrar segurança em seu ramo de atuação;
- 6) Pense na possibilidade de vender algum produto relacionado ao seu trabalho, como por exemplo: roupas, equipamentos de ginástica, cursos ou aulas. Muitas empresas preferem pequenos “*influencers*” para a divulgação e venda de seus produtos em troca de porcentagem nas vendas ou dos chamados “recebidos” pois, assim, atingem um público já segmentado, de forma mais certa;
- 7) Capriche na produção dos conteúdos. As redes sociais são vitrines que podem abrir portas para palestras e consultorias;
- 8) Preze por sua marca pessoal. O que você posta é seu cartão de visita. Lembre-se sempre de deixar sua rede social atualizada, ela é como um jardim: quando as pessoas visitam, vão querer ver algo agradável, harmonioso e bem cuidado;
- 9) Faça um bom planejamento, mas não deixe de aproveitar os assuntos do momento. Surfe a onda quando estiver na hora – não adianta querer surfá-la depois que ela já “quebrou”;
- 10) Viva aquilo que você posta – seja legítimo. As pessoas vão seguir perfis que demonstrem estar alinhados em pensamento, palavra e ação.

As redes sociais e o universo on-line são fundamentais para os profissionais que queiram estar em destaque. É importante compreender que, nesse meio, a mudança e as atualizações são permanentes e trazem um leque de infinitas possibilidades que podem surgir da noite para o dia. Por isso, essas dicas são preciosas e ajudarão você a incrementar sua imagem e melhorar sua performance nessa vitrine que não tem fronteiras.

2.5 JOGOS ELETRÔNICOS SÃO REALIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA¹⁶

Fabiana Kadota Pereira
2022

Os jogos eletrônicos/games são cada vez mais os queridinhos das crianças e adolescentes, com um mundo virtual cheio de cores, efeitos especiais, super-heróis, vilões, armas, entre outros recursos e personagens que chamam a atenção dos estudantes.

Os esportes tradicionais, como voleibol, futebol e xadrez, já fazem parte das telas dos computadores há muito tempo. Podemos identificar que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento de referência em vigência para a educação brasileira, apresenta os jogos digitais (também nominados na BNCC como jogos eletrônicos e *games*) como conteúdo a ser trabalhado em diferentes etapas de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio).

Para tanto, é inevitável a inserção dos *games* nas aulas de Educação Física. Um grande desafio para os professores que, na sua maioria, vêm de uma formação acadêmica tradicional, pautada nos esportes convencionais.

E é na busca de resposta para esse desafio, que apresento algumas reflexões e propostas para a implementação de atividades que envolvam os *games* e os movimentos corporais. O primeiro passo é conhecer quais jogos fazem parte do universo referente a cada faixa etária. Segundo passo, buscar informações e elementos que esses jogos apresentam, como personagens, desafios, objetivos e etapas a serem vencidas, tudo que atrai o jogador para a frente da telinha.

Após esse levantamento, pense em como você pode transformar um jogo como o *Free Fire*, *Fortnite*, *League of Legends* ou *Subway Surfers* em propostas para o mundo real, utilizando cones, linhas da quadra, bolas e cordas, entre outros materiais que possam simular os obstáculos e personagens do jogo.

A pesquisa é outra possibilidade de se trabalhar o conteúdo e envolver os alunos na adaptação do game, sua regra e pontos positivos e negativos. A partir da análise do jogo eletrônico, adaptá-lo para a realização presencial, na quadra, na grama, no pátio.

¹⁶ Disponível em: <https://www.Uninter.com/noticias/jogos-eletronicos-sao-realidade-nas-aulas-de-educacao-fisica>

O professor deve buscar no improvável uma fonte de inspiração. Os *games* já fazem parte da cultura do jovem dos séculos 20 e 21. Entretanto, os movimentos corporais estão limitados aos movimentos dos dedos e olhos atentos.

O desenvolvimento motor deve ser retomado, mas com uma nova roupagem, na qual a bola tenha outras funções para além do arremesso, chute ou lançamento, mas também possa assumir o papel de um dragão que ataca uma aldeia e seus moradores.

2.6 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E A ACEITAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO¹⁷

Fabiana Kadota Pereira
2022

A educação a distância (EAD) existe há mais de um século. Entretanto, é visível o seu crescimento no pós-pandemia. Se, para muitos, aprender a distância era algo improvável, o isolamento social promoveu o contato com essa modalidade, mesmo que de forma involuntária.

Para alguns, a adaptação foi difícil. Para outros, uma oportunidade de ensinar e aprender sem sair de casa. Algumas comodidades dessa forma de ensino, como flexibilidade, preços acessíveis e ausência de deslocamentos, conquistaram os novos adeptos da modalidade.

A educação a distância vem ganhando espaço nas universidades e nos cursos técnicos de média e curta duração.

Mas e o mercado de trabalho? Será que ainda existe preconceito com alunos formados na EAD?

A desconfiança tem reduzido, visto que o número de jovens formados em cursos a distância e atuando no mercado de trabalho vem crescendo.

Encontramos um ambiente mais favorável, em que o preconceito está sendo substituído pelas qualidades comuns aos jovens que realizam a graduação na modalidade a distância, como: proatividade, domínio das novas tecnologias, gestão do tempo, disciplina, entre outras. Qualidades essas que vêm se destacando no novo perfil do egresso da EAD.

Uma dica importante para quem está pensando em fazer um curso em EAD é pesquisar e conhecer o histórico das instituições de ensino.

Analisar não apenas a modalidade – presencial, híbrida ou a distância –, mas, sim, escolher a instituição que deve ter prestígio e experiência na formação em EAD, ou seja, buscar qualidade e não facilidade.

Estudar a distância pode parecer fácil, rápido e barato, entretanto, o aprendizado no ensino superior se deve à dedicação do aluno. O professor é um facilitador, isso pode acontecer de forma presencial ou a distância. Mas, se o

¹⁷ Disponível em: <https://gazetadasemana.com.br/noticia/78923/educacao-a-distancia-e-a-aceitacao-no-mercado-de-trabalho>

estudante não demonstrar interesse em aprender, o processo ensino-aprendizagem passa a ser apenas uma estratégia de ensino e sem êxito na aquisição do saber acadêmico-científico.

O mercado de trabalho está em constante mudança. A formação acadêmica tem papel importante, porém, conhecimento, habilidade e atitude são fundamentais para uma boa colocação profissional.

Para tanto, a educação a distância e a aceitação no mercado de trabalho passam pela capacidade do estudante de se preparar adequadamente, por meio de uma boa formação acadêmica, estágios, rede de relacionamento, formação multidisciplinar, inteligência emocional e marketing pessoal.

2.7 O PRECONCEITO DE GÊNERO NAS PRÁTICAS CORPORAIS E VIRTUAIS¹⁸

Fabiana Kadota Pereira
2022

O preconceito de gênero nas práticas corporais e virtuais continua sendo um grande desafio. Encontramos a discriminação, principalmente, quando as crianças e adolescentes desejam praticar modalidades que ainda são vistas como masculinas ou femininas. Podemos citar alguns exemplos, como o futebol, ballet, boxe, skate, ginástica artística e até os jogos on-line. É perceptível que já avançamos muito na democratização das práticas esportivas, mas ainda encontramos famílias que permanecem resistindo ao incentivo às atividades predominantemente masculinas ou femininas.

Quando falamos de esportes como lutas, futebol ou skate, encontramos equipes e escolinhas que já estão formando times para competições específicas da modalidade ainda divididas por gênero.

Entretanto, no universo on-line, a presença de uma menina ou pessoa LGBTQIA+ normalmente causa surpresa e discriminação. Elas entram geralmente com nome de menino ou um personagem masculino e, se forem identificadas, provavelmente serão avaliadas com mais rigor. Quando cometem algum erro e “prejudicam” a partida, são agredidas verbalmente com palavras machistas, o que podemos chamar de *Cyberbullying*.

Infelizmente, continuamos com o estereótipo de que os homens podem dominar algumas áreas e são mais fortes. Uma ilusão cultural que se mantém na nossa sociedade como algo comum, em que algumas práticas de lazer são previamente dominadas por pessoas com pensamento machista e preconceituoso. O direito ao lazer é de todos, portanto a prática esportiva ou cultural deve ser livre, sem discriminação ou julgamento.

A igualdade de gênero deve ser um direito em todas as áreas: profissional, educacional, social, esportiva, recreativa e cultural.

É inaceitável que crianças, adolescentes, jovens e adultos tenham que usar pseudônimo para praticar alguma atividade. Cabe a cada um de nós combater o

¹⁸ Disponível em: <https://saladanoticia.com.br/noticia/39798/pela-igualdade-de-genero-nas-praticas-esportivas-e-de-lazer>

preconceito com atitudes de acolhimento, igualdade e liberdade. Não podemos continuar aceitando atitudes homofóbicas, racistas, machistas ou de qualquer tipo de discriminação. Falar com as crianças e adolescentes, na família ou na escola, pode ser uma boa estratégia para amenizar as atitudes preconceituosas e o *Cyberbullying*.

2.8 GESTÃO NO FUTEBOL COM ELAS NO COMANDO¹⁹

Marina Aggio
2022

Comemoramos o Dia Internacional das Mulheres neste ano falando de conquistas, especialmente no mundo de futebol no Brasil. A figura feminina já está bem presente no futebol e podemos destacar diversas personalidades.

Uma das histórias inspiradoras e de sucesso, é a da treinadora Tatiele Silveira, única mulher a ser campeã do Brasileiro Feminino de 2019, vice da Libertadores do mesmo ano e vice no Paulista no ano seguinte. A treinadora gaúcha deixou sua marca na Ferroviária de Araraquara/SP, conquistando o carinho das jogadoras e da torcida. Atualmente, Tatiele atua na equipe feminina do Vasco da Gama.

Neste portfólio estrelado de excelentes profissionais do futebol feminino, quero destacar a grande personalidade sueca Pia Sundhage, atual treinadora da Seleção Brasileira de Futebol Feminino. Dentre suas conquistas, Pia acumula títulos como dois Ouros Olímpicos no comando da Seleção dos Estados Unidos, em 2008, em Pequim, e 2012, em Londres, a medalha de prata com a Seleção Sueca, no Rio, em 2016, e a taça de campeã da Copa América de 2022, com a Seleção Brasileira. E pensar que, quando criança, teve que se passar por um menino para disputar um campeonato, pois não havia espaço para mulheres nesse esporte, ainda considerado unicamente masculino.

No campo da gestão esportiva, um nome em evidência é o de Aline Pellegrino, atual coordenadora de competições femininas da CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Em seu currículo, acumula passagem como jogadora e ex-capitã da Seleção Brasileira de Futebol, e na coordenação do departamento de Futebol Feminino da mais importante Federação de futebol feminino do Brasil, a Paulista. Aline é o principal nome da CBF nos quesitos coordenação e trabalha incansavelmente para elevar o futebol feminino a patamares que se aproximem do masculino. Ainda na área de gestão, destaco a importante contribuição que a presidente do Palmeiras, Leila Pereira, tem no comando da equipe alviverde que, nos últimos anos, acumulou títulos expressivos no cenário nacional e mundial.

¹⁹ Disponível em: <https://gazetadasemana.com.br/noticia/65380/gestao-no-futebol-com-elas-no-comando>

Diante das histórias apresentadas, surge uma pergunta: o que essas mulheres têm em comum?

- Coragem: para enfrentar as adversidades oriundas do preconceito desse meio predominantemente masculino.
- Determinação: para buscar entendimento nas adversidades e conduzir a dupla jornada de trabalho.
- Força: para enfrentar situações inesperadas em cargos de liderança.
- Amor: para seguirem sempre realizando suas demandas de gestão com carinho e dedicação, a fim de abrirem portas.

Assim, vamos ficar na torcida por mais Pias, Alines, Tatiele e Leilas que, com maestria e amor ao esporte, inspiram mulheres a buscar e acreditar no seu potencial transformador, aproveitando as oportunidades oferecidas do mundo esportivo, abrindo portas para inúmeras mulheres que acreditam nos seus sonhos e que querem fazer história.

2.9 FINAL DA COPA LIBERTADORES 2022 EM GUAYAQUIL: PARA QUEM?²⁰

Katiuscia Mello Figuerôa
2022

No dia 29 de outubro de 2022 aconteceu a grande final da 63ª edição da Copa Libertadores da América. Para a ocasião, houve um detalhe que, na opinião de muitos torcedores (e não só deles), poderia diminuir a grandeza do espetáculo: a sede escolhida pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) para a realização da final em partida única entre dois clubes brasileiros – o estádio Monumental Isidro Romero Carbo, do Barcelona Sporting Club, em Guayaquil (Equador).

Athletico Paranaense e Flamengo, que venceram Palmeiras e Velez Sarsfield, respectivamente, foram os protagonistas no palco da decisão. Nas redes sociais, antes da partida, a euforia dos torcedores se misturava com a frustração de grande parte dos apaixonados por suas equipes, que não poderiam ir ao Equador. Para além das preocupações com a situação do estádio, que passava por diversas reformas faltando pouco mais de um mês para a partida, os problemas giravam em torno da distância da cidade-sede, dos valores das passagens e ingressos, e da falta de estrutura da cidade para atender um evento como esse.

As passagens partindo de Curitiba custavam em torno de R\$ 8.000,00 e, do Rio, R\$ 6.000,00. Alguns pacotes de viagem chegaram a R\$ 22.000,00. Houve informações de que o ingresso de menor valor custaria US\$ 120 (aproximadamente R\$ 620,00). Além disso, a capacidade hoteleira da cidade era de cerca de 12-15 mil vagas, enquanto o estádio tinha capacidade para pouco mais de 57.000 pessoas. A escassez de voos e hotéis preocupava, inclusive, os clubes finalistas, que encontraram dificuldades para programar a logística para levar suas delegações e convidados, como familiares de jogadores, por exemplo.

Torcedores de ambos os clubes (aqueles que podiam pagar ou que estavam dispostos a contrair dívidas enormes) apelaram para conexões aéreas por várias cidades da América do Sul. Só para ter uma ideia das dificuldades para assistir à final, houve uma caravana organizada pela torcida do Athletico que levou uma

²⁰ Disponível em: <https://saladanoticia.com.br/noticia/38973/final-da-copa-libertadores-2022-em-guayaquil-para-quem>

semana para ir e outra para voltar a Curitiba. Sem falar que muitos não tinham onde dormir em Guayaquil.

O formato de partida única em uma cidade pré-definida para a final da Copa Libertadores da América acontece desde 2019, aos moldes da Champions League. No entanto, não tem como comparar as distâncias e a mobilidade entre países em nosso continente com o europeu. Tampouco a questão financeira é passível de comparações.

Sou torcedora, sempre que possível, vou ao estádio assistir às partidas do meu time, acompanho as discussões nas redes e o que eu e muitas outras pessoas gostaríamos de saber, é: final da Libertadores para quem? Quando a CONMEBOL repensará esse formato inacessível para a maior parte das torcidas envolvidas nessa tão sonhada final?

2.10 O ESPORTE ENTRE GUERRAS²¹

Katiuscia Mello Figuerôa
2022

Os Jogos Olímpicos da Antiguidade contaram, por quase doze séculos (entre 776 a.C. e IV d.C.), com a chamada trégua olímpica (Ekecheiria), ou seja, três meses antes, e até três meses depois do período de competições, os conflitos entre as cidades-estado gregas eram interrompidos para que atletas e espectadores pudessem chegar e sair em segurança da cidade de Olímpia. Em 2022 tivemos notícias de atletas pegando em armas e sendo abatidos em uma guerra, que teve início apenas quatro dias após o encerramento dos Jogos de Inverno de Pequim. Mas até chegarmos nesse ponto, tivemos uma longa história dos esportes entre guerras e conflitos.

De uma forma resumida, podemos começar lembrando que os Jogos Modernos não ocorreram em três ocasiões (1916, 1940 e 1944) devido às grandes guerras mundiais. Depois disso, houve o massacre nos Jogos de Munique, em 1972, em que terroristas invadiram a Vila Olímpica e fizeram atletas e técnicos de Israel de reféns, exigindo a libertação de duzentos palestinos presos em terras israelenses e um avião para fuga. Houve uma ação sem sucesso da polícia, que resultou em 11 reféns, um policial e 5 sequestradores mortos.

Em sinal de protesto à invasão do Egito pela França, Inglaterra e a antiga União Soviética (URSS), Líbano, Egito e Iraque se negaram a participar dos Jogos Olímpicos de Melbourne, em 1956, assim como Espanha, Holanda e Suíça não compareceram à edição devido à invasão da Hungria pela URSS. A rivalidade entre URSS e Estados Unidos durante a Guerra Fria (1947-1991) influenciou uma série de boicotes aos Jogos em 1980 (Moscou) e 1984 (Los Angeles) – algumas das tensões ocorreram em razão dos conflitos no Vietnã, na Coreia e no Afeganistão. Em 1988, a Coreia do Norte boicotou os Jogos de Seul por causa dos conflitos com a Coreia do Sul. Alguns países, como Nicarágua, Madagascar, Etiópia e Cuba acompanharam o boicote, enquanto Seychelles e Albânia não enviaram seus atletas, mas também não confirmaram o boicote por receio de receberem sanções.

²¹ Disponível em: <https://diariocarioca.com/esportes/noticia/2022/06/08/o-esporte-entre-guerras/10314596.html>

A partir de 1991, houve uma série de embargos e sanções contra o governo iugoslavo devido aos seus crimes de guerra. A proibição à participação da Iugoslávia em competições esportivas era uma das medidas, e o país acabou sendo banido da Eurocopa e dos Jogos Olímpicos de 1992, em Barcelona. No entanto, o Comitê Olímpico Internacional permitiu que os atletas classificados participassem das competições daquele ano representando a bandeira dos “Participantes Olímpicos Independentes”.

Um pouco antes do início dos Jogos de Inverno de 2018 na Coreia do Sul, as tensões entre Estados Unidos e Coreia do Norte se intensificaram, o que colocou em xeque a participação dos atletas norte-coreanos na competição. Houve um acordo temporário entre as partes envolvidas no conflito e os atletas puderam competir.

Em 24 de fevereiro de 2022, teve início a guerra entre Rússia e Ucrânia, que vem gerando impactos políticos, econômicos e humanitários enormes para esses povos (e para todo o mundo), e, no que se refere aos esportes, pudemos ver uma mobilização declarada de atletas e ex-atletas ucranianos de diversas modalidades, não só em seus posicionamentos sobre o conflito, mas se disponibilizando para o combate armado contra as tropas russas para defenderem suas famílias e seu país.

Muitos deles apareceram em suas redes sociais vestindo uniformes militares e portando armas e desistiram de participar de competições devido à guerra. Infelizmente, tivemos tristes notícias sobre atletas mortos em combate. Alguns, que decidiram seguir nas competições, doaram os prêmios recebidos para o exército ucraniano e para a distribuição de mantimentos à população. Outros arrecadaram dinheiro, como os atletas da seleção masculina de futebol.

Do outro lado, muitos atletas russos se declaram contra a guerra e, mesmo assim, foram banidos de diversas competições ao longo de 2022, como os Jogos Paralímpicos de Inverno, em Pequim. Eles puderam participar do evento com uniformes e bandeira neutras, sem menções ao país e suas cores, sob o título de Comitê Olímpico Russo. Segundo algumas instituições, esse banimento não foi uma punição, mas, sim, uma forma de apoio a um acordo de paz entre os países em conflito. Também há manifestações a favor de Putin, como alguns atletas russos da natação e do hóquei no gelo, entre outros que se rebelaram por não poderem utilizar as cores e bandeira de seu país, enquanto ucranianos podiam.

De maneira inevitável, o esporte é atingido nesse tipo de situação, mas é o menor dos problemas em meio a esse tema tão sensível. Fica a reflexão sobre como será difícil para as populações ucraniana e russa (e mundial), e os esportes incluídos, retomarem suas vidas após o fim da guerra.

2.11 O RETORNO DO MINISTÉRIO DO ESPORTE²²

Katiuscia Mello Figuerôa
2023

É notório que o esporte sempre teve seus altos e baixos em nosso país. No que se refere a uma estrutura de gestão esportiva na esfera federal, podemos traçar uma breve linha do tempo com alguns destaques, como a formação da Secretaria de Desportos, durante o governo Collor (1990-1992), quando o esporte saiu da pasta da educação; a criação do Ministério Extraordinário dos Esportes, no governo de FHC (1995-1998), que teve Pelé à frente; a junção do esporte ao turismo em um único Ministério, no segundo mandato de FHC; a constituição de uma pasta própria exclusiva no começo do primeiro governo Lula, em 2003, quando o esporte entra na agenda prioritária do Governo Federal e se instituem diversas políticas públicas para a área e, nos últimos anos (2019-2022), tivemos um retrocesso materializado pela incorporação do esporte ao Ministério da Cidadania, como uma secretaria, assim como ocorreu com o Ministério da Cultura e com o do Desenvolvimento Social.

Alguns especialistas em Políticas Públicas esportivas, como Pedro Cavalcanti, da Universidade de São Paulo, criticaram a extinção da pasta, argumentando que isso enfraqueceu as políticas esportivas no país. Os especialistas apontam, ainda, que o discurso de que a diminuição do número de ministérios acarreta uma economia não é verdade, pois, o Ministério da Cidadania, por exemplo, continuava tendo os responsáveis por cada área específica, que perderam em autonomia, status e não tinham um orçamento próprio. Também há artigos científicos que comprovam que houve retrocessos para a área, representado pelo encerramento ou paralisação de projetos e falta de transparência em páginas oficiais do governo.

Nesse momento, grande parte dos profissionais envolvidos com a gestão e as políticas públicas para o esporte aguardam com mais otimismo as próximas ações para a área, já que o Ministério do Esporte foi recriado no início de 2023. Além disso, pela primeira vez, temos uma mulher – Ana Moser, ex-atleta do vôlei e medalhista olímpica –, à frente da gestão esportiva do país. A ministra tem amplo

²² Disponível em: <https://noticiasdoes.com.br/noticia/31693/o-retorno-do-ministerio-do-esporte->

conhecimento na área social, pois atua há anos em ações voltadas ao esporte e educação, para além da atuação como atleta e, das 37 indicações do novo governo para os ministérios, ela foi uma das 11, sem atuação partidária.

Em seu primeiro discurso, ela já tocou em um ponto importante e sensível para a área: disse que o Ministério deve ser um instrumento de política social e que o esporte deve ser acessível à população, ou seja, que não deverá focar em trazer medalhas para o país ou apenas fomentar o esporte de alto rendimento. A Ministra ressaltou, ainda, que deverá fortalecer as parcerias com outros Ministérios, trabalhando mais com a intersectorialidade que, diga-se de passagem, cabe muito bem para o esporte, que perpassa várias áreas, como a da educação, saúde, cultura, entre outras. Outro ponto de destaque é que, com a aprovação da PEC (Proposta de Emenda à Constituição) da Transição, o orçamento para o esporte passou de R\$ 200 milhões para R\$ 2 bilhões para este ano. Parece muito, mas ainda é um dos menores orçamentos entre as pastas.

Desde sua posse, Ana Moser vem se reunindo com organizações e atores da área, que apresentam propostas e demandas da sociedade como, por exemplo, a aprovação do Sistema, do Fundo e do Plano Nacional do Esporte. Essa abertura para conversa com agentes dos vários setores do esporte é fundamental para que haja uma política unificada e efetiva no país. Em meio a tudo isso, temos a Lei Geral do Esporte, que está aguardando sanção presidencial e que, com certeza, ajudará muito na gestão e no desenvolvimento esportivo em todas as esferas governamentais, já que dará um direcionamento quanto às responsabilidades de cada ente federativo, como acontece com a saúde ou com a educação, por exemplo, o que ainda não existe na área esportiva no país.

Ao que tudo indica, a reconstrução do esporte no país será feita a partir da escuta dos protagonistas dessa área e da participação popular. Nada mais justo e necessário, já que é sabido que o esporte, como direito social, pode contribuir para a redução da violência, para a promoção da inclusão e de uma vida mais saudável, que estão entre as demandas urgentes da nossa sociedade.

2.12 MULHERES E CRIANÇAS NO FUTEBOL: RESPOSTAS À VIOLÊNCIA E AO PREÇO DE INGRESSO²³

Emerson Liomar Micaliski
2023

Após episódios de brigas entre as torcidas de Athletico e Coritiba, em jogo válido pelo Campeonato Paranaense de 2022, os clubes foram punidos pelo Tribunal de Justiça Desportiva do Paraná (TJD-PR) com um mando de campo sem presença de público para o Estadual de 2023. Pelo mesmo motivo de violência entre torcedores, desta vez em jogo contra a equipe do Maringá, o Athletico recebeu ainda a perda de mais uma partida sem a participação de torcedores.

Contudo, os dois times recorreram junto ao TJD-PR e a decisão foi reverter a punição de forma parcial. Ao invés de realizarem os jogos com portões fechados, foi liberada a presença somente de mulheres e crianças com até 12 anos, com ingresso sendo trocado por 1kg de alimento. O primeiro jogo aconteceu no estádio do Couto Pereira, Coritiba x Aruko, em que aproximadamente 9 mil torcedores compareceram. Por sua vez, a Arena da Baixada teve maior adesão, com todos os ingressos esgotados em poucas horas. Os duelos do Athletico versus Maringá, assim como contra o Foz do Iguaçu, tiveram mais de 32 mil e 37 mil pessoas, respectivamente, presentes em cada jogo.

Essa adesão de torcedores mirins e femininos – mães com filhos, mulheres grávidas, avós, e das mais diferentes classes sociais – enchendo as arquibancadas dos estádios da capital paranaense para acompanhar jogos do campeonato local, levanta algumas reflexões: quais as estratégias que os clubes e órgãos responsáveis pela segurança pública realizam para que mulheres e crianças se sintam seguras para assistirem aos jogos de futebol no estádio? Quais são os planos de ações que os clubes apresentam às famílias e pessoas de diferentes idades para frequentarem os estádios?

Essas questões nos remetem a dois pontos: violência e valores na comercialização de ingressos. Em relação à violência nos eventos de futebol, apesar de não ser um problema recente e tampouco exclusivo do nosso país, a sociedade não pode ficar refém desse imbróglio, gerado por integrantes de torcidas

²³ Disponível em: <https://www.Uninter.com/noticias/mulheres-e-criancas-no-futebol-respostas-a-violencia-e-ao-preco-de-ingresso>

organizadas. Nos dias atuais, é possível sim, identificá-los e aplicar severas punições corretivas.

Paralelo à violência, soma-se o preço dos ingressos. Não de hoje, percebe-se uma tentativa de elitização do futebol tornando-o um produto caro e para poucos. Essa elitização que cobra ingresso com valores fora da realidade da maioria da população brasileira, ainda, obriga-os a um vínculo de tornar-se sócio torcedor com exclusividade.

Portanto, é preciso que o TJJD e demais órgãos de segurança pública apliquem punições aos verdadeiros responsáveis pelos atos de vandalismo e violência. Por sua vez, a grande presença de crianças e mulheres nos jogos é uma resposta aos clubes para desenvolverem planos e ações aos diferentes tipos de público, principalmente, revendo seus valores de ingressos em determinados setores do estádio ou jogos.

2.13 O LAZER É IMPORTANTE PARA A QUALIDADE DE VIDA²⁴

Fabiana Kadota Pereira
2023

É comum as pessoas de diferentes gerações e gêneros apresentarem dificuldades de desfrutar de momentos de lazer. Em muitos casos encontrarmos dúvidas como: Quais atividades posso considerar um lazer? Qual a importância de valorizar o tempo para o lazer? O que é lazer para mim? São perguntas simples, mas de extrema importância quando falamos em qualidade de vida.

Vamos entender o que significa lazer:

O Lazer, que vem do latim “licere” – ser lícito, ser permitido -, é normalmente definido como uma série de atividades que o indivíduo pode praticar em seu tempo livre e disponível, ou seja, naquele momento em que não está trabalhando, em tarefas familiares, religiosas ou sociais, e que lhe proporcionam prazer.

Em 1980, o sociólogo Jofre Dumazedier, classificou cinco interesses culturais do lazer, sendo: físico-esportivo, artístico, manual, social e intelectual. Em 1986, Camargo incluiu nesta lista o interesse turístico. E em 2003, Schwartz acrescentou o virtual.

Agora, vamos para uma rápida reflexão dos interesses citados acima, qual ou quais você mais se identifica?

Essa resposta é muito importante quando entendemos que podemos nos identificar com um ou mais entre os sete interesses aqui apresentados. Porque quando entendemos qual atividade de lazer consideramos prazerosa, passamos a fazer escolhas pessoais, coerentes com o nosso interesse e o que realmente nos traz, prazer, descontração e descanso.

Entretanto, muitas pessoas passam horas acompanhando amigos e familiares em atividades que não consideram prazerosas e, portanto, não podem ser consideradas lazer para esse indivíduo. O que devemos entender são as concessões que fazemos para o bom convívio social e familiar. Outra coisa é conhecer o nosso interesse pessoal: qual é a atividade me faz bem e é prazerosa?

Observe alguns exemplos dos interesses culturais aqui apresentados:

²⁴ Disponível em: <https://gazetadasemana.com.br/noticia/117003/o-lazer--e-importante-para-a-qualidade-de-vida>

Há pessoas que têm interesse intelectual e gostam de um bom livro, cinema ou museu. Outros têm interesse manual e preferem cozinhar, fazer jardinagem e até passar horas lavando o carro ou o seu animal de estimação. Sendo que, essas atividades para muitos não são consideradas um lazer. O que é um equívoco.

Encontramos também as pessoas que gostam de passear no shopping ou andar de bicicleta, há outras que preferem assistir à televisão. Desta forma, devemos estar cientes que o que é lazer para mim, pode não ser para o outro. Essas reflexões são importantes para não passarmos a vida fazendo coisas que não nos são prazerosas e agradáveis. O bom senso deve ser o equilíbrio entre o que gostamos de fazer no nosso tempo disponível e o que “temos que fazer” pelo convívio social.

Priorizar um tempo para o lazer, se possível, diariamente, seria o ideal: um tempo para você descansar, se divertir, sem compromissos ou preocupações, isso é o que chamamos de educação para o lazer. Não é uma missão fácil, mas é necessária. Quando entendemos que o corpo e a mente precisam relaxar, passamos a valorizar o nosso tempo disponível com boas escolhas, isso permitirá que você aumente a sua expectativa de vida, podendo, assim, desfrutar de momentos únicos, simples e prazerosos.

2.14 MULHERES NO ESPORTE²⁵

Fernanda Letícia de Souza
2023

“Dizem que a mulher é o sexo frágil, mas que mentira absurda!”, já cantava o saudoso Erasmo Carlos. No esporte fica ainda mais evidente que o sexo frágil é apenas um mito. Apesar da maioria das modalidades envolver qualidades físicas como força e potência, nas quais homens são geneticamente superiores, as mulheres têm provado que a igualdade de gênero é possível e está cada vez mais perto de se tornar uma realidade.

A história nos mostra que o caminho a percorrer ainda é longo. Durante muito tempo as mulheres foram impedidas de praticar esportes, o que aumentou a desvantagem na conquista de espaços nas quadras, campos e piscinas. O Decreto-Lei Nº 3.199, de 1941, determinava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Talvez “incompatível com a natureza feminina” seja a aceitação da determinação de que a prática de esportes era exclusiva aos homens.

Graças a muita luta e militância, este cenário está bem diferente nos dias de hoje. Nas Olimpíadas de Tóquio, última edição do evento realizada em 2021, as mulheres atletas brasileiras tiveram o melhor desempenho até agora em todas as Olimpíadas das quais participaram. Foram 9 medalhas – 4 a mais que na edição Rio 2016 – das quais 3 foram de ouro. Das 21 medalhas conquistadas pelo Brasil em Tóquio, as 9 conquistadas pelas mulheres representaram 41% do total, ou seja, quase em igualdade com os homens atletas, apesar de todo o atraso que o preconceito impôs a elas.

Não são somente os números que comprovam que no esporte não há espaço para o mito do sexo frágil. Uma pesquisa com atletas do ensino médio feita pelo Josephson Institute of Ethics, sem fins lucrativos, descobriu que as meninas são cerca de duas vezes mais propensas que os meninos para modelar o bom espírito esportivo. Meninas se comunicam com menos raiva do que meninos no

²⁵ Disponível em: <https://gazetadasemana.com.br/noticia/114953/mulheres-no-esporte>

esporte. Quando as divergências aparecem no grupo, as meninas discutem as coisas de forma mais racional e construtiva e os abraços de equipe e gritos de guerra são, predominantemente, práticas comuns em times femininos.

Muitos paradigmas ainda precisam ser quebrados para que, de fato, as mulheres exerçam toda a sua potencialidade nos esportes. A maioria dos jogos, independentemente da modalidade esportiva, transmitidos pela mídia são de times masculinos. Assistir a esportes na televisão continua sendo “programa de homem”, enquanto as mulheres são “incentivadas” a procurar outras atividades de lazer. Talvez isso explique, em parte, porque, em média, as meninas comecem a praticar esportes cerca de dois anos depois dos meninos, o que pode definir a diferença de habilidades entre os dois gêneros.

Meninas começam a treinar mais tarde. Com o atraso, são menos habilidosas. A diferença no nível de habilidade faz com que a mídia prefira a transmissão dos esportes masculinos. Parece um ciclo sem fim, mas não é. Prova disso são os números conquistados no esporte pelas mulheres nos últimos anos. O cenário pode melhorar? Certamente! E a mudança começa dentro de casa, no núcleo familiar. Incentivar e criar um ambiente divertido é a chave para aumentar a participação das mulheres no esporte.

Então, se você que está lendo esse texto, é pai ou mãe de uma menina, dê bolas de presente, “brinque” de praticar esportes com ela aos finais de semana e jamais diga que esse ou aquele esporte é coisa de menino. Sua filha é capaz de alcançar o que ela quiser e, talvez, essa meta seja o lugar mais alto de um pódio esportivo.

2.15 JOGOS OLÍMPICOS DE PARIS: O QUE MUDOU EM 100 ANOS?²⁶

Emerson Liomar Micaliski
2023

Após um intervalo de 1924 a 2024, Paris voltará a sediar uma edição do principal evento esportivo do mundo, os Jogos Olímpicos. A cidade parisiense, ficará ao lado de Londres, no topo do ranking entre as cidades com mais edições dos Jogos. Historicamente, a cidade de Londres é a única a sediar três edições dos Jogos, 1908, 1948 e 2012. Esse recorde, porém, será alcançado pela cidade de Paris em 2024, após ter recebido os jogos em 1900 e 1924. Mas, nesse intervalo de 100 anos dos jogos realizados na capital francesa, é comum que nos perguntemos: o que mudou entre as edições das Olimpíadas? Quais foram os resultados e os avanços do Brasil entre as edições de 1924 e 2024?

De acordo com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), os Jogos Olímpicos de 1924 foram marcados pelo alto investimento na infraestrutura e na inédita montagem da vila olímpica para hospedar os 3.088 atletas representantes de 44 países. Além disso, a cobertura de aproximadamente mil jornalistas nas 23 modalidades, disputadas em 126 provas, favoreceu para consolidar os Jogos Olímpicos como o maior evento esportivo do mundo. O Brasil, teve apenas 12 atletas competindo em 3 modalidades (atletismo, remo e tiro esportivo), e sem conseguir subir ao pódio, o melhor resultado alcançado por atletas brasileiros foi o 4º lugar pelos irmãos Edmundo e Carlos Castelo Branco, no remo.

Já para os jogos de 2024, o Comitê Olímpico Internacional (COI), destaca que são esperados 10.500 atletas, representando mais de 200 países, para competir em 239 eventos, de 38 modalidades. Essa edição marcará a estreia de uma nova modalidade, o breakdance. Entre as boas novidades também temos a igualdade na participação entre homens e mulheres nos jogos, sendo 50% de atletas masculinos e 50% femininos, além do aumento das provas mistas entre homens e mulheres, ampliando de 18 para 22, comparadas à Tóquio.

Os dados concebem o avanço da conquista da participação feminina no esporte, pois em 1924, as mulheres representavam somente 4,4% do total dos

²⁶ Disponível em: <https://saladanoticia.com.br/noticia/53695/jogos-olimpicos-de-paris-o-que-mudou-em-100-anos>

competidores. Vale lembrar que o alcance da igualdade de gênero faz parte das recomendações da comissão do Programa Olímpico, bem como, é uma das metas da Agenda 2030, concentradas no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5, que trata do alcance à igualdade de gênero e empoderamento de mulheres e crianças.

Sobre os efeitos comparativos de resultados, ainda não temos como responder quantos atletas participarão e quais modalidades serão representadas por brasileiros na edição de 2024, isso porque, a quase dois anos do evento, as competições classificatórias estão sendo realizadas. Entretanto, existe a expectativa que os números da última edição (Tóquio), com 302 atletas em 35 modalidades diferentes, e a conquista de 21 medalhas, sendo 7 de ouro, 6 de pratas e 8 de bronze, sejam superadas nos Jogos de Paris. Uma conquista que fará história para o país e que continue a fazer história também nas conquistas de igualdade para mulheres.

2.16 DIA DO ATLETA: UMA COMEMORAÇÃO OU REFLEXÃO²⁷

Fernanda Letícia de Souza
2023

No dia 21 de dezembro é comemorado, no Brasil, o Dia do Atleta. A data foi instituída em 1961, pelo então presidente Jânio Quadros. A ideia de se ter um dia exclusivo dedicado a estes homens e mulheres, tantas vezes considerados “heróis” pela nação, parece algo óbvio e natural. Mas o que de fato comemoramos neste dia?

Apesar da data ter sido instituída em 1961, a prática de esportes, ou seja, o “ser atleta”, somente foi considerada uma profissão no país em 1998, com a promulgação da Lei nº 9.615 de 24 de março. No entanto, relatos de atletas em atividade são conhecidos desde a Antiguidade, nos Jogos Olímpicos que tiveram início em 776 a. C., com provas que demandavam muito treino e aprimoramento das capacidades físicas dos competidores. Os atletas não eram profissionais. Não havia remuneração e as recompensas recebidas se restringiam a uma coroa de ramos feita com as folhas da oliveira e refeições garantidas ao longo da vida. O que mudou com o passar dos anos?

Além da profissionalização, que permitiu aos atletas viverem (ou sobreviverem) deste ofício com o recebimento de salários, a busca por patrocínios, como complementação da renda, fez crescer o nível de competitividade e dos índices e recordes estabelecidos nos esportes. Atualmente, a tecnologia entra em campo, em quadra, nas pistas e piscinas, como uma aliada do treinamento físico e tático. O uso desta ferramenta vai desde o mapeamento genético do atleta para prescrição do treino mais adequado e da prevenção de lesões, passando pelas vestimentas tecnológicas de alta performance e pelo uso da realidade virtual em treinamento com foco no aprimoramento de tomada de decisão e condicionamento físico, até o uso de Inteligência Artificial (IA) para identificar os pontos de melhoria de um atleta. É a evolução atuando para a fabricação de superatletas em série.

Talvez o conceito de evolução esteja um pouco equivocado, quando se chega à conclusão de que a tecnologia impossibilita a mera comparação entre o

²⁷ Disponível em: <https://jornaldobelem.com.br/noticia/25924/dia-do-atleta-uma-comemoracao-ou-reflexao?>

atleta de ontem e o atleta de hoje. Pesquisas com fósseis comprovam, por exemplo, que aborígenes australianos de 20 mil anos atrás poderiam alcançar velocidades superiores ao do atleta Usain Bolt, atual recordista dos 100 e 200 metros rasos. Quais foram as reais mudanças então? Na teoria, os atletas atuais estariam muito a frente nos quesitos de performance. Na prática, fatores intrinsecamente humanos, como talento, capacidade de improviso diante do imprevisível e criatividade, continuam sendo o principal diferencial quando o acesso à tecnologia fica à disposição de todos.

Se para o atleta de ontem, os desafios principais giravam em torno da profissionalização, para os atletas de hoje eles continuam: quando os salários são baixos e não se encontra incentivo ou iniciativa privada disposta a investir recursos em suas promissoras carreiras. E as semelhanças não param por aí. Seja ontem, hoje, ou amanhã, ser atleta continuará demandando dedicação árdua aos treinamentos diários e exaustivos, abdicação de momentos com a família em prol de intermináveis competições, a busca por índices e a falta de reconhecimento a este “trabalho” que tantas alegrias traz para os brasileiros.

Então, no dia 21 de dezembro, cabe a cada um de nós, independente da sua profissão, comemorar aplaudindo de pé estes profissionais, que dedicam as suas vidas para conquistar pódios, medalhas e troféus que enchem os nossos dias de esperança e nos fazem acreditar que vale a pena ser brasileiro, com muito orgulho e com muito amor.

2.17 O BRILHO BRASILEIRO NOS JOGOS PANAMERICANOS²⁸

Fernanda Letícia de Souza
2023

A 19ª edição dos Jogos Panamericanos acontece em Santiago no Chile e promete ser a maior da história, reunindo cerca de sete mil atletas dos países das Américas do Norte, Central e do Sul. Os jogos ocorrem desde 1951, de forma ininterrupta, de quatro em quatro anos, e o Brasil é uma potência nesta competição, participando de todas as edições realizadas.

Somando todas as participações em Panamericanos, o Brasil ocupa o 4º lugar no ranking geral, atrás dos Estados Unidos, Cuba e Canadá. No histórico brasileiro nos jogos são 1376 medalhas conquistadas, sendo 384 de ouro, 402 de prata e 590 de bronze. A evolução brasileira, ao longo das 18 edições, foi constante e progressiva, culminando com a conquista do 2º lugar geral no quadro de medalhas da última edição, realizada em Lima, Peru, no ano de 2019, atrás apenas do gigante Estados Unidos.

Se para os Estados Unidos, que lidera o quadro geral de medalhas e venceu 16 das 18 edições realizadas até agora, a competição não tem tanto destaque no calendário esportivo – os americanos não disputam os Jogos Panamericanos com seus atletas principais, na maioria das modalidades –, para o Brasil a competição representa uma etapa essencial no planejamento de quase todos os esportes do cenário brasileiro.

Das 58 modalidades em disputa nos Jogos Panamericanos de 2023, 47 integram o programa olímpico e, destas, 21 darão vagas diretas para Paris 2024 e outras 12 servirão como índice e pontuação no ranking. Por isso, o Brasil chegou à Santiago com uma delegação recorde de 623 pessoas, entre atletas e comissões técnicas, que brigam por medalhas em 54 modalidades, ou seja, praticamente todas do programa dos jogos.

A competição é a mais importante do ano para o Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Quando os atletas brasileiros entrarem em campo, em quadra, nos ginásios, nas pistas e nas piscinas, anos e anos de um planejamento minucioso serão postos

²⁸ Disponível em: https://www.Uninter.com/noticias/o-brilho-brasileiro-nos-jogos-panamericanos?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAR5x_zC1_MhsEkOfPpQcEO1WcLRxZHm6wGH5HEkHXkuSRjuCdEyg8iG--LRQgg_aem_aUzbpwJc6DM8gg3xw78X-w

à prova. Por isso, o Brasil não poupou atletas e levou para a capital chilena suas maiores estrelas, dentre elas, Rayssa Leal no skate, Rebeca Andrade na ginástica artística, Hugo Calderano no tênis de mesa, Ana Marcela Cunha nas águas abertas e Isaquias Queiroz na canoagem velocidade.

A expectativa é de uma chuva de medalhas para o Brasil, superando o recorde obtido na última edição de Lima, no Peru, quando o país conquistou 54 medalhas de ouro e um total de 169 pódios. O COB tem dois principais objetivos na competição: conquistar vagas olímpicas para Paris 2024 e manter o Brasil entre as três principais potências do continente, no quadro de medalhas.

Todas as cinco regiões do Brasil estarão representadas nos Jogos Panamericanos 2023. A região sudeste é a recordista, com 351 atletas. Na sequência está o Sul com 87, Nordeste com 47, Centro-Oeste com 26 e, por fim, o Norte com 7 atletas. Estaremos na torcida para que o brilho dos ouros conquistados se espalhe do Oiapoque ao Chuí e contagie os brasileiros rumo à Paris 2024.

2.18 DO FIM AO RECOMEÇO: UMA LIÇÃO DA COPA DO MUNDO AO FUTEBOL FEMININO DO BRASIL²⁹

Fernanda Letícia de Souza
2023

Após 28 anos, a seleção brasileira feminina de futebol voltou a ser eliminada de uma copa do mundo, na fase de grupos. Único país a participar de todas as edições, o Brasil só tinha alcançado um resultado tão ruim em 1991 e 1995, quando também não avançou ao mata-mata da competição. A eliminação precoce foi um balde de água fria para uma promessa de renovação que marca o trabalho de Pia Sundhage, a frente desta geração de jogadoras.

A seleção brasileira feminina chegou à Austrália, carregando uma grande expectativa da torcida que apostava em uma primeira fase tranquila, num grupo que contava com a favorita França, mas outras duas seleções de pouca expressividade no ranking da FIFA: Panamá e Jamaica. A estreia, com um elástico placar de 4 a 0 sobre o Panamá, parecia um presságio de que as novas estrelas do Brasil iriam brilhar muito nesta copa. No entanto, o empate em 0 a 0 entre França e Jamaica, logo na primeira rodada começou a mudar o rumo da história.

Mas o que de fato deu errado na seleção brasileira? A segunda rodada contra a França já mostrou jogadoras apáticas e com medo. Pia, a técnica da seleção brasileira, mudou a escalação apostando em Geize como atacante de força na área adversária e um esquema tático de lançamentos longos entre defesa e ataque, o que descaracterizou o jogo brasileiro, justamente, famoso pelo bom toque de bola e criatividade no meio de campo. A decisão claramente foi equivocada, mostrando um absoluto domínio da França no primeiro tempo. No segundo tempo, apesar do ótimo início com o gol de empate, a seleção não sustentou o bom momento e, com substituições tardias, acabou derrotada. Derrota normal, disseram os críticos, considerando o favoritismo da França.

Mas onde está a normalidade de um desempenho abaixo do que podem produzir as nossas jogadoras?

O jogo com a Jamaica ganhou cara de mata-mata. Somente a vitória garantia a classificação. O desespero ficou claro já na escalação: Marta titular. Caímos na

²⁹ Disponível em: <https://gazetadasemana.com.br/noticia/129541/do-fim-ao-recomeco-uma-licao-da-copa-do-mundo-ao-futebol-feminino-do-brasil>

armadilha da Martadependência. É inegável que nossa rainha é a melhor do mundo e referência absoluta no futebol feminino, mas no auge de seus 37 anos e voltando de lesão, claramente não tinha condições de sustentar uma partida como uma titular. Debinha deixou de lado toda a sua criatividade para buscar incessantemente Marta em campo. Pia renunciou a seu trabalho de renovação e aposta nos jovens talentos. A falta de equilíbrio emocional das nossas jovens jogadoras ficou ainda mais evidente e o resultado todos viram: uma amarga e decepcionante eliminação. É importante ressaltar também os méritos da defesa da seleção da Jamaica, que não tomou nenhum gol na fase de grupos, nem mesmo da fortíssima França.

Tivemos erros? Tivemos acertos? Muitos ao longo desta trajetória de preparação e na curta participação nesta copa. O que mais pesa neste saldo negativo que ficamos é a falta de investimento no futebol feminino do Brasil. Apesar do cenário mostrar evoluções nos últimos anos, ainda estamos muito longe do que é visto em países mais tradicionais da modalidade, como Estados Unidos e França, por exemplo. No entanto, a cobrança pelo resultado é a mesma por parte de fãs, torcedores e críticos, que esquecem que para conquistar títulos, é necessário construir uma base e criar uma cultura de suporte ao futebol feminino.

Encerramos mais uma participação em copa do mundo de futebol feminino com as palavras daquela que é e sempre será a maior de todas: “Quero que o Brasil siga com o mesmo entusiasmo, apoiando. Resultado não acontece de um dia para o outro...não tem mais copa para a Marta e estou muito grata pela oportunidade de jogar mais uma copa. Para elas, é só o começo...”, declarou Marta emocionada. Que seja um lindo recomeço!

2.19 ESTRESSE OCUPACIONAL AFETA A QUALIDADE DE VIDA E A SAÚDE?³⁰

Fabiana Kadota Pereira
Carlos Alberto Holdefer
2023

O mundo moderno trouxe uma série de desafios e demandas que afetam significativamente a vida das pessoas, e um dos principais problemas enfrentados por muitos é o estresse ocupacional. Esse fenômeno está relacionado ao trabalho e é resultado de uma combinação de fatores, como alta carga de responsabilidades, prazos apertados, longas jornadas de trabalho e pressão por resultados constantes. Essa condição do estresse ocupacional pode ter impactos profundos na saúde física e mental das pessoas, comprometendo diretamente a qualidade de vida.

O ambiente de trabalho é um local onde passamos grande parte do nosso tempo diário e é essencial que seja um espaço que promova o bem-estar e a produtividade, em sintonia e equilíbrio. No entanto, quando o estresse ocupacional se torna uma constante, os efeitos negativos se fazem sentir em diversos aspectos da vida do profissional, impactando no desempenho laboral.

Um dos principais problemas associados ao estresse no trabalho é o aumento dos níveis de ansiedade e depressão. O indivíduo pode se sentir sobrecarregado, sem controle sobre a própria vida e incapaz de lidar com as demandas profissionais. Essa ansiedade pode se estender para a vida pessoal, prejudicando o convívio familiar e social e até mesmo a capacidade de relaxar e descansar adequadamente.

Vale destacar a atividade física como uma importante aliada no processo de redução dos impactos negativos, pois o estresse ocupacional pode ter consequências físicas graves, como dores de cabeça frequentes, distúrbios do sono, enfraquecimento do sistema imunológico. Essas condições, se não tratadas, podem se agravar e levar a problemas de saúde mais sérios, como as doenças ocupacionais físicas e psicológicas.

³⁰ Disponível em: <https://www.Uninter.com/noticias/estresse-ocupacional-afeta-a-qualidade-de-vida-e-a-saude>

Para reduzir os efeitos negativos desse processo, é fundamental implementar estratégias de gerenciamento de estresse no ambiente de trabalho. Empregadores devem incentivar uma cultura organizacional que priorize o equilíbrio entre vida pessoal e profissional. Isso pode ser alcançado por meio de medidas como a flexibilidade de horários, programas de bem-estar e apoio psicológico aos funcionários. Além disso, é crucial que os colaboradores sejam incentivados a reconhecerem seus próprios limites e a buscarem ajuda, quando necessário.

Praticar atividades físicas, desfrutar de momentos de lazer e outras formas de relaxamento, também são fundamentais para diminuir os níveis de estresse e promover a qualidade de vida. É possível acrescentar no ambiente corporativo um calendário de palestras, workshops, ginástica laboral e treinamentos que abordem o tema do estresse ocupacional e ofereçam ferramentas para lidar com a pressão do trabalho.

Em resumo, o estresse ocupacional é uma realidade comum nos tempos modernos, mas medidas podem ser tomadas para minimizar seus impactos na qualidade de vida dos trabalhadores. A criação de ambientes de trabalho mais saudáveis e o estímulo ao equilíbrio entre vida profissional e pessoal são caminhos essenciais para promover uma cultura de bem-estar no mundo corporativo. Ao colocar a saúde mental e física como prioridade, empregadores e colaboradores podem trabalhar juntos para enfrentar os desafios do trabalho de forma mais saudável e gratificante.

2.20 FUTEBOL NO BRASIL: DA PAIXÃO À GANÂNCIA, O PREÇO DE UM ESPORTE EM CRISE³¹

Fernanda Letícia de Souza
2024

Conta a história que o futebol chegou ao Brasil pelas mãos do brasileiro, descendente de escoceses, Charles Miller. Nascido em São Paulo, Miller foi estudar na Inglaterra e, em 1894, ao retornar ao país, trouxe na mala duas bolas, dois uniformes completos, uma bomba de ar e um livro de regras do futebol, esporte que já encantava milhares de ingleses.

No início, o futebol tinha um caráter estritamente recreativo, utilizado como opção de lazer para distrair e divertir os operários das fábricas. O primeiro clube de futebol brasileiro foi o São Paulo Athletic Club, criado como uma associação de caráter esportivo amador, sem qualquer finalidade econômica, com o objetivo de promover jogos entre seus associados e estimular a convivência social. No entanto, a monetização do futebol não demorou muito para acontecer. Apenas seis anos após a introdução do esporte no Brasil, em julho de 1900, o Sport Club Rio Grande, de Rio Grande (RS), surgiu como o primeiro clube criado com o objetivo de manter equipes de futebol.

De lá para cá, o futebol brasileiro só cresceu, tanto em quantidade de clubes profissionais, quanto em valores de contratos de jogadores, programas de torcedores e comercialização de camisas, ingressos e demais produtos ligados ao esporte. Os números são cada vez mais astronômicos e a ascensão dos craques cada vez mais meteórica. Segundo a InfoMoney, em 2023, a receita total bruta dos clubes da Série A do Campeonato Brasileiro atingiu o recorde de R\$ 8,83 bilhões, uma variação de 16,4% em relação a 2022.

Infelizmente, o velho ditado popular de quanto mais se tem mais se quer, também se aplica ao futebol brasileiro. O relatório da InfoMoney mostra que mais dinheiro nas mãos significa sempre a oportunidade de aumentar a competitividade, ao invés de pagar as dívidas contraídas para fechar e manter os contratos. A dívida líquida da série A, em 2023, foi de R\$ 11,73 bilhões, ou seja, quase 3 bilhões de reais acima da receita obtida.

³¹ Disponível em: <https://buritinews.com.br/noticia/20453/futebol-no-brasil-da-paixao-a-ganancia-o-preco-de-um-esporte-em-crise>

Neste mercado de valores exorbitantes, o que tem chamado atenção é a utilização de meios ilícitos para obtenção de lucro, burlando o que o esporte, neste caso o futebol, tem de mais precioso e encantador: a imprevisibilidade dos resultados. Ao comprar o ingresso para torcer pelo seu time do coração, o torcedor não tem ideia de qual será o resultado da partida. Ou pelo menos não deveria saber. Em 2024, duas grandes operações da Polícia Federal buscaram apurar manipulações de resultados de jogos em campeonatos do futebol brasileiro.

A Operação VAR, deflagrada no Rio de Janeiro, contra a manipulação de resultados da Série B do Campeonato Carioca de 2024, cumpriu 11 mandados de busca e apreensão contra os envolvidos no esquema. Willian Rogatto, conhecido como “Rei do Rebaixamento”, um dos alvos da operação, afirmou ter faturado mais de R\$ 300 milhões com manipulação de resultados. Mais recentemente, a Operação Spot-fixing buscou apurar uma possível manipulação do mercado de cartões, em partidas de futebol válidas pelo Campeonato Brasileiro da Série A. Os alvos da operação são jogadores que teriam agido de maneira deliberada para receber cartões, com o objetivo de beneficiar familiares e amigos em apostas esportivas.

Estes são apenas dois exemplos de operações da Polícia Federal para apurar irregularidades no futebol brasileiro. Muitas outras investigações já foram realizadas ou estão em andamento. Infelizmente, o futebol brasileiro tem deixado as páginas de esportes para ganhar destaque nas colunas policiais. Em que momento da história o futebol deixou de ser puro entretenimento e paixão pelas cores do time, para se tornar obsessão pelo lucro a qualquer custo e busca de benefício individual em detrimento do coletivo?

Parece que o amor à camisa ficou restrito aos torcedores, que choram, vibram, sofrem pelo time do coração e ainda acreditam na beleza da imprevisibilidade dos resultados das partidas. Para eles, o show parece continuar, mesmo que o preço a pagar seja muito alto.

2.21 MAPA OLÍMPICO DO BRASIL: ORIGEM E DESAFIOS DOS NOSSOS ATLETAS³²

Fernanda Letícia de Souza
2024

Os mais de quatro mil atletas que já defenderam o Brasil em Olimpíadas estão espalhados por toda a imensa extensão territorial do país. É o que diz uma pesquisa realizada recentemente pela Universidade de São Paulo, que se propôs a traçar um mapa dos locais de origem destes heróis nacionais.

Segundo a pesquisa, com exceção do Tocantins, todos os demais 25 estados e o Distrito Federal já “fabricaram” algum competidor que representou o país nos jogos. Ao longo desses 100 anos de Olimpíadas, cerca de 440 cidades brasileiras formaram atletas olímpicos. O tipo de atleta que vem de cada estado parece ter relação com características geográficas, naturais e sociais de cada região.

Santa Catarina se destaca como celeiro de atletas de handebol, pois o esporte é muito praticado nas escolas públicas e privadas da maioria dos municípios catarinenses. A Bahia é referência quando o assunto são os boxeadores. Com nomes expressivos no boxe nacional e internacional, o estado baiano tem mais de mil academias de iniciação ao esporte que se apresenta como ferramenta de transformação social da realidade de milhares de crianças e adolescentes. No Paraná, o destaque é a ginástica rítmica, praticada em larga escala nas escolas, que faz o estado brilhar em Olimpíadas. As águas do Rio de Janeiro são especiais para a prática da vela e muitos talentos olímpicos deste esporte se formam neste cenário exuberante.

No entanto, é preciso tomar certo cuidado com os números da pesquisa, que podem dar a falsa sensação de que o país possui incentivos e igualdade de condições para a prática de esportes em todas as suas regiões e estados. Considerando os números dos últimos Jogos Olímpicos, fica claro que esta igualdade ainda está longe de ser alcançada: 74,3% do total de atletas era do Sul e do Sudeste, estados que têm, juntos, somente 56% da população brasileira,

³² Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/artigos/olimpiadas-paris-trazem-de-novo-para-o-esporte/?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAR1-qhBQD24l8sacLbmWaDs_dFM2uAA6YEINn9KzvxyW_aNS6bZSnh76TEs_aem_jfLJxKhZK6rUHdxOqHhmLQ

segundo dados do IBGE. O Nordeste, que sozinho corresponde a 28% da população do país, foi representado por 12,16% dos atletas, enquanto o Norte, que tem 8% da população do país, teve apenas cerca de 2% dos atletas. Surpreendentemente a região Centro – Oeste, a de menor densidade demográfica com 7%, teve uma representatividade de 8% de atletas classificados.

Os estados do Norte e do Nordeste do país são os que apresentam as situações mais críticas, quando o assunto é incentivo ao esporte, o que acaba fazendo com que muitos talentos promissores se percam pelo caminho e abandonem a carreira de atleta. Com problemas sérios de acesso a condições básicas de vida como moradia e alimentação, os poucos recursos disponíveis nem chegam às políticas de incentivo ao esporte.

“Primeiro, sou muito feliz de representar a Região Norte, meu estado do Pará, mas ao mesmo tempo muito triste. São apenas três atletas da região. Acredito que seja por falta de incentivo e estrutura. Muitos atletas desistem e não chegam ao profissional. Poderia mudar a vida de outras tantas pessoas. O atleta profissional tem que sair de lá muito cedo, e muitas dessas famílias não têm condições para manter esse sonho”, declarou Rogério Moraes, um dos destaques da seleção brasileira de handebol masculino em Tóquio 2020.

As Olimpíadas de Paris 2024 iniciam em breve e a esperança é sempre por uma melhora do desempenho brasileiro, com a conquista de um número expressivo de medalhas, sejam elas de ouro, de prata ou de bronze. Mas é preciso ter consciência de que todo atleta brasileiro que consegue a classificação para uma olimpíada já carrega no peito uma medalha, pois a vaga é fruto de trabalho árduo e muita luta. Se esse atleta for do Nordeste ou do Norte, esta medalha tem um brilho ainda maior, considerando as adversidades pelas quais passa para seguir na carreira de atleta.

A nós cabe torcer muito e vibrar por cada atleta que carrega consigo a representatividade da imensa diversidade social, econômica e cultural que se espalha de norte a sul e de leste a oeste do Brasil. No pódio do povo brasileiro, já são todos medalhistas de ouro.

2.22 EXPECTATIVA X REALIDADE: LIÇÕES DO BRASIL NAS OLIMPÍADAS DE PARIS 2024³³

Fernanda Letícia de Souza
2024

As Olimpíadas de Paris 2024 mal chegaram ao fim e já deixaram milhões de telespectadores e amantes dos esportes com os corações cheios de saudade. Foram três semanas de muitas emoções e verdadeiros espetáculos nas mais diversas arenas esportivas. O evento nos trouxe três importantes reflexões: o binômio expectativa x realidade, a supremacia feminina no quadro de medalhas do Brasil e os pedidos de desculpa de atletas que não chegaram ao pódio.

Das cinco medalhas de ouro projetadas pelos especialistas esportivos, apenas uma se confirmou em Paris com Ana Patrícia e Duda no vôlei de areia. As outras quatro previsões subiram ao pódio, mas com medalhas de bronze: Rayssa Leal no skate, Gabriel Medina no surfe, Alisson dos Santos no atletismo e Beatriz Ferreira no boxe. Além disso, a expectativa era a quebra do recorde de 21 medalhas obtido na Rio 2016 e Tóquio 2020/2021, mas encerramos a participação com um total de 20 medalhas. Qual a realidade que precisamos enxergar por trás desta expectativa frustrada?

De acordo com o IREE – Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa –, nos últimos vinte anos o Brasil investiu R\$ 43,4 bilhões nos esportes olímpicos, com o governo sendo o principal patrocinador dos atletas no país. A quantia parece bem significativa, mas o principal problema é que esta verba só chega aos atletas já consagrados, vinda de quatro programas: Lei das Loterias, Bolsa Atleta, Lei de Incentivo ao Esporte e Programa Atletas de Alto Rendimento. Não há investimentos na base e o investimento privado em atletas é muito baixo e é aí que se forma o grande abismo que existe entre Brasil e Estados Unidos – mais uma vez o grande campeão geral das Olimpíadas.

Ao longo da história, os Estados Unidos conquistaram mais de 2.600 medalhas olímpicas, estabelecendo uma diferença de mil medalhas para o segundo colocado. O caminho para essa esmagadora vantagem começa no investimento

³³ Disponível em: https://gazetadasemana.com.br/noticia/186648/expectativa-x-realidade-licoes-do-brasil-nas-olimpiadas-de-paris-2024?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAR7SCflsZQhPAs0pFTgJul9muKXpFoTnqx9zSZgcsuXt-WmZWyc3mTiqKSxNLA_aem_jDEQNYccsSFAayMCDHce2w

em escolas e universidades, onde são construídos os heróis do esporte americano. Todas as universidades americanas contam com programas esportivos e algumas chegam a ter 40 programas diferentes para fomentação do esporte no ensino universitário. Além disso, as equipes esportivas são frequentemente patrocinadas por grandes empresas, que investem muito dinheiro na promoção dos atletas, o que se soma aos investimentos governamentais e às políticas públicas de incentivo ao esporte.

No Brasil, a formação de atletas é geralmente feita por meio de poucos clubes esportivos ou escolinhas privadas, que são menos acessíveis para as famílias de baixa renda. Mesmo contra todas as adversidades e ainda lutando contra a diferença de gênero – meninas são menos incentivadas à prática de esportes e iniciam mais tarde –, as mulheres atletas do Brasil brilharam em Paris 2024. Pela primeira vez na história, a delegação brasileira chegou às Olimpíadas com mais mulheres do que homens: dos 277 atletas classificados, 154 foram mulheres, 55% do número total, e 123 foram homens. Além disso, 12 das nossas 20 medalhas vieram do suor destas guerreiras, incluindo nossos 3 ouros com Rebeca Andrade na ginástica artística, Bia Souza no judô e Ana Patrícia e Duda no vôlei de areia. Tivemos ainda uma 13ª medalha que, apesar de ser conquistada na equipe mista de judô, veio pelas mãos de Rafaela Silva na luta desempate. Uma supremacia feminina que marca a história dos esportes e, talvez, sirva para mudar o olhar de investidores e críticos.

A campanha brasileira em Paris 2024 ainda ficou marcada pelos pedidos de desculpas, entre lágrimas, de alguns de nossos heróis por não conquistarem a sonhada medalha. Não se desculpem, pois somos nós, a imensa nação brasileira, que sentimos muito. Sentimos muito por terem tido que lutar tão bravamente e passar por tantas dificuldades, sem terem o incentivo e apoio que merecem. Sentimos muito pelas críticas sem fundamentos e pelas cobranças excessivas, sem entregar nada em troca. Sentimos muito por ser tão difícil escolher seguir a linda profissão de atleta no Brasil.

A vocês, atletas brasileiros, apenas a nossa reverência e os nossos mais sinceros aplausos. Obrigada por nos proporcionarem as três melhores semanas do ano. Obrigada por fazerem nossos corações baterem mais forte a cada disputa e por nos unirem na torcida por cada ponto. Que venha Los Angeles 2028! Já estamos na expectativa pelas novas conquistas!

2.23 PARIS 2024: AS EXPECTATIVAS PARA O MAIOR ESPETÁCULO ESPORTIVO DO PLANETA³⁴

Fernanda Letícia de Souza
2024

Três, dois, um... está aberta a contagem regressiva para Paris 2024! A cidade que sedia os Jogos Olímpicos pela terceira vez promete “entregar” a atletas e espectadores um evento totalmente inovador em tecnologia, sustentabilidade, esportes e experiência. Tudo planejado e pensado para surpreender em cada detalhe do maior show esportivo do planeta.

A inovação já estará presente na ousada e original cerimônia de abertura. Pela primeira vez na história das Olimpíadas a abertura não acontecerá em um estádio, mas sim no coração da cidade de Paris ao longo de sua principal artéria: o rio Sena. O desfile dos atletas será realizado no Sena com barcos para cada delegação nacional. Cada barco será equipado com câmeras para permitir ao espectador ver os atletas de pertinho. De leste a oeste, os mais de 10 mil atletas cruzarão o centro de Paris, terminando o percurso em frente ao Trocadéro, onde acontecerão os demais elementos do protocolo olímpico e os últimos shows.

Em termos de tecnologia, a inteligência artificial entrará em quadra, em campo e nas piscinas para abrilhantar o show. Na segurança, por meio de câmeras de vigilância alimentadas por IA, serão monitorados os locais que reunirão multidões para acompanhar as disputas, o que permitirá identificar potenciais riscos para os participantes, como bolsas ou pacotes abandonados, entre outras coisas. Na transmissão, a IA promete um aprimoramento na experiência do telespectador, com geração de replays em 360° e muitas melhorias na operação. Nas disputas, a inteligência artificial entregará detalhes sobre os atletas mais promissores, turbinando os programas de análise de desempenho.

No quesito sustentabilidade, a cidade está implementando uma rede de transporte público melhorada que incluirá novas linhas de metrô e ônibus de emissão zero, garantindo que os deslocamentos dos torcedores ocorram de maneira eficiente e ecológica. A Vila Olímpica foi inteiramente projetada para ser

³⁴ Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/olimpiadas-paris-trazem-de-novo-para-o-esporte/?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAR1-qhBQD24l8sacLbmWaDs_dFM2uAA6YEINn9KzvxyW_aNS6bZSnh76TEs_aem_jfLJxKhZK6rUHdxOqHhmLQ

um modelo de eficiência energética e sustentável. A vila mais ecológica de todos os tempos terá 82 prédios, 3 mil apartamentos e 7.200 quartos de pura sustentabilidade. Um exemplo disso é que, apesar das altas temperaturas que podem fazer no período (média de 40 graus), não serão instalados ar-condicionados nos quartos. As soluções alternativas foram fachadas que não recebem muito sol na estação e um sistema de águas subterrâneas naturalmente frias para ajudar a diminuir o calor.

Na esfera do esporte, a inovação fica por conta da inclusão de duas novidades: o breaking e o caiaque extremo – modalidade da canoagem slalom. No breaking as disputas prometem muita dinâmica, sempre no famoso 1X1 (um contra um). Os dois breakdancers compartilham palco, música e assistem de perto o movimento do adversário, tudo observado atentamente pelos jurados em três rounds. Já no caiaque extremo, também conhecido como caiaque cross, são até quatro atletas saindo simultaneamente de uma rampa. Os competidores precisam obrigatoriamente cruzar as “portas”, que são das cores verde e vermelha. Na parte de maior profundidade da prova, os atletas precisam fazer um giro de 360 graus.

E como a delegação brasileira chega nestes Jogos Olímpicos que prometem ser um marco na história esportiva mundial? Para um país que ainda carece de políticas públicas de incentivo ao esporte, investimento em infraestrutura para os treinamentos e valorização da profissão de atleta, o Brasil chega com a habitual alegria e entusiasmo que são características do seu povo. Fazer parte deste espetáculo do esporte já é uma grande vitória para cada um que obteve a tão sonhada classificação, mas nem por isso os atletas brasileiros deixarão de brigar por medalhas. As maiores expectativas de ouro estão em Beatriz Ferreira no boxe, Rayssa Leal no skate, Gabriel Medina no surfe, Alison dos Santos no atletismo e Ana Patrícia e Duda no vôlei de praia. E as projeções ainda apontam para outros 17 pódios, o que pode levar o país a bater o recorde de medalhas olímpicas com 22 no total, uma a mais que as 21 de Tóquio.

Daqui, ficaremos admirando este verdadeiro show esportivo, prontos para aplaudir de pé e cantar em alto e bom tom o hino nacional todas as vezes que um de nossos heróis subir ao pódio. E que venham muitos aplausos e sorrisos!

2.24 PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO AO AR LIVRE É SAÚDE DISPONÍVEL PARA TODOS³⁵

Ana Lúcia Zattar Coelho
Tatiane Calve
2024

O crescimento do interesse em atividades ao ar livre reflete uma mudança significativa nas preferências e no comportamento das pessoas em relação à prática esportiva e de exercícios físicos como lazer. Com um papel central nesse movimento está a popularização de esportes comuns, como corrida, caminhada, jogos e brincadeiras. Essa afirmação é comprovada em recentes pesquisas, com um estudo realizado pelo Google entre os anos de 2020 e 2021, em que foi apresentado um aumento no interesse por práticas de algumas modalidades como ciclismo (+144%). Segundo os dados da Sport Track, pioneira no mercado brasileiro em pesquisa e inteligência de mercado, 39% do público declarou ter começado a praticar algum esporte novo no período da pandemia e pós-pandemia, com destaque para caminhada (23%), corrida (18%) e bicicleta (10%).

Outra pesquisa realizada em conjunto com dados da Numbeo (um banco de dados global) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mais de 30% dos brasileiros praticam exercícios físicos regularmente, seguindo as recomendações de saúde, seja por meio de caminhadas, corridas ou outras atividades ao ar livre. A popularidade dessas atividades está associada a uma maior conscientização sobre a importância do bem-estar físico e mental, que aumentou seus praticantes na pandemia e seguiu uma linha crescente no quesito de novos adeptos. A prática regular de exercícios ao ar livre não só contribui para a melhoria da saúde física, como também proporciona benefícios emocionais, como redução do estresse, aumento da sensação de bem-estar e elevação do humor.

Além dos benefícios para a saúde física e mental, a popularização dos esportes ao ar livre também é impulsionada pelo seu baixo custo em comparação com outras formas de entretenimento e exercícios físicos. Muitas das atividades ao ar livre, como caminhadas, corridas e jogos recreativos, não exigem equipamentos

³⁵ Disponível em: <https://gazetadepinheiros.com.br/noticia/8324/pratica-de-exercicio-fisico-ao-ar-livre-e-saude-disponivel-para-todos>

sofisticados ou mensalidades em academias, tornando-as acessíveis para uma ampla gama de pessoas, independentemente, de sua situação socioeconômica.

As atividades ao ar livre, com seu viés tanto urbano, quanto na natureza, oferecem uma experiência rica, que mescla o dinamismo da vida urbana com a tranquilidade e beleza da natureza. Os ambientes urbanos, ruas, parques, praças e áreas verdes proporcionam refúgios onde as pessoas podem encontrar momentos de relaxamento, exercícios físicos e convívio social. Por outro lado, em locais naturais como trilhas, montanhas e praias - os praticantes dessas atividades têm a oportunidade de explorar as paisagens, respirar ar puro e se reconectar com a natureza. Essa dualidade oferece uma variedade de experiências que atendem às diversas necessidades e preferências das pessoas, promovendo um equilíbrio entre a vida urbana moderna e a apreciação pela beleza da natureza.

Um dos aspectos mais marcantes dessa tendência é a valorização da interação com a natureza que proporciona oportunidades de utilização responsável e sustentável dos espaços ao ar livre, diretamente relacionada à preservação do meio ambiente. Ao desfrutar de ambientes naturais, é fundamental adotar práticas que minimizem o impacto negativo sobre os ecossistemas locais. Isso inclui o descarte adequado de resíduos, a não perturbação da flora e fauna nativas, a conscientização sobre a conservação dos recursos naturais e o respeito às regulamentações ambientais estabelecidas.

Atualmente, uma variedade de espaços ao ar livre é frequentemente utilizada para a prática de atividades físicas e de lazer. A variedade de opções disponíveis reflete não apenas a crescente valorização e busca por interação com espaços abertos, natureza e arquitetura urbana na vida cotidiana das pessoas, mas também a consideração do fator econômico. Dessa forma, a valorização dos espaços abertos não apenas promove um estilo de vida saudável, mas também contribui para a construção de comunidades mais inclusivas e economicamente sustentáveis, prezando por uma melhoria constante de qualidade de vida.

2.25 OS PERIGOS DO VERÃO³⁶

Tatiane Calve
2024

O verão é uma das estações mais desejadas e amadas por muitos brasileiros. Um país tropical com muito calor, no verão, nos faz associar ao período de férias, praia, piscina, corpo em forma. Mas, as altas temperaturas trazem riscos à saúde, provocando alterações no organismo, como vasodilatação, hipertermia, desidratação e insolação.

A dilatação dos vasos sanguíneos leva à diminuição da pressão arterial, ocasionando mal-estar, tontura e desmaios. Além disso, o estresse térmico corporal pode ocasionar lesão muscular, dores de cabeça e maior esforço do cardiovascular.

Nossa temperatura corporal se mantém constante, independentemente da temperatura do meio externo, por sermos seres homeotérmicos. Para que a temperatura corporal se mantenha equilibrada, mesmo exposta ao calor, o Sistema Nervoso Central envia informações para que aumente a sudorese, liberando calor pela pele, dilata os vasos sanguíneos da superfície corporal para liberar calor ao meio externo.

Em casos extremos, essas ações orgânicas não são suficientes para resfriar o corpo, podendo causar danos ao organismo, incluindo infarto e acidente vascular cerebral (AVC).

Vale ressaltar que, idosos, crianças e pessoas com doenças cardiovasculares, diabetes são mais suscetíveis ao impacto do calor excessivo do verão e, ainda que, a exposição contínua ao calor excessivo aumenta o risco de morte em aproximadamente 11%, indica publicação de pesquisadores australianos na *The Lancet Planetary Health*.

A prática de exercícios físicos é recomendada, mas exige cuidados. Há adaptação do organismo, durante o a realização do exercício físico, aumentando a frequência cardíaca, dilatação dos vasos sanguíneos e temperatura corporal. Com as altas temperaturas do verão brasileiro, praticar exercícios físicos, pode acarretar um hiperaquecimento do corpo, causando câimbras, mal-estar (tontura, náusea, vômito, desmaio), redução do desempenho físico, entre outros sintomas.

³⁶ Disponível em: <https://jornaldobelem.com.br/noticia/30220/os-perigos-do-verao>

Os riscos são aumentados quando os praticantes possuem alguma comorbidade, como baixo condicionamento físico e obesidade ou quando realizado sem aclimação, em horários em que as temperaturas estão mais elevadas ou, ainda, com uso de vestuários inadequados e sem proteção.

Para evitar os prejuízos causados pelo calor excessivo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), recomendam menor exposição ao sol e evitar a prática de exercícios físicos ao ar livre em horários de altas temperaturas e sem proteção adequada, hidratação (com água) a cada 2 horas.

Busque ingerir alimentos leves e locais climatizados para a prática do exercício físico e, nas atividades realizadas ao ar livre, refresque o corpo, jogando água sobre a pele, aumente o intervalo entre as práticas de exercício, dê preferência a roupas com tecidos que permitam a transpiração, utilize protetor solar e bonés. E lembre-se, consulte sempre um profissional de educação física antes de iniciar a prática de exercícios físicos e atividades esportivas.

2.26 COPA DO MUNDO FEMININA 2027 NO BRASIL: UMA VITÓRIA NECESSÁRIA³⁷

Fernanda Letícia de Souza
2024

Em dezembro de 2023, o Brasil confirmou oficialmente a sua candidatura para sediar a Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2027 ao protocolar junto a FIFA, o seu caderno de proposta. A disputa não é fácil. A candidatura solo do Brasil concorre com a candidatura dupla de México/Estados Unidos e com a candidatura tripla de Alemanha/Bélgica/Holanda.

A escolha do grande anfitrião será feita em 17 de maio de 2024, por meio de uma votação aberta, no Congresso da FIFA em Bangkok, Tailândia. Este será o processo de licitação de escolha de sede mais vigoroso e abrangente da história da Copa do Mundo Feminina da FIFA, que incluirá visitas in loco nos países candidatos e uma avaliação minuciosa focada nos critérios: infraestrutura, serviços, comercial e sustentabilidade e direitos humanos. O modelo de avaliação das candidaturas inclui um sistema de pontuação para avaliar e ponderar cada um dos critérios comerciais e de infraestrutura.

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) está animada e acredita no potencial brasileiro para sediar o evento. Caso o Brasil vença a disputa, será a primeira vez que a Copa do Mundo de Futebol Feminino acontecerá na América do Sul, sendo assim, um marco histórico. As apostas do Brasil estão na sua natureza de “país do futebol” e o caderno executivo da proposta traz números expressivos: 840 mil meninas, jogando futebol por todo o país, isso considerando futebol escolar e recreacional - sendo que 7113 delas atuam no futebol organizado por federações. Além disso, o caderno cita um investimento de 25 milhões de reais por ano, no futebol feminino brasileiro e a expectativa de que mais 30 milhões sejam injetados na categoria, no próximo ciclo (2023-2026).

Somando-se aos números que impressionam, o Brasil apresentou em sua proposta promessas de um evento sustentável, com o compromisso de buscar soluções viáveis para redução do consumo de energia e de água, bem como de

³⁷ Disponível em: https://www.canaldez.com.br/noticia/1375/copa-do-mundo-feminina-2027-no-brasil-uma-vitoria-necessaria?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAR7YEdyUA3lnzP-EuF0AopCv5xpcfs-r9xHW8AOBPVt-73VweY8HCcdTXgo7jq_aem_MkSG9jj3F6AKVP4VwcAwA

emissão de carbono, organizando um evento o mais “verde” possível. No quesito direitos humanos, o comprometimento brasileiro vai desde priorizar mulheres em todos os cargos de liderança da organização até princípios de igualdade, direitos trabalhistas e liberdade de expressão, com políticas que se estenderão para além do evento. A proposta ainda se firma na experiência do Brasil com a promoção de grandes eventos esportivos, desde a Copa do Mundo de Futebol Masculino de 1950, resultando na impactante hashtag #2027noBrasil_umaescolhanatural.

É indiscutível que sediar uma Copa do Mundo seria um gol de placa para o crescimento e desenvolvimento do futebol feminino no Brasil, e até, na América do Sul. Mas será que o país é de fato “uma escolha natural”? Será que a construção do título de país do futebol teve a participação das mulheres? Para onde está indo o investimento de 25 milhões de reais por ano que a CBF divulgou no caderno executivo da proposta? A triste realidade do futebol feminino por toda a extensão territorial do Brasil, deixa claro que ainda estamos muito longe do futebol masculino e até de referências femininas do esporte como: Estados Unidos, Austrália e seleções europeias. Além da infraestrutura precária dos clubes para o futebol feminino, meninas e mulheres ainda enfrentam a luta por direitos iguais e valorização, além de superar diariamente as dificuldades socioambientais de início tardio na modalidade, porque o futebol ainda é visto como uma “brincadeira de menino”.

A cada brasileiro, amante desse esporte apaixonante, cabe a torcida para que o Brasil vença esta “partida decisiva”, pois apesar de parecer contraditório, se considerarmos a real situação do nosso futebol feminino, uma Copa do Mundo no Brasil pode ser o chute certo que falta para a modalidade. “Sediar a Copa do Mundo Feminina pode alavancar diversos benefícios para a modalidade a curto, médio e longo prazos como: maior visibilidade para a modalidade no país, aumento do número de praticantes nas escolas e clube, crescimento do interesse de patrocinadores e mídias locais e desmistificação dos preconceitos históricos e culturais construídos ao longo dos anos. “Fora dos campos, eu agora sou uma torcedora fervorosa para que o Brasil vença esta disputa”, destacou a ex-jogadora da seleção brasileira de futebol feminino e atualmente professora do curso de Educação Física, Marina Toscano Aggio.

CAPÍTULO 3 – MÚSICA

3.1 “CANETA AZUL” PODE SER CONSIDERADA UMA MÚSICA?³⁸

Alysson Siqueira
2019

Um dia desses fui questionado se “Caneta Azul” é música, e minha reação foi imediata em afirmar: “claro que é!”. Mas logo comecei a questionar os motivos, tanto da pergunta quanto da resposta. Por que temos o hábito de desqualificar ou supervalorizar determinados tipos de música?

A resposta para essa questão tem inúmeras dimensões, mas gostaria de refletir a respeito da tradição de considerar a existência de “belas artes” em oposição a artes periféricas, de menor valor artístico. Esse tipo de pensamento faz com que as pessoas, mesmo de forma inconsciente, considerem como arte apenas as manifestações de artistas doutos, formados em universidades, reconhecidos por formadores de opinião ou com trabalhos circulando no mercado fonográfico.

A verdade é que a música é uma expressão sonora, estruturada ao longo do tempo e de diferentes maneiras em diversas comunidades. Aprendemos música ouvindo, dançando, cantando e tocando instrumentos. Decoramos padrões e estruturas que se juntam em infinitas combinações e forjam as músicas.

Reconhecemos esses padrões quando ouvimos uma nova canção, por exemplo, e nos identificamos com ela. Estranhamos ao ouvir um novo padrão, mas somos capazes de nos acostumar com ele. Assim também vamos construindo nosso gosto musical, separando a música “boa” da “ruim” por um grande muro que não nos permite enxergar o outro lado.

E quais os parâmetros que eu, o tal estudioso da música, usei para afirmar que “Caneta Azul” é, obviamente, uma expressão musical de valor? Vou começar pelos últimos em que refleti e terminar pelo primeiro.

Cheguei a escrever a partitura do refrão da música do maranhense Manoel Gomes, analisei, vi a construção melódica com motivos, frases de pergunta e resposta, percebi uma harmonia intrínseca e muitos outros elementos que um compositor letrado utilizaria em suas composições. Mas Manoel não precisou usar partitura para compor, ele simplesmente se expressou musicalmente e a música nasceu. Nasceu com características semelhantes às das músicas que ouviu e

³⁸ Disponível em: <https://www.tocacultural.com.br/post/azul-caneta-pode-ser-considerada-uma-m%C3%BAsica>

cantou desde sua infância. As suas referências foram sua escola e as ferramentas que moldaram a sua música.

Mas o parâmetro principal, aquele que me motivou a responder sem pestanejar a pergunta inicial, é a própria definição de música que trago para minha vida, citando John Blacking: “sons humanamente organizados”. Aliada a ela, vem a intenção de fazer música – o que certamente se fez presente também nas composições do artista Manoel Gomes.

3.2 AS MARCHAS DOS CAMPEÕES: OS HINOS DOS CLUBES DE FUTEBOL NO BRASIL³⁹

Alysson Siqueira
2020

Das histórias de conquistas gloriosas, passando pelos sonhos de futuras vitórias e culminando nas declarações de amor eterno, os hinos dos clubes de futebol brasileiros são um capítulo instigante da música e do esporte no país. Compositores desconhecidos e de renome nacional se dedicaram a estas criações. O autor do hino atual do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense é ninguém menos que Lupicínio Rodrigues. Lamartine Babo é autor dos hinos de Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo, ou seja, dos quatro clubes de maior apelo popular do Rio de Janeiro. Até mesmo o português Roberto Leal entrou para essa história assinando o hino da Portuguesa de Desportos.

“Vamos todos cantar de coração”, “Até a pé nós iremos”, “Sou tricolor de coração”, “Salve o Corinthians, o campeão dos campeões”, “Salve o Tricolor Paulista”, “Agora quem dá bola é o Santos”, “Uma vez Flamengo, sempre Flamengo”, são frases que foram se tornando célebres a cada conquista acumulada pelos clubes. Mas o que pouca gente sabe, é que muitos desses hinos só surgiram depois de anos de história do clube.

Os hinos dos clubes cariocas, por exemplo, foram compostos por Lamartine Babo na década de 1940 como marchinhas em homenagem a cada um deles. O sucesso foi tão grande, que logo substituíram os hinos originais. Histórias parecidas têm os hinos do Grêmio, do Santos, do São Paulo e tantos outros que, após um fato marcante de suas histórias, ganharam uma composição festiva que, em questão de algum tempo, foi adotada como hino.

Independentemente dos textos dos hinos, essas composições musicais também expressam valores culturais da região e do tempo em que foram criadas. As marchinhas de Lamartine Babo carregam a estética das marchas carnavalescas da época em que foram criadas, agregando a síncope rítmica do samba com a marcação da marcha militar de origem europeia. Já dentre os hinos dos clubes do sul do país há uma certa predominância da marcha militar. É assim com as músicas

³⁹ Disponível em: <https://www.segs.com.br/demais/258628-as-marchas-dos-campeoes-os-hinos-dos-clubes-de-futebol-no-brasil>

de Grêmio, Athletico Paranaense e do Internacional de Porto Alegre, esta última já com algumas características de marcha carnavalesca. Em São Paulo, observamos uma mistura de influências. Os hinos do São Paulo e do Palmeiras têm estilo europeu, enquanto os do Corinthians e do Santos são típicas marchas-rancho. Os clubes da região Nordeste também utilizam ritmos brasileiros, como o hino do Sport de Recife que é um frevo. Enfim, são tantas as características regionais dos hinos dos clubes de futebol, que o tema suscita um estudo mais completo.

Mas para além do retrato da cultura local, os estilos musicais escolhidos para representar os clubes em seus hinos, parecem estar afinados com o estilo de jogo de cada time. Embora o futebol, de maneira geral, esteja trilhando um caminho em que a força física tem predominado sobre o que costumamos chamar de futebol arte, o estilo de jogo aguerrido característico dos clubes do Sul parece ser movido pelas marchas militares, enquanto o estilo mais leve e alegre dos times cariocas poderia muito bem ser jogado ao som de marchinhas de carnaval. Certamente teremos uma discussão interdisciplinar neste ponto, mas antes disso deixo a proposição de que cada clube marcha e joga conforme a sua própria música, mas no final de cada campeonato só vai tocar um hino: o do campeão.

3.3 CANTANDO A BOLA: O FUTEBOL NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA⁴⁰

Alysson Siqueira
2020

A canção brasileira se desenvolveu, ao longo de sua história, agregando elementos de diversas culturas: o lundu africano, os cantos indígenas, as modinhas portuguesas, as polcas europeias, entre tantas outras expressões musicais. Aos poucos, os temas das canções se tornaram um retrato cada vez mais fiel da cultura de nosso povo. E como amores e paixões são temas recorrentes na canção brasileira, a partir do século XX, uma nova paixão do povo brasileiro passou a marcar presença constante no repertório da música popular, o futebol.

A paixão se consolidou em um momento parecido com o que vivemos. Em 1918, o Brasil sediaria o Campeonato Sul-americano de Futebol, que precisou ser adiado por conta da pandemia de Gripe Espanhola. A competição foi realizada no ano seguinte, 1919, e o Brasil chegou à final contra o Uruguai. O jogo foi decidido na segunda prorrogação com um gol de Arthur Friedenreich para o Brasil. A vitória foi a primeira grande conquista do país no futebol e veio em um momento de grande comoção nacional, sucedendo a uma pandemia que vitimou milhares de brasileiros, entre os quais o recém-eleito Presidente da República, Rodrigues Alves.

O cenário propício para o nascimento da paixão pelo futebol foi logo retratado pela música. Ainda em 1919, Pixinguinha e Benedito Lacerda compuseram a célebre “Um a Zero”. O choro instrumental, de andamento rápido, pretende traduzir musicalmente os acontecimentos daquela histórica partida de futebol. Na década de 1960, o compositor Nelson Ângelo criou a letra da música, trazendo palavras para descrever a emoção daquele momento.

O esporte preferido dos brasileiros é tema de muitas canções. Algumas delas narram fatos e descrevem personagens históricos, enquanto outras são declarações de amor pelo futebol e pelos elementos presentes nele. Há ainda aquelas músicas em que o futebol aparece de forma coadjuvante para comunicar outra mensagem, que não a futebolística – a exemplo de “Falando de Amor”, de

⁴⁰ Disponível em: <https://www.segs.com.br/demais/254255-cantando-a-bola-o-futebol-na-musica-popular-brasileira>

Tom Jobim, que diz: “quando passas, tão bonita, nessa rua banhada de sol, minha alma segue aflita, e eu me esqueço até do futebol”.

Entre as músicas que celebram fatos e personagens, além da pioneira “Um a Zero”, podemos lembrar de “Camisa Dez”, de Hélio Matheus e Luís Vagner, que critica o então técnico da Seleção Brasileira, Zagalo, por não encontrar um padrão de jogo para o time, nem substituto para Pelé no meio de campo. O atacante flamenguista, Fio Maravilha, ganhou uma música em sua homenagem composta por Jorge Ben depois “fazer uma jogada celestial” e marcar o gol decisivo da vitória do Flamengo em um amistoso contra o Benfica, de Portugal. Outro gol do rubro-negro carioca foi narrado em forma de canção pelo Trio Esperança na década de 1970, porém, trata-se um gol imaginado, fictício, marcado por Paulo César Caju. Essa música chamada “Replay (o meu time é a alegria da cidade)”, tornou-se nacionalmente conhecida por ter sido utilizada, no momento do gol, em transmissões radiofônicas de partidas de futebol.

Tratando-se das declarações de amor, os clubes de maiores torcidas no país são o destaque. Na década de 1960, Silvio Santos gravou a marchinha de carnaval “Coração Corinthiano”, composta por Manoel Ferreira, Ruth Amaral e Gentil Junior, cujo título original era “Transplante Corinthiano”, fazendo alusão ao primeiro transplante de coração no Brasil, em 1967, e ao extenso jejum de títulos do clube paulistano. Adoniran Barbosa também cantou seu amor pelo alvinegro em “Coríntia, meu amor é o timão”. Neguinho da Beija-Flor, nessa categoria, teve um insight: sua composição “O Campeão” é um samba exaltação ao seu time, mas em nenhum momento ele dá nome à paixão. O resultado é que diversas torcidas organizadas, de diferentes clubes do país, adotaram o refrão como um de seus cantos.

Os exemplos citados são uma pequena amostra de como a música popular brasileira tem sido utilizada para expressar o amor pelo futebol. Além disso, cantar o futebol é apenas uma das vertentes da relação multidimensional entre o esporte mais querido dos brasileiros e a música. Portanto, segue o jogo ... e segue o baile.

3.4 SOM GRAVADO DAS TORCIDAS NÃO PREENCHE OS VAZIOS NOS ESTÁDIOS⁴¹

Alysson Siqueira
2020

Os campeonatos de futebol no Brasil voltaram antes do coronavírus ir embora e, por conta disso, os jogos estão acontecendo sem a presença da torcida. Desde então, algumas medidas estão sendo tomadas pelos clubes para suprir essa lacuna da falta de público nos espetáculos futebolísticos.

No aspecto visual, os estádios têm recebido faixas e bandeiras das torcidas organizadas que preenchem alguns vazios. Alguns clubes adotaram a prática de posicionar fotos dos torcedores, compondo uma torcida inanimada, embora com rostos que poderiam estar presentes caso o evento pudesse receber público.

Mas a maior lacuna que a ausência de público deixa é a sonora. O compositor e professor canadense, Murray Schafer, inaugurou um conceito bastante difundido na musicologia: o de paisagem sonora.

A analogia com o aspecto visual faz do termo praticamente autoexplicativo, e podemos usá-lo para retratar a situação sonora atual dos eventos: a paisagem sonora do futebol não é mais a mesma.

Os gritos e falas dos jogadores, treinadores e árbitros, o som da chuteira golpeando a bola, o som da bola percorrendo a rede, tudo isso já compunha a paisagem sonora do futebol, mas em um plano secundário.

No plano principal, soava o murmúrio constante do público, os cantos de apoio e protesto da torcida, os aplausos, as vaias, os “uhs” daqueles chutes que quase acertaram o alvo e a explosão sonora do momento máximo do futebol: o gol! E como é bom gritar “gol” no estádio!

Não demorou muito para as primeiras tentativas de preencher a lacuna sonora do espetáculo surgirem. Em geral, os clubes têm utilizado gravações de sua própria torcida. O problema é que muitas vezes os sons não condizem com a jogada.

Para minimizar essa situação, alguns DJs passaram a operar o som dos estádios. Agora, ao mesmo tempo em que a paisagem sonora constante dos

⁴¹ Disponível em: <https://tribunaonline.com.br/coluna/tribuna-livre/som-gravado-das-torcidas-nao-preenche-os-vazios-nos-estadios-79948?home=nacional>

estádios soa, o DJ pode dar “*play*” em pequenos recortes sonoros, chamados samples, com os cantos da torcida, aplausos, vaia, e “uhs” e até mesmo a explosão do gol!

Tudo isso que visa recriar a paisagem sonora do evento esportivo, talvez funcione melhor para o telespectador que para o jogador. Não é à toa que se chama a torcida de décimo segundo jogador. Ela reage em tempo real e o jogador tem sua motivação afetada.

As reações naturais e em tempo real da massa de torcedores são imprevisíveis e únicas.

O som que sai dos alto falantes é apenas uma projeção daquele que é composto pela soma de milhares de vozes cantando em uníssono para empurrar o time. E o jogador, nesses estádios vazios, é aquele ouvinte que dança elegantemente ao som de gravações e não aquele fã que pula, grita e canta em total entrega.

Dizem que o futebol da pandemia anda meio monótono. Será por falta dos tons da torcida? Ah, que saudades de gritar “gol” no estádio!

3.5 BEETHOVEN: 250 ANOS DO GÊNIO DA MÚSICA

42

Florinda Cerdeira Pimentel
2020

Neste mês de dezembro, o mundo da música está em festa, pois celebramos os 250 anos de nascimento de um dos maiores gênios da história da música. Ludwig Van Beethoven nasceu em Bonn, reino da Prússia, atual Alemanha, em dezembro de 1770. Comemora-se seu aniversário no dia 17 de dezembro, pois foi o dia de seu batizado, mas não se sabe exatamente o dia em que nasceu. Filho de Johann e Maria Van Beethoven, teve sete irmãos e um meio irmão por parte de mãe.

Iniciou seus estudos de música em casa com o pai que era tenor na capela da corte e praticava piano e violino. Desde cedo demonstrou grande habilidade musical, porém seu pai severo o obrigava a praticar por muitas horas, inclusive o acordava pela madrugada para forçá-lo a estudar, com a intensão de torná-lo um “novo Mozart”. Com oito anos de idade, os estudos de Beethoven foram confiados ao mais importante mestre de cravo da colônia, Chrintian Neefe, que não aceitava os improvisos do garoto, pois possuía um método de ensino musical bastante sistemático.

Apenar de não ter um estudo musical muito aprofundado, Beethoven aos dez anos de idade já dominava toda obra de Johann Sebastian Bach e com onze anos já escrevia composições e era considerado o novo Mozart da sua geração.

Em 1787, Beethoven vai para Viena estudar, mas retorna logo devido ao falecimento de sua mãe. Em 1789 se inscreve então na Universidade de Bonn para cursar letras e lá tem contato com pensadores iluministas que o fazem despertar para os seus ideais revolucionários, inspirando-o a escrever obras como as Sinfonias nº 3 e a famosíssima 5ª.

Aos vinte e um anos retorna a Viena definitivamente e lá passa a ser aluno de Haydn. Alguns autores afirmam que neste período o jovem chegou a conhecer Mozart um pouco antes de sua morte e que o próprio Mozart disse: “Fiquem de olho nele; um dia ele vai dar o que falar ao mundo”. (MORRIS, p.45)

⁴² Disponível em: <https://curitibadegraca.com.br/beethoven-250-anos-do-genio-da-musica>

Beethoven é considerado hoje um dos pilares da música clássica. Sua obra marcou a transição entre os períodos Clássico ao Romântico (início século XIX).

Algumas curiosidades sobre o compositor:

- A Sonata para piano n.º 14, Op. 27 n.º 2 em Dó sustenido menor, conhecida como “Sonata ao Luar”, só recebeu este nome em 1832, cinco anos depois da morte de Beethoven
- Várias composições de Beethoven foram dedicadas às mulheres que passaram por sua vida, porém, por diferentes razões, nunca se casou.
- A bagatela para piano “*Für Elise*”, possui um grande mistério em torno de quem seria a tal moça a quem o compositor dedicou uma de suas obras primas. Uma das teorias mais aceitas, é que Elise foi uma cantora Austríaca Therese Malfatti. Beethoven a pediu em casamento, em 1810, mas ela o rejeitou. Acredita-se que a composição se chamava, originalmente, “*Für Therese*”, mas uma tradução errada acabou mudando o nome
- Sua maior inovação e considerada sua grande obra prima foi a Sinfonia n.º 9 em ré menor, op. 125, incorporando pela primeira vez junto à orquestra, a participação de um grande coro em uma obra sinfônica, executando parte do poema *An die Freude* (“À Alegria”), uma ode escrita por Friedrich Schiller, com o texto cantado por solistas e um coro em seu último movimento

Outra curiosidade é que Beethoven quando compôs a nona sinfonia já estava completamente surdo, mas como é possível?

O compositor permaneceu em pé, de costas para o salão, absorvido na partitura diante dele. Um dos solistas, a soprano adolescente Caroline Unger, o pegou gentilmente pela manga do casaco e fez com que se voltasse para a plateia para que pudesse ver o tumulto. (MORRIS, 2007, p. 251).

A confusão foi tamanha que a polícia precisou intervir pedindo calma a plateia, pois o público interrompeu a sinfonia quatro vezes com suas ovações. (MORRIS, 2007, p. 251).

A resposta está na sua genialidade e grande conhecimento musical. Beethoven, mesmo sem ouvir, conhecia muito bem todas as sequências harmônicas e melódicas necessárias para criar a obra que até hoje assombra, instiga e encanta a todos, desde a sua primeira apresentação.

Neste ano tão difícil em que fomos assolados por uma pandemia, o sentimento de tristeza que nos pesa devido às perdas que sofremos é inevitável, ainda mais com a chegada das festas de fim de ano, porém, ainda nos resta um sentimento de esperança que nos são trazidos pelos versos de Schiller, grandiosamente pela música do nosso grande gênio Ludwig van Beethoven. Nunca a Nona Sinfonia nos foi tão necessária.

Obrigada Mestre, Feliz 250 anos!

3.6 SERENATA INVERTIDA⁴³

Alysson Siqueira
2020

Na calçada fria das cidades do nosso país, desde os primórdios do século passado, músicos se reuniam em frente a uma casa, um sobrado, um edifício ou sob uma janela em especial para tocar suas canções para que um cavalheiro declarasse seu amor por uma donzela.

A serenata sempre foi um gesto de amor. No princípio, um gesto de amor romântico, aquele chamado eros, interpretado por músicos de fora, para dentro de um lar.

Durante algum tempo, no início da minha jornada como profissional da música, trabalhei com serenatas. Foram diversas situações, das mais tradicionais às mais inusitadas. Testemunhei revelações das mais inesperadas e até um pedido de casamento rejeitado. Embora tivesse presenciado muitos gestos românticos, foi nesse trabalho que aprendi outras significações para serenata e que além do amor eros, ela também poderia ser uma manifestação genuína do amor filia e até o agape.

Neste momento atual, no início do outono de 2020, a vida de todos nós tomou um rumo inesperado. Tivemos que nos recolher em nossas casas para tentar evitar uma tragédia de proporções globais. Tivemos que reinventar o nosso modo de viver e conviver com entes queridos mesmo à distância.

E no meio de tantas novas formas de conviver que temos descoberto, eis que na janela de um edifício surge um músico tocando seu instrumento, rompendo a morbidez do silêncio do isolamento. Em outro canto, surge um canto, também da janela, da cantora de voz doce pedindo “paciência” a pessoas enclausuradas na vizinhança.

De repente, em toda a parte, as janelas se abrem, e as melodias que delas saem são declarações de amor ao próximo, que espalham um punhado de alegria nesse momento sombrio. São como serenatas invertidas, que nascem dentro dos apartamentos e abraçam o mundo lá fora, mas ainda são serenatas: irresistíveis declarações de todos os tipos de amor.

Obrigado a todos os antigos e novos seresteiros do outono de 2020.

⁴³ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/blog-do-fausto-macedo/serenata-invertida/>

3.7 FAÇA-SE A MÚSICA!⁴⁴

Florinda Cerdeira Pimentel
2020

Benditas são as mentes criadoras que combinam sons e silêncio e os transformam em música. Mas o que inspira a mente de um compositor?

A resposta vem das mais diversas origens. As mulheres inspiravam e continuam inspirando os compositores em suas criações: basta lembrar que temos a Amélia, a Luísa, a Isabela, a Gabriela, a garota misteriosa de Ipanema e tantas outras musas inspiradoras, sem deixar de citar a Ana Júlia e aquela, cujo nome é Jennifer.

Alguns buscam sua motivação na política, protestam contra injustiças, contra a corrupção, contra a vida dura da população. Outros, simplesmente deixam a mente fluir e o que sair, saiu. Muitos falam de amor, cantam o amor, tocam o amor e quanta beleza existe quando se traduz o amor em música!

A música nem sempre necessita de palavras, a própria combinação de sons e silêncio é capaz de impactar o ouvinte. Pode-se fazer a experiência de colocar um fone de ouvido e se deixar levar por uma música instrumental, um jazz ou uma música clássica e realizar uma viagem incrível que pode variar dependendo do estado de espírito do ouvinte. Quem promove essa experiência sensorial é o compositor, que com muita sensibilidade, converte símbolos musicais em melodias, ritmos e harmonias, dando vida as histórias das mais variadas situações.

Em 15 de janeiro, comemora-se o seu dia. Mas afinal, qual é o perfil do compositor, existem parâmetros que o definam? Sabemos que existe a profissão do compositor, o músico que estuda toda a fundamentação teórica que envolve a produção de uma obra musical. Mas e quem não tem conhecimento teórico, não sabe ler uma partitura, porém compõe músicas mesmo assim, pode ser considerado um compositor?

Por que não?

Pensem em quantas mães e avós criam cantigas para embalar suas crianças, quantas pessoas criavam e ainda criam músicas para se inspirar durante o trabalho, quantos professores compõem canções, paródias, melodias para facilitar o entendimento de seus alunos em seu aprendizado

⁴⁴ Disponível em: <https://www.tribunaribeirao.com.br/site/faca-se-a-musica/?amp>

E os bebês quando se comunicam através de seus balbucios melodiosos não são compositores de sua própria linguagem? Segundo a atriz e diretora americana Phylicia Rashad, “antes de uma criança começar a falar, ela canta”. Considerando essa reflexão, pode-se dizer que o desejo de compor faz parte da expressão humana desde a mais tenra idade.

Existem músicas para tudo, tudo mesmo! E nem toda música foi criada por um profissional. Sendo assim pode-se afirmar que todos somos compositores, desde que surja uma ideia, uma necessidade, um pretexto qualquer que desperte o fazer musical.

3.8 FESTAS JUNINAS - TRADIÇÃO INTERROMPIDA E NOVAS IDEIAS PARA NÃO PASSAR EM BRANCO⁴⁵

Florinda Cerdeira Pimentel
2020

“Olha o Corona Vírus! É verdade!”

Este ano, devido à pandemia, muitas coisas em nossa rotina ficaram diferentes: nosso jeito de trabalhar, estudar, comprar, comemorar as datas que para nós são importantes e enfim, chegamos ao mês de junho e o que muita gente temia aconteceu, chegaram as festas juninas e o coronavírus ainda está aí.

Mas e agora, o que fazer, cancelamos nossas festas? Deixamos de lado a nossa tradicional festa junina?

De jeito nenhum! Brasileiro que é brasileiro tem jeito para tudo.

Que tal buscarmos alternativas para celebrar com alegria as nossas tradições que estão fortemente enraizadas à nossa cultura popular?

Vamos então nos vestir de alegria, com cores, tranças e chapéu de palha, vamos dançar um forró, uma quadrilha, um arrasta pé, um xote, não sei, o ritmo você escolhe, mas cada um na sua casa, quem tem par que pegue o seu, quem não tem, se apegue a Santo Antônio, quem sabe ano que vem?

Vamos encher a casa com aromas de festa? Pipoca, quentão, cachorro quente, canjica e bolo de fubá, não precisa muita coisa, o importante é partilhar, dizem que cozinhar é um ato de amor, então cozinhe com sua família, faça um bolo com suas crianças, divirta-se.

Aproveite a alegria, junte toda a família e convide a criançada, vamos cortar bandeirinhas de todas as cores e pendurar nas janelas, sacadas e mostrar para a vizinhança que na sua casa a tradição não morreu.

Solte o som, arraste o sofá, cores, cheiros e muita alegria, sua festa junina será positivamente inesquecível.

E que tal as brincadeiras?

Separe algumas guloseimas ou pequenas surpresinhas fáceis de encontrar (não vale fazer aglomeração no mercado) e brinque de pescaria, tiro ao alvo, boca de palhaço e outros jogos tradicionais que possam divertir as crianças.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.segs.com.br/demais/237920-festas-juninas-tradicao-interrompida-e-novas-ideias-para-nao-passar-em-branco>

A sala da sua casa ou o seu quintal podem se transformar em arraiá e no final, você pode combinar com seus amigos e familiares distantes, uma reunião por uma plataforma on line para colocar o papo em dia e matar um pouco da saudade.

Então, mãos à obra!

O coronavírus pode ter transformado nosso jeito de festejar, mas nós podemos tirar proveito da situação e provar que somos capazes de driblar a tristeza e trazer para nossa família um pouco de alegria em tempos difíceis, pedindo à São João que esta pandemia vá embora logo e tomando todos os cuidados necessários para que ninguém venha a conhecer São Pedro antes da hora.

Viva Santo Antônio! Viva São João! Viva São Pedro!

3.9 MÚSICA SOLIDÁRIA – NO PALCO DE CASA⁴⁶

Florinda Cerdeira Pimentel
2020

Em março de 2020 e em meio a tantas notícias trágicas, eis que algo belíssimo estampava quase todos os jornais do mundo: “italianos em quarentena cantam e tocam em suas janelas e sacadas”. Pronto, deu-se início a um movimento que eu me atrevo humildemente a chamar de Música Solidária.

É certo que estamos vivendo tempos difíceis, mas neste movimento solidário de mostrar aquilo que se tem de melhor aos vizinhos, de repente veio a ideia de mostrar ao mundo o que temos de melhor, aquilo que podemos fazer para que este distanciamento social se torne mais suportável.

Mas algo que me faz refletir sobre estes dias são as *lives*. São tantas e para todos os tipos de público, todos os estilos musicais, todos os gostos: sertanejo, clássico, rock, pop, música para dançar, chorar ou curtir. Nossos ídolos, de shows caríssimos, movidos a megaproduções, com grandes equipes, infraestrutura, estão ali na tela do nosso celular e muitas vezes na tela do celular deles, com uma maquiagem improvisada, equipamentos de som portáteis, talvez alguns ajustes de edição (ou não). Os artistas, assim como todos nós, também estão em casa, e se você prestar atenção poderá ver ao fundo uma foto, uma cama bagunçada, uma imagem de algum santo, um bicho de estimação, uma rede... Mas o que será que tem levado tantos famosos a realizar essas *lives*?

Existe uma definição para música, do compositor italiano Paschoal Bona, que diz: “A música é a arte de manifestar os diversos afetos da alma mediante o som”.

O artista sem o seu público não tem voz e, com tantos shows cancelados, a utilização da tecnologia e das redes sociais para alcançar o público em casa tem sido algo incrível, pois se criou a possibilidade de alcançar os fãs mesmo em tempos de distanciamento social. Inclusive, para muitos desses músicos tem sido inspiração para compor músicas inéditas com a temática do que estamos enfrentando, com intuito de incentivar e homenagear àqueles que estão na linha de frente batalhando pelas vidas e também levar um pouco de alegria aos lares das

⁴⁶ Disponível em: <https://www.jornalrol.com.br/o-leitor-participa-florinda-cerdeira-pimentel-musica-solidaria-no-palco-de-casa/>

peessoas que sofrem em meio a tantas notícias tristes. A música tem sido para muitos uma terapia, uma forma de expressão, de comunicação, como se através das *lives* os artistas rompessem as fronteiras distância para dizer às pessoas que tudo ficará bem.

Uma grande lição que podemos tirar disso tudo é que, famosos ou não, nessas horas somos todos iguais, somos humanos, temos uma vida privada, sentimos medo, insegurança, vivemos incertezas e quando tudo isso passar, com certeza, os shows apoteóticos voltarão a acontecer e os estádios e teatros voltarão a ficar lotados de fãs que jamais se esquecerão do dia em que viram seus artistas favoritos no palco mais improvável em que poderiam estar: em casa.

3.10 CORO VIRTUAL⁴⁷

Jeimely Heep Bornholdt
2020

Uma possibilidade para aproximar os coralistas em tempos de pandemia é a prática de coro virtual, que tem se mostrado cada vez mais frequente. Regentes e maestros, que até então tinham por propósito ensinar a estética da música, começaram a editar e criar guias de ensaio. Eles precisaram se reinventar para tornar essa aproximação possível e dar prosseguimento aos trabalhos de canto coral, proporcionando um novo olhar para a estética musical.

A prática do canto em grupo é observada desde os primórdios da Antiguidade Clássica e em diferentes culturas. Para ilustrar a frase anterior, podemos destacar o canto nas igrejas no Período Renascentista, quando começou a ser empregado o uso da língua materna por Martin Lutero. Em diversas épocas até a atualidade, outros exemplos são os cantos em grupo nos rituais indígenas. Por um prisma mais contemporâneo, podemos ver o trabalho de ONGs ao promover atividades direcionadas ao desenvolvimento da musicalidade e da educação musical.

O coro virtual consiste na junção de vários vídeos individuais para que as vozes unidas façam essa prática do canto em grupo. Os regentes produzem guias para cada naipe e passam para os coralistas, cada qual gravando individualmente sua voz. A guia auxilia para que todos os integrantes cantem no mesmo andamento, critério este fundamental para que a junção de todas as vozes seja perfeita.

Neste cenário, os regentes também precisaram ampliar o conhecimento da tecnologia, incluindo programas de edição de som, música e imagem.

No mesmo contexto, os coralistas também precisam alinhar seus conhecimentos em relação aos recursos tecnológicos disponíveis. Escutar a guia, acompanhá-la e gravar o vídeo demandam novos esforços, além de todos os cuidados que já tinham de técnica vocal.

Essa prática promove um aprendizado significativo tanto para o regente quanto para os coralistas. Há uma forte contribuição na manutenção dos vínculos do coro ou grupo vocal durante o distanciamento social vivido nos últimos meses.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.bheventos.com.br/noticia/11-09-2020-coro-virtual>

3.11 A TRILHA SONORA DE UMA OLIMPIÁDA EXTRAORDINÁRIA⁴⁸

Alysson Siqueira
2021

Ficará marcado na história que os Jogos Olímpicos de 2020 foram realizados em 2021, com um ano de atraso. Mas além do fato curioso, muitas características peculiares marcam a realização dessa edição dos jogos, entre elas, a sonoridade. Não faltam os hinos nacionais – identidade sonora dos países representados pelos campeões. Também teve aquela música soando ao fundo enquanto os apresentadores narram a entrada das delegações na cerimônia de abertura e, claro, esse grande evento inicial é sempre repleto de música nacional e também universal, como *Imagine* de John Lennon.

Mas quando tratamos de trilha sonora, nos referimos a todo o universo sonoro que se associa à cena. Além da música, existem ruídos contínuos de fundo, ruídos esporádicos, vozes, falas, gritos, e todo tipo de som. Em um evento esportivo existe um *background* composto pelos sons ambientes e murmúrio vindo das arquibancadas. Existem gritos, coros de torcida e reações espontâneas individuais ou coletivas, como na comemoração de um gol.

Em 17 de setembro de 2020, o sueco Armand Duplants atingiu a marca impressionante de 6,15 metros no salto com vara e bateu o recorde mundial de Sergey Bubka que perdurava por 26 anos. Um feito digno de ovações da multidão. Porém, a conquista histórica foi sonorizada pelo locutor do evento e pela reação entusiasmada das pessoas que trabalhavam na pista de atletismo.

Os jogos Olímpicos do Japão viveram um dilema em relação à presença de público nas arenas. A organização dos jogos chegou a anunciar a liberação da ocupação de 50% das arenas, limitada ao público de 10 mil espectadores, mas por fim prevaleceu a preocupação em relação ao crescente número de casos da COVID-19 em Tóquio, e as arquibancadas ficaram sem público. Sem espectadores externos, mas com atletas e colaboradores testemunhando presencialmente e sonorizando, com uma massa sonora rarefeita, os feitos históricos dos Jogos Olímpicos.

⁴⁸ Disponível em: <https://horacampinas.com.br/artigo-a-trilha-sonora-de-uma-olimpiada-extraordinaria-por-alysson-siqueira/>

A ausência de torcedores de todas as nações traz consequências visuais e sonoras. O protagonismo sonoro é total dos gritos dos atletas, dos treinadores, dos narradores, dos sons da arbitragem, da mão batendo na bola, da bola encostando na rede, dos corpos quebrando barreiras, de humanos desafiando limites e do “Baile de Favela” sendo banhado a ouro. E de tudo isso reverberando muito mais em construções monumentais vazias. Ao medalhista de ouro, cabe um solo do hino de seu país, ao invés de um grande coro formado por centenas ou milhares de vozes dos torcedores.

Poderia ser triste, mas não é. Pelo contrário, tão somente a realização dos jogos, a volta dos aplausos, dos “ahs” e dos “uhs”, ainda que em intensidade reduzida, indica que estamos com a vitória encaminhada: a vitória da vida contra um vírus que desde o início de 2020 nos tem silenciado.

3.12 A PRÁTICA DE INSTRUMENTOS DE SOPRO NA RECUPERAÇÃO DA COVID-19⁴⁹

Florinda Cerdeira Pimentel
2021

De tantas tragédias que vemos na TV todos os dias, uma notícia muito interessante e animadora me chamou a atenção. É sobre o músico Caetano Kraemer, que tem se recuperado das sequelas da Covid-19 tocando seu saxofone. De acordo com seu fisioterapeuta, a prática do instrumento impediu o surgimento de uma deformidade de tórax, uma vez que, Caetano também possui um quadro grave de asma.

Com o número de casos de Covid-19 subindo a cada dia, sobe também o número de recuperados e destes, muitos se queixam de sequelas como, por exemplo, a perda do olfato, paladar e dificuldades respiratórias.

Sendo assim, vale refletir: A prática de instrumentos de sopro contribui para melhorar a capacidade pulmonar?

Assim como atletas da natação e outras modalidades esportivas precisam de fôlego para realizar suas atividades, os instrumentistas de sopros também demandam de força e habilidade de controle respiratório para que haja a emissão correta dos sons pelo instrumento. Esta habilidade é alcançada mediante a treinos específicos que ampliam significativamente a capacidade pulmonar do indivíduo. Uma das técnicas principais ocorre pela respiração diafragmática, em que o instrumentista aprende a utilizar a força muscular do diafragma para controlar entrada e a saída de ar.

Estudos com fonoaudiólogos mostram que a prática de instrumentos de sopros como um recurso terapêutico, promove um auxílio importante na capacidade respiratória em pacientes com a doença de Parkinson (DP). Segundo as autoras do estudo, Rosa, Cielo e Cechella (2009), a prática de um instrumento de sopro, agregado a exercícios respiratórios específicos, expande e fortalece o músculo pulmonar.

Um outro estudo realizado pela Universidade São Camilo (SP), avaliou a função pulmonar de 77 músicos da Escola Municipal de Música de São Paulo,

⁴⁹ Disponível em: <https://saladanoticia.com.br/noticia/11145/a-pratica-de-instrumentos-de-sopro-na-recuperacao-da-covid-19>

sendo 51 instrumentistas de sopro e mais 26 músicos que tocavam outros instrumentos. Os músicos foram submetidos a testes de capacidade pulmonar e força respiratória. Neste estudo foi possível observar que, os instrumentistas que tocam instrumentos de sopro adquiriram, com a prática, uma maior capacidade pulmonar em relação a força muscular, qualidade e controle respiratórios, comparado aos músicos que tocam outros instrumentos, como cordas e percussão.

Mas afinal, o que é um instrumento de sopro?

São instrumentos musicais em que a produção sonora é realizada mediante ao sopro dentro de um tubo. Este tubo possui várias formas e tamanhos e diversas maneiras de soprar, por vibração de palhetas simples, como clarinete e sax; palhetas duplas, como oboé, corne inglês e fagote; embocadura livre, como a flauta transversal e o flautim; ou ainda bocais, como os instrumentos de metal que são trompetes, trompas, bombardinos, tubas e outros. Quanto maior o instrumento, mais grave será o seu som e quanto menor, mais agudo.

Como instrumentista de flauta transversal há mais de 30 anos, posso afirmar que a prática de tais instrumentos exige do músico um treino respiratório capaz de aprimorar a funcionalidade pulmonar, devido à necessidade de possuir autocontrole durante a produção sonora em relação à intensidade do sopro, ao produzir uma nota forte ou fraca, ao direcionamento do sopro na emissão de diferentes alturas e fôlego suficiente para atingir notas longas sem perder a qualidade, intensidade e afinação.

E você, que conseguiu se recuperar da Covid-19, mas ainda sente dificuldades para respirar, que tal aprender a tocar um instrumento de sopro e colocar um pouco de música na sua vida?

3.13 EM QUANTO TEMPO EU APRENDO A TOCAR?⁵⁰

Alysson Siqueira
2021

Essa é uma pergunta recorrente no ensino de instrumentos musicais. Alunos, movidos pelo anseio de obter resultados o quanto antes, acabam deixando, muitas vezes, os professores em maus lençóis.

Mas trago aqui um alento. Mais do que uma tentativa vã de elaborar uma resposta padrão, quero mostrar que a pergunta pode ser uma excelente oportunidade de se abrir um diálogo a respeito de diversos aspectos do aprendizado de um instrumento musical.

Minha resposta inicial à pergunta seria “depende”. A partir daí, passaria a discutir sobre algumas das variáveis envolvidas no ato de aprender um instrumento musical.

O primeiro ponto que eu abordaria seria sobre o que significa “tocar um instrumento”. Eu poderia, numa primeira aula de piano, ensinar a localização das notas no teclado, o que é relativamente simples e, em seguida, apresentar uma melodia com poucos sons, que ele facilmente conseguisse reproduzir. Então, no primeiro encontro já teríamos um pianista? Ou somente aquele músico de técnica irrepreensível, que toca piano em casas de concerto, pode ser chamado de pianista? Naturalmente, entre o aluno da primeira aula e o pianista consagrado há uma infinidade de níveis que o estudante do instrumento pode atingir. Assim, o objetivo desse primeiro ponto da discussão seria compreender com clareza qual é o nível que o aluno pretende atingir, o que e para que ele quer tocar.

O aspecto seguinte seria a respeito do desenvolvimento motor necessário para se tocar um instrumento. Ora, se bem me lembro das minhas aulas de Educação Física, cada um dos meus colegas possuía níveis de coordenação motora diferentes. Mas vi muitos corpos desajeitados que, com uma boa dose de dedicação, conseguiram desenvolver seu aspecto motor e entrar para o time da escola. O mesmo observei em minha trajetória como professor de instrumentos: alunos que conseguiam tirar som do violão na primeira aula, enquanto outros demoravam semanas para isso. Testemunhei alunos que tiveram muita dificuldade no início, mas depois avançaram muito mais do que outros que se apresentaram

⁵⁰ Disponível em: <https://musicaeadoracao.com.br/73534/em-quanto-tempo-eu-aprendo-a-tocar/>

com uma boa dose de coordenação motora inicial. Esse é um aspecto que depende do corpo, de características fisiológicas individuais e também da motivação para repetir exercícios criados com a finalidade de desenvolver as habilidades motoras.

Esse seria o gancho para trazermos à pauta o aspecto da motivação para o estudo. O motivo da procura por aprender o instrumento está relacionado a isso, mas a motivação vai além. Ela diz respeito a quanto o aluno quer aprender. Tive muitos alunos que procuraram as aulas para realizar um sonho. Mas também recebi outros que queriam aprender o instrumento para relaxar. Desses, alguns se dedicavam bastante, cumprindo as tarefas em aula e em casa, e outros relaxavam em sala, explorando o instrumento de forma a relaxar de outras maneiras. Motivação, no ensino de um instrumento musical, gera comprometimento e quanto mais comprometido o aluno está, mais rápido ele alcança os resultados desejados.

E por falar em tempo, no meio da conversa surge outra pergunta embaraçosa: “professor, quanto tempo eu tenho que estudar por dia?”. Confesso que já calculei e tive um número como resposta. Mas logo entendi o quanto é pessoal essa questão do tempo, tanto daquele necessário para aprender o quanto se deseja, quanto daquele diário necessário para aprender na velocidade que se quer. No final das contas, cada um tem seu tempo e muitos irão acabar utilizando apenas o tempo que sobra das outras atividades diárias.

E lá se foi uma discussão de alguns minutos que serviu para o seu candidato a aluno entender os aspectos motivacionais, motores e de organização de estudos. A pergunta inicial não teve resposta imediata, nem deveria ter, pois, depois de um certo tempo, você irá ouvir seu aluno dizer “eu toco violão” e, enfim, a resposta estará pronta.

3.14 MÚSICA – TERAPIA PARA O CORPO E PARA A ALMA⁵¹

Alysson Siqueira
2021

Quem já conviveu com uma pessoa que se desfaz aos poucos? Um ser humano, que segundo Bakhtin tem sua existência social, vai perdendo aos poucos os seus vínculos afetivos com os costumes, com as pessoas e com tudo mais que o fazia pertencer a algo e, por consequência, ser.

Assim pensava eu, enquanto fitava aquela mulher à mesa que, em algum lampejo de memória, me reconhecia como seu filho. Sem saber o que fazer com a comida no prato, ela era agora uma projeção daquela mulher que me dera de comer. Mesmo assim, depois da refeição, começamos a cantar, e logo aquela música lhe alegrou o coração e o sorriso que nasceu em seu rosto trouxe de volta, ainda que momentaneamente, minha mãe ao convívio da família.

O impacto que a biografia musical causa nos idosos em quadros demenciais é capaz de resgatá-los do seu isolamento ao ambiente de trocas sociais. As músicas que marcaram cada momento de sua trajetória constroem uma narrativa musical da história da sua vida, e o vínculo emocional com essas melodias as faz recordar de quem são.

O reconhecimento da importância da música no tratamento de pacientes com quadros demenciais é notório. Recentemente, ao pesquisar lares de idosos e atentar para a programação de atividades, senti-me surpreso ao ver que em todas essas casas havia atividades musicais para os moradores semanalmente. Em muitas delas, a música tem fins terapêuticos e a atividade é justamente chamada de Musicoterapia.

Provocar esse impulso em idosos com demências é apenas uma das funções da Musicoterapia em seu tratamento. Associada às expressões corporais, a música pode ser importante no desenvolvimento das funções motoras, e além de resgatar a memória afetiva do passado, pode ser importante também para o desenvolvimento de novas relações sociais. Ela serve a outros públicos também, como pessoas com transtorno do espectro autista, déficit de atenção e todas as pessoas dispostas a usar música para melhorar sua saúde mental e física.

⁵¹ Disponível em: <https://www.segs.com.br/demais/310032-musica-terapia-para-o-corpo-e-para-a-alma>

A Musicoterapia surgiu no início do século XX, nos Estados Unidos, e ganhou força logo depois da Segunda Guerra Mundial, devido ao tratamento bem-sucedido de pacientes com traumas pós-guerra, que foram melhorando com a utilização da música como terapia.

No Brasil, os cursos de Musicoterapia começaram a surgir na década de 1960 e a profissão de musicoterapeuta tem sido cada vez mais valorizada em instituições particulares. Vencida a resistência inicial, agora a atividade precisa ser oficialmente reconhecida e requisitada também na esfera pública.

Para isso, é preciso que o projeto de lei 6379/2019, desde maio de 2021 em análise na Comissão de Constituição e Justiça, seja aprovado. Aí sim teremos o reconhecimento digno da profissão, a abertura de novas oportunidades aos musicoterapeutas e a chance de muito mais gente cuidar de sua saúde através dos efeitos benéficos da música.

3.15 VOCÊ É FELIZ? – REFLEXÕES SOBRE EDGAR MORIN E A POESIA DA VIDA⁵²

Larissa Priscila Bredow Hilgemberg
2021

Você é feliz? Você consegue responder esta pergunta? E, como você se sente quando pensa sobre a sua felicidade?

Se você não soube responder minha pergunta, leia o que Edgar Morin tem para nos explicar sobre Felicidade!

Em 2021, Edgar Morin completou 100 anos de vida. Ele, que é filósofo, sociólogo e antropólogo, conhecido principalmente como pai da teoria da complexidade, é também um pensador sobre a felicidade e a poesia da vida. Mas, o que seria a poesia da vida? E por que compreender e refletir sobre os ensinamentos de Morin podem nos ajudar a responder à pergunta que fiz anteriormente: você é feliz?

Morin afirma que nossa vida é parte prosa e parte poesia.

A prosa é a nossa vida prática, são as responsabilidades do dia a dia, as contas para pagar, os problemas que surgem e que precisam de soluções, são as nossas obrigações, e, assim como o texto em prosa, é uma vida padronizada e séria.

Por outro lado, a poesia, assim como o gênero literário, é artística, criativa, bela. É o que Morin diz que “nos faz florescer, nos faz amar, nos faz comunicar”.

A felicidade, para o filósofo, não é contínua, temos muitos momentos de infelicidade em nossa vida. É possível, inclusive, que você tenha respondido à pergunta que fiz no início com um “não sou, mas, estou feliz” ou, ainda, se você estiver em um dia ou momento de vida difícil tenha respondido com um sonoro “Não, não sou feliz”. A felicidade é frágil e ela depende de nossos momentos de poesia, e não dos momentos de prosa.

A prosa nos permite sobreviver, permite que cumpramos nossas obrigações. Mas, a poesia, ah, a poesia é o que nos possibilita mais do que apenas sobreviver, ela nos permite viver! E é vivendo a vida poeticamente que encontramos os

⁵² Disponível em: <https://www.jornalpoiesis.inf.br/post/voc%C3%AA-%C3%A9-feliz-reflex%C3%B5es-sobre-prosa-e-poesia-da-vida>

momentos de felicidade e alegria que precisamos para seguir em frente, é na poesia que podemos sonhar, criar, amar e ser amados.

Então, eu reformulo minha pergunta para você: você vive sua vida poeticamente? Permite que a poesia complete cada espacinho do seu dia e do seu viver? Ou você foi preenchido totalmente por um texto em prosa, cheio de deveres e importâncias, mas monótono, sem graça, sem beleza ou êxtase?

Espero que sua resposta tenha sido positiva para uma vida poética, mas, se por acaso sua vida está mais para a prosa que para a poesia, convido você (e a mim também, todos os dias) a olhar para dentro de si e encontrar aquele pedacinho de poesia que sobrou e, assim como a massa de pão, que precisa ser trabalhada para crescer, você comece a trabalhar diariamente a poesia da sua vida, para que ela cresça e traga aquele cheiro bom como o pão logo depois de assado.

Aliás, é nos pequenos detalhes da vida que encontramos essa poesia, no pão e café cheirosos, no pôr do sol, na chuva colorindo o asfalto. Em uma vida em que já temos tanta prosa (que encontramos tantos problemas em nós e em nossa sociedade), é nos momentos de felicidade diária que conseguiremos encontrar poesia e beleza.

E, se você ainda não sabe onde encontrar a poesia da vida, Morin explica: “ora, a poesia da vida está no amor, na amizade, no divertimento, na dança, no êxtase, na festa”.

Desejo a você, leitor, uma vida repleta de poesia!

3.16 COPA DO CATAR: QUAL SERÁ A MÚSICA DO HEXA?⁵³

Alysson Siqueira
2022

“A Taça do Mundo é nossa! Com brasileiro não há quem possa”, com “Didi, Garrincha e Pelé dando seu baile de bola”, são “noventa milhões em ação”, cantando “Pra frente, Brasil! Salve a seleção!”. Da marcha de Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagô, composta para celebrar o primeiro título mundial do Brasil, em 1958, na Suécia, passando pelo “Frevo do Bi”, de Jackson do Pandeiro, que embalou a conquista do bicampeonato mundial, no Chile, em 1962, culminando com “Pra frente, Brasil!”, do publicitário Miguel Gustavo e do trombonista Raul de Sousa, que foi tema do tricampeonato no México, em 1970, foram 12 anos em que o Brasil se estabeleceu como o primeiro a vencer três vezes a Copa do Mundo, sedimentando sua fama de “país do futebol”.

Depois de 1970, levou 24 anos para o Brasil voltar a conquistar um novo título. Em 1994, nos Estados Unidos, Bebeto, Romário e companhia conduziram a seleção ao tetracampeonato, ao som de “Coração verde e amarelo”, de Tavito e Aldir Blanc, tema das transmissões da TV Globo e que se repetiria nas Copas seguintes.

O pentacampeonato veio em 2002, marcando a redenção de Ronaldo Nazário, ao som de músicas que não foram compostas para ser tema da seleção, como “A Festa”, de Ivete Sangalo, e “Deixa a vida me levar”, de Zeca Pagodinho, que era uma música de comemoração dos próprios jogadores.

Essas cinco músicas estão eternizadas como símbolos das cinco conquistas da Seleção Brasileira em copas do mundo. Qual será o tema do hexacampeonato? Antes, vamos conhecer outras canções que pleitearam ser tema de conquistas do Brasil.

Em 1974, “Cem milhões de corações” viram frustrado o sonho do tetracampeonato na Copa da Alemanha. O mesmo ocorreu em 1978, na Argentina, com o tema “Bola pra frente”. O curioso é que essas duas canções possuem muito em comum com “Pra frente, Brasil!”, mencionando a população brasileira, trazendo a ideia de um povo unido, mesmo quando o cenário político da época não era esse.

⁵³ Disponível em: <https://www.Uninter.com/noticias/copa-do-catar-qual-sera-a-musica-do-hexa#:~:text=A%20can%C3%A7%C3%A3o%20da%20Coca%2DCola,de%20Samuel%20Rosa%2C%20do%20Skank.>

Na Copa da Espanha, em 1982, “Voa, canarinho, voa” foi interpretada pelo craque Júnior, jogador daquela seleção que caiu diante da Itália. No México, em 1986, “Mexê Coração” foi o tema da TV, mas Gal Costa também embalou aquela seleção com “70 Neles outra vez Brasil”, mas sucumbimos diante da França, após disputa de pênaltis, nas quartas de final.

Na Copa da Itália, em 1990, “Papa essa, Brasil” não conseguiu motivar a seleção, que caiu logo nas oitavas de final, diante da Argentina. Em 1998, na França, o tema da torcida foi “É uma partida de futebol”, do Skank. Embalo que parece ter se esvaído com a apatia da final e a derrota para os donos da casa.

Em 2006, na Alemanha, Gilberto Gil trouxe seu “Balé de Berlim”, e Jair de Oliveira gravou sua “Mais uma Estrela”. Mas nem músicas, nem a seleção, que era a favorita, perpetuaram-se na história.

Na Copa da África do Sul, em 2010, nada foi tão sonoro quanto as vuvuzelas da torcida. A canção da Coca-Cola, “*Wavin’ Flag*”, ganhou versão em português na voz de Samuel Rosa, do Skank. No campo, o Brasil ficou nas quartas de final, após derrota para a Holanda.

Na Copa de 2014, no Brasil, Gaby Amarantos e o Monobloco gravaram “Todo Mundo”. Mas a campanha do banco Itaú trouxe “Mostra tua força, Brasil”, nas vozes de Fernanda Takai e Paulo Miklos, com mais potencial motivacional. Porém, o som que marcou aquela Copa foi o silêncio da torcida brasileira após derrota humilhante para Alemanha, por 7 a 1, na semifinal.

Veio a Copa da Rússia, em 2018, e a cantora Anitta trouxe uma nova roupagem a “Mostra tua força, Brasil!”. Mas a seleção não conseguiu passar pela melhor geração de jogadores da Bélgica, e ficou nas quartas de final.

Em tese, de 2006 em diante, já tivemos diversos postulantes a tema do hexa. “Coração Verde e Amarelo” é um candidato emérito desde sua criação, em 1994. “Mostra tua força, Brasil!” já vai para sua terceira tentativa, agora com a interpretação de Ludmilla e com a energia da Timbalada.

Mas há novidades também nesse cenário. Latino já lançou a sua “Retomada” – canção que busca incentivar o Brasil na Copa e, ao mesmo tempo, celebra a volta à normalidade depois da fase mais aguda da pandemia de covid-19. E, evidentemente, durante os 28 dias de Copa do Mundo, alguma música pode

emergir da torcida, dos jogadores, das redes sociais como tema de uma seleção que irá avançando e conquistando corações a cada vitória.

3.17 FESTIVAL DE TEATRO DE CURITIBA EM FESTA!⁵⁴

Alysson Siqueira
2022

O ano de 1992 antecedia o tricentenário da cidade de Curitiba. Entre os diversos preparativos para as celebrações, os curitibanos viram ser construído, em cerca de 75 dias, um novo ponto turístico e de promoção de cultura: o Teatro Ópera de Arame. Em sua inauguração, nada menos do que William Shakespeare e a célebre “Sonho de uma noite de verão”, dirigida por Cacá Rosset, deram vida ao seu palco. A inauguração da nova casa de espetáculos era também a noite de abertura do I Festival de Teatro de Curitiba: uma dupla injeção de ânimo na cena cultural da cidade.

Em sua primeira edição, o festival contou com 14 espetáculos, e logo nos anos seguintes demonstrou seu grande potencial de crescer, não apenas em número de sessões, mas em direções diversas, criando braços sempre conectados ao corpo das artes cênicas.

O Festival de Teatro de Curitiba nasceu com a intenção de trazer grandiosos espetáculos à cidade. Muitos deles, de renomados diretores, atrizes e atores nacionais, agendam suas estreias para o festival. Essa predileção por nomes consagrados da cena teatral fez com que os artistas locais, buscando oportunidades em meio à efervescência cultural do festival, promovessem em 1998 a primeira edição do Fringe: mostra paralela, sem curadoria, inspirada em um evento de mesmo nome ocorrido em Edimburgo, na Alemanha. O Fringe é um desdobramento do Festival de Teatro de Curitiba, que acaba democratizando as artes cênicas tanto para público, que tem sessões de teatro com ingressos a preços mais acessíveis, quanto para os artistas locais e de diversos outros lugares, que podem divulgar seu trabalho ao público do Festival.

Depois do Fringe, outros braços do Festival de Teatro surgiram. O Risorama é um festival paralelo de *stand-up comedy*. O Gastromix é um evento que reúne, em um mesmo local, chefs reconhecidos internacionalmente e alguns dos melhores músicos da cidade. O MishMash é uma mostra de artes circenses, que entrou para a programação do festival em 2009. Há também o Programa Curitiba, com foco na formação de público, além de exposições, interlocuções e mostras variadas.

⁵⁴ Disponível em: <https://paranashop.com.br/2022/04/festival-de-teatro-de-curitiba-em-festa/>

3.18 MULHERES MUSICISTAS: TALENTOS FEMININOS QUE VALE A PENA CONHECER⁵⁵

Florinda Cerdeira Pimentel
2022

Quando se pensa em grandes compositores da música clássica, logo vêm à mente Bach, Vivaldi, Mozart, Beethoven, Chopin, Schumann, Brahms, Mendelssohn, Tchaikovsky e muito outros, todos homens. No Brasil, não é diferente, temos Carlos Gomes, Heitor Villa-Lobos, Camargo Guarnieri e Chiquinha Gonzaga, despontando num meio predominantemente masculino.

Será que não existiram instrumentistas ou compositoras de música clássica na história da música ocidental? Claro que existiram! E ainda existem muitas mulheres de talento que passam despercebidas pela história por conta da cultura da época, preconceito e sexismo.

Quer conhecer um pouco mais? Destaco aqui cinco compositoras de música clássica com talento inestimável. Começo pela italiana Maddalena Casulana (1544–1590), musicista no final do Renascimento. Cantora e compositora, além de tocar alaúde, foi a primeira mulher a ter um livro inteiro de música publicado e impresso. O título “*Il primo libro di madrigal*” foi publicado em Veneza e trazia suas composições de madrigais para quatro vozes.

Maria Anna Walburga Ignatia Mozart (1751–1829) é a minha outra eleita. Desenvolveu exímio talento ao cravo ainda na infância, porém, sendo cinco anos mais velha que seu irmão Wolfgang Amadeus Mozart, foi impedida de acompanhá-lo em suas viagens e apresentações, pois já havia atingido a idade de se casar. Há indícios de que era compositora, pois recebeu cartas de Wolfgang elogiando seu trabalho, entretanto, nem seu pai, nem seu irmão mencionou sobre suas composições.

Outro talento é Fanny Mendelssohn (1805–1847), com 466 composições conhecidas, tendo como destaque o “*Oratorium nach Bildern der Bibel*” (1831) para coral, orquestra e solistas. Teve um irmão mundialmente reconhecido no meio musical, Felix Mendelssohn, autor da famosa “Marcha nupcial”. Ela fez aulas de piano somente para tocar em casa para a família, pois o fato de ser mulher a

⁵⁵ Disponível em: <https://www.plural.jor.br/artigos/mulheres-musicistas-talentos-femininos-que-va-le-a-pena-conhecer/>

impedia de exercer uma profissão. Fanny apresentou um grande virtuosismo musical e demonstrou interesse em se tornar compositora, o que, para a época, era uma vergonha para a família. Entretanto, quando se casou, teve apoio do marido, podendo realizar recitais em casa e posteriormente algumas apresentações em público.

Clara Schumann (1819–1896) foi esposa e parceira de trabalho do compositor Robert Schumann. Era uma grande pianista, mas precisou interromper seu trabalho musical muitas vezes devido a problemas pessoais. Viúva, Clara dedicou sua vida a promover e divulgar a obra de seu marido Robert Schumann. Teve também como parceiro de trabalho o compositor Brahms.

Outra de talento foi Dinorá de Carvalho (1905–1980), compositora, pianista e a primeira brasileira a reger uma orquestra. Além disso, foi a 1.^a mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Música, fundada por Heitor Villa-Lobos em 1945. No ano de 1930, criou e dirigiu a Orquestra Feminina de São Paulo, a primeira orquestra da categoria na América Latina. Seu trabalho rendeu diversas premiações e reconhecimento nacional e internacional.

Atualmente a música contemporânea conta com muitas musicistas, entretanto, ainda existe preconceito nesse meio, tanto na escolha do instrumento, na tessitura da voz ou até mesmo no estilo musical considerado “adequado” a mulher.

A música é uma linguagem de expressão artística com várias vertentes, muitas possibilidades. Enquadrar a mulher em um pequeno grupo selecionado a ela pela sociedade é privar a própria sociedade de desfrutar de possíveis grandes talentos musicais.

SOBRE OS AUTORES

Alysson Siqueira – Graduado em Engenharia Civil (UFPR) e Bacharel em Música pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Especialista em Música Popular Brasileira (FAP). Mestre em Música (UFPR). Vinculado ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas” na linha de pesquisa "Perspectivas no Ensino da Arte na Modalidade EAD". Professor do curso de Música do Centro Universitário Internacional Uninter.

Ana Lucia Zattar Coelho – Graduada em Educação Física (PUC-PR); licenciada em Geografia (Uninter); Especialista em Gestão e Liderança Educacional (FAE) e em Meio ambiente e saúde (Uninter). Vinculada ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas”. Professora de Educação Física do Centro Universitário Internacional Uninter.

André Luiz Pinto dos Santos – Graduado em Bacharelado em Pintura (EMBAP); Licenciado em Desenho (EMBAP), História (Uninter) e Filosofia (Uninter); Especialista em Fundamentos do Ensino da Arte, Gestão Escolar e Formação Docente para EaD; Mestre em Educação e Novas Tecnologias; Vinculado ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas” na linha de pesquisa "Perspectivas no Ensino da Arte na Modalidade EAD"; Professor dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do Centro Universitário Internacional Uninter.

Carlos Alberto Holdefer – Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física (UNIGUAÇU/FAESI-PR); Licenciado em Pedagogia (Uninter); Especialista em Gestão de Projetos em Eventos (Uninter) e em Formação Docente para EaD (Uninter). Vinculado ao grupo de pesquisa “EAD, presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas

públicas”. Professor de Educação Física do Centro Universitário Internacional Uninter.

Emerson Liomar Micaliski – Graduado em Educação Física pela (PUCPR); Especialista em Educação Física Escolar pelo Centro Universitário Internacional (Uninter); Especialista em Formação Docente para EAD (Uninter); Mestre em Teologia e Sociedade pela (PUCPR); Doutorando em Educação Física (UFPR). Vinculado ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas”. Atualmente é professor e coordenador dos cursos de Pós-Graduação Lato Sensu da Área Desportiva do Centro Universitário Internacional Uninter.

Etienne Marcelino Henklein – Licenciado em Artes Visuais (FAP); Especialista em Metodologia do Ensino de Artes e Formação Docente para EaD (Uninter); Vinculado ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas” na linha de pesquisa "Perspectivas no Ensino da Arte na Modalidade EAD"; Professor no curso de Design do SENAC-PR e dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do Centro Universitário Internacional Uninter.

Evelyne Correia – Graduada em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR); Especialista em Fisiologia do Exercício pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Vinculada ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas”. Atualmente é professora dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física do Centro Universitário Internacional Uninter.

Fabiana Kadota Pereira – Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); Especialista em Recreação, Lazer e Animação Sociocultural pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); e em Ecoturismo (Uninter). Vinculada ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas

públicas”. Professora dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física do Centro Universitário Internacional Uninter.

Fernanda Letícia de Souza – Graduada em Educação Física (FURB); Especialista em Fisiologia do Exercício e Prescrição de Exercício Físico (IPGEX-SC). Vinculada ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas”. Atualmente é professora dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física do Centro Universitário Internacional Uninter.

Florinda Cerdeira Pimentel – Licenciada em Música (UNESPAR) e em História (Uninter); Especialista em Educação Musical e em Formação Docente para o EaD; Mestre em Música (UNESPAR), Vinculada ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas” na linha de pesquisa “Perspectivas no Ensino da Arte na Modalidade EAD”; Professora do curso de Música do Centro Universitário Internacional Uninter.

Jeimely Heep Bornholdt – Licenciada em Música (UFSM) e em Pedagogia (Uninter); Especialista em Educação Musical na Escola; Mestre em Música (UFPR); Vinculada ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas” na linha de pesquisa “Perspectivas no Ensino da Arte na Modalidade EAD”; Professora do curso de Música do Centro Universitário Internacional Uninter.

Katiuscia Mello Figuerôa – Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR); Licenciada em Pedagogia, Filosofia, Artes Visuais, Especialista em Educação Física Escolar, Formação Docente para EAD e História e Cultura Afro-brasileira e Indígena pelo Centro Universitário Internacional Uninter; Doutora em Ciências da Atividade Física e Desportiva (Universidade de León – Espanha); foi bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado Institucional da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na UFPR; Vinculada ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas

públicas” e ao Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva (IPIE - UFPR). Atualmente é docente dos cursos de Licenciatura e de Bacharelado em Educação Física e da pós-graduação do Centro Universitário Internacional Uninter, além de bolsista do CNPq em projeto realizado pelo Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva (IPIE - UFPR) em parceria com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e com o Ministério do Esporte.

Larissa Priscila Bredow Hilgemberg – Licenciada em Letras (UFPR), História (Uninter), Pedagogia (Uninter) e Sociologia (Uninter); Especialista em Pedagogia Empresarial e Educação Corporativa, Docência EAD e em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade; Vinculada ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas” e nas linhas de pesquisa "Intersecções: língua, cultura, história e tecnologias" e "Perspectivas no Ensino da Arte na Modalidade EAD"; Professora dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do Centro Universitário Internacional Uninter.

Marina Toscano Aggio de Pontes – Graduada em Educação Física pela Universidade Tuiuti do Paraná; Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (Uninter); Mestre em Educação pela Universidade de Araraquara (UNIARA); especialista em Docência no Ensino Superior (UNIAMÉRICA); especialista em Gestão Escolar (Uninter). Vinculada ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas”. Atualmente é professora dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física do Centro Universitário Internacional Uninter.

Regiane Moreira da Silva – Licenciada em Artes Visuais (FAP); Mestre em Tecnologia (UTFPR); Vinculada ao grupo de pesquisa “EAD, Presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas” na linha de pesquisa "Perspectivas no Ensino da Arte na Modalidade EAD"; Professora dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do Centro Universitário Internacional Uninter.

Tatiane Calve – Licenciada em Pedagogia pela Facon; Bacharel em Educação Física pela Unesp-Rio Claro; mestrado em Ciências da Motricidade pela mesma instituição; doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade Cruzeiro do Sul. Docente dos cursos de graduação em Educação Física, Pedagogia, Artes Visuais e Enfermagem do Centro Universitário Internacional Uninter. Tem experiência nas áreas de Envelhecimento, Psicomotricidade, Educação Física Adaptada e Inclusão. Vinculada ao grupo de pesquisa “EAD, presencial e o Híbrido: vários cenários profissionais, de gestão, de currículo, de aprendizagem e políticas públicas”.

Release

Em um momento da história em que a busca por informações confiáveis se tornou uma necessidade urgente, o grupo de professores da equipe de Linguagens Cultural e Corporal de um centro universitário apresenta um livro que busca aproximar o saber científico do cidadão comum.

A obra reúne textos de opinião que abordam temas atuais e cotidianos com base em estudos e reflexões desenvolvidas por docentes das áreas de Artes Visuais, Educação Física e Música, dos cursos de Bacharelado e Licenciatura. Com linguagem acessível, conteúdo informativo e abordagem crítica, o livro nasce do desejo de tornar o conhecimento acadêmico mais presente nas conversas do dia a dia, rompendo as barreiras entre universidade e sociedade.

Mais do que uma coletânea de textos, esta obra é um instrumento de democratização do conhecimento, propondo que a ciência esteja presente nas rodas de conversa, nos lares, nos ambientes de trabalho e nas redes sociais. É um convite à leitura, à escuta atenta e ao compartilhamento de saberes que fazem sentido na vida real.

Refletir, expressar, transformar. Este é o propósito desta publicação que, ao mesmo tempo em que informa, instiga e inspira, convida o leitor a ser protagonista de um movimento que valoriza o conhecimento, a cultura e a ciência no cotidiano.